

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MARIANA SCHADE DA SILVA

**O CANTO DO GALO DA VILA NO ESPÍRITO SANTO: A TRAJETÓRIA DO
ATLÉTICO ITAPEMIRIM E O SEU PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO NO
FUTEBOL**

VITÓRIA

2018

MARIANA SCHADE DA SILVA

**O CANTO DO GALO DA VILA NO ESPÍRITO SANTO: A TRAJETÓRIA DO
ATLÉTICO ITAPEMIRIM E O SEU PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO NO
FUTEBOL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Drº Osvaldo Martins de Oliveira

VITÓRIA

2018

MARIANA SCHADE DA SILVA

**O CANTO DO GALO DA VILA NO ESPÍRITO SANTO: A TRAJETÓRIA DO
ATLÉTICO ITAPEMIRIM E O SEU PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO NO
FUTEBOL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor Dr^o Osvaldo Martins de Oliveira

Universidade Federal do Espírito Santo

Professor Dr^o Sandro José da Silva

Universidade Federal do Espírito Santo

Professora Dr^a Simoni Lahud Guedes

Universidade Federal Fluminense

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à torcedora número 1 dessa pesquisa... Aquela que esteve presente em cada passo que eu dei nesse trabalho... Aquela que me ouviu inúmeras vezes, que me levou a campo, que suportou o meu mau humor nos piores dias, que fazia a minha comida favorita quando percebia que eu precisava me animar... Aquela que acompanhou cada angústia, alegria e conquista dessa pesquisa... Aquela que a vida me deu a graça de poder chamar de Mãe. Mãezinha, a sua dedicação, paciência e amor incondicional foram fundamentais para que eu chegasse até aqui... Obrigada! EU AMO MUITO VOCÊ!

Agradeço também, ao meu irmão Felipe, a outra parte da minha “pequena grande” família!

Agradeço ao meu Orientador, Professor Osvaldo! Foram quatro anos de convivência, entre disciplinas, monitoria, estágio e aprendizados.

Agradeço a CAPES, que permitiu que através da bolsa eu me dedicasse integralmente ao mestrado e a essa pesquisa...

Agradeço ao Will, cuja ajuda foi fundamental para a realização deste trabalho... Muito Obrigada por ter compartilhado comigo um pouco da sua história e do seu amor pelo futebol capixaba e pelo Atlético Itapemirim... Foram inúmeras mensagens... E todas elas respondidas... Eu sei do seu esforço para isso, devido ao seu tempo corrido e seu jeito mais reservado de ser... Muito Obrigada!

Agradeço ao Gaúcho! O volante com mais “pinta” de atacante que eu já conheci... Sua simpatia e alegria de viver iluminaram ainda mais as páginas deste trabalho... Muito obrigada por compartilhar comigo a sua história... Agradeço ao Presidente do Clube Rubens Pinheiro, pelo interesse, disponibilidade e atenção com a minha pesquisa... Agradeço aos atletas de base, Jailton e Joaquim, por compartilhar comigo as suas histórias e sonhos de meninos... Eu estarei sempre na torcida por vocês...

Agradeço ao Professor e Pesquisador Luciano, pela sua contribuição e gentileza em falar comigo, logo em seu período de férias em janeiro... Foi muito bom encontrar um pesquisador tão apaixonado por seu trabalho e pela história capixaba!

Agradeço aos membros da Banca da Qualificação, pelas valiosas contribuições que mudaram o rumo dessa pesquisa. Professora Simoni Guedes, obrigada! Foi uma alegria imensa ter a “bibliografia das bibliografias” participando dessa pesquisa. Professor Sandro, obrigada por

seus apontamentos e por ter feito parte do meu processo de formação enquanto cientista social desde a graduação.

Agradeço especialmente a Professora Aline Trigueiro, por sua dedicação, interesse e disposição, não apenas com a minha pesquisa, mas com todos os trabalhos da turma na disciplina “Seminários de Pesquisa”.

Agradeço a duas Professoras que foram muito queridas durante da minha graduação: Professora Sônia e Eliana: Vocês moram no meu coração!

Agradeço aos amigos de infância que mesmo distantes se fazem presente em minha vida: A minha amiga Camila, pela amizade, carinho, apoio e preocupação de sempre: Eu amo Você! Agradeço a Poliana, pela amizade tão especial de tantos anos... Florzinha, eu te amo! Alessandra e Fernando: Obrigada por tanto carinho... Vocês sem dúvida alguma tornam a minha vida ainda mais feliz e colorida!

Agradeço ao Netinho pela companhia, por ter me ouvido e me feito sorrir tantas vezes... Agradeço ao Alef, pela amizade e pelas mensagens idiotas (nas horas mais incertas) que sempre tinham o poder de me alegrar... Agradeço a minha amiga Yara a minha “aquariana favorita”...

Agradeço ao meu vizinho e amigo “Seu Gilson”, um mineiro fanático pelo Galo. Obrigada pela torcida e apoio! Nossas conversas me fazem sentir como se estivesse em Belo Horizonte!

Agradeço também ao pessoal da Xerox do DCE! Em especial ao Vitor: Obrigada pela paciência que teve comigo (eu e meus textos e trabalhos gigantes). Obrigada pelos precinhos camaradas que fizeram toda a diferença na minha vida universitária...

Enfim, só me resta dizer : Gratidão! Abençoados sejam todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho!

Futebol se joga no estádio?

Futebol se joga na praia,

Futebol se joga na rua,

Futebol se joga na alma.

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

O presente trabalho analisa a trajetória do Atlético Itapemirim, um clube de futebol do sul do Espírito Santo, e o seu processo de profissionalização no campo esportivo. O Galo da Vila, como é conhecido, foi fundado em 1965, tendo ficado por cerca de 45 anos no futebol amador e invisível na história deste esporte no Espírito Santo, mas no ano de 2011 se profissionalizou e vem vivenciando nos últimos anos uma rápida ascensão ao topo do futebol capixaba. Em 2017 se consagrou campeão das duas maiores competições estaduais, o Capixabão e a Copa Espírito Santo. A pesquisa buscou descrever e analisar a trajetória de ascensão profissional do Galo da Vila e refletir sobre o seu processo de ascensão ao campeonato capixaba, a partir das narrativas de membros da sua diretoria e de três de seus atletas. Tais narradores, principalmente diretores e um atleta principal, não só têm vivenciado a história de derrotas e decepções do clube em seu cotidiano, como também têm experimentado o gosto da ascensão e das vitórias na história recente do futebol capixaba.

Palavras-chaves: Futebol, Cultura, Identidade, Trajetória, Profissionalização.

ABSTRACT

This paper analyses the trajectory of Atletico Itapemirim a football club in the South of Espírito Santo, and its process of professionazation in the sports field. The Galo da Vila, as it Known was founded in 1965, having stayed for about 45 years in amateur and invisible football in the history of this sport in Espírito Santo, but in 2011 it became professionalized and has experience in recent years a rapid rise to the top of the capixaba soccer. In 2017, he became champion of the two largest state competitions Capixabão and Copa Espírito Santo. The research sought to describe and analyse the career path of the Galo da Vila and reflect on its process of ascension to the championship of Espírito Santo, based on the narratives of members of itsboard and three of its athletes. Such storytellers, principally directors and a principal athlete have noto only experience the club's history of defeats and disappointments in their daily lives, but they have also experience the taste of ascension and victories in the recent history of Capixaba football.

Keywords: Football, Culture, Identity, Trajectory, Professionalization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I: JOGO, ARTE E TÉCNICA: DEBATES SOBRE UM ESTILO DE FUTEBOL BRASILEIRO E OS PROCESSOS DE PROFISSIONALIZAÇÃO.....	20
1.1 O GALO E A SUA SIMBOLOGIA.....	20
1.2 O “PERTENCIMENTO CLUBÍSTICO”.....	30
1.3 FUTEBOL: SÍMBOLO DE IDENTIDADE NACIONAL.....	35
1.4 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO ESTILO BRASILEIRO DE FUTEBOL.....	37
1.5 JOGO OU ESPORTE? O FUTEBOL ENQUANTO DRAMATIZAÇÃO POPULAR.....	42
1.6 O “FUTEBOL MULATO”: O NASCIMENTO DA IDEIA DE FUTEBOL ARTE.....	45
1.7 DEMARCAÇÕES DE CLASSES SOCIAIS E DE COR NA HISTÓRIA DO FUTEBOL BRASILEIRO.....	47
1.8 A PROFISSIONALIZAÇÃO NO “PAÍS DO FUTEBOL”: DENTRO E FORA DO CAMPO.....	54
CAPÍTULO II: CONTEXTO HISTÓRICO DO SUL DO ESPÍRITO SANTO E A FORMAÇÃO TRANSLOCAL DO GALO DA VILA.....	63
2.1 FORMAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA DO ESPÍRITO SANTO.....	64
2.2 LOCALIZAÇÃO E COMPOSIÇÃO POPULACIONAL DO MUNICÍPIO	69
2.3 A FORMAÇÃO SOCIAL NA HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE ITAPEMIRIM.....	71

2.4 ATLETAS CAPIXABAS NO MERCADO NACIONAL E TRANSNACIONAL DO FUTEBOL.....	80
2.5 A FUNDAÇÃO E A TRAJETÓRIA DO ATLÉTICO ITAPEMIRIM: O GALO DA VILA.....	88
2.6 FALANDO EM PATROCÍNIO.....	101
CAPÍTULO III: O ATLÉTICO ITAPEMIRIM NAS PERSPECTIVAS DA DIRETORIA E ATLETAS DO CLUBE.....	103
3.1 O ATLÉTICO ITAPEMIRIM SEGUNDO SEU SUPERVISOR ADMINISTRATIVO.....	103
3.2 “REALIZAR O SONHO DE UMA POPULAÇÃO LOCAL”: O PRESIDENTE RUBENS PINHEIRO E O PROJETO DE PROFISSIONALIZAÇÃO DO ATLÉTICO.....	106
3.3 O VOLANTE GAÚCHO: UM ATLETA PROFISSIONAL PARA REFORÇAR O ATLÉTICO.....	109
3.4 A FORMAÇÃO DOS ATLETAS DE BASE.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	132
ANEXOS.....	136

INTRODUÇÃO

O amor pelo futebol chegou muito cedo em minha vida, ainda criança me apaixonei por um Clube chamado Atlético Mineiro e hoje, ao lado da literatura e do cinema, o futebol é uma das minhas grandes paixões. Costumo dizer que torcer para o Atlético foi uma das primeiras escolhas que fiz na vida, pois não “nasci” atleticana, escolhi torcer para o Galo quando entrei na escola, tinha cinco anos apenas e fui contagiada pela euforia dos coleguinhas. Belo Horizonte, a cidade onde cresci respira futebol e as crianças não ficam de fora dessa “atmosfera futebolística”.

Na escola tive professoras fanáticas por futebol, que levavam sempre que podiam o assunto para a sala de aula. As brincadeiras e comentários contribuíram para que além de acompanhar os jogos, eu começasse também a entender de futebol. Na minha casa, foi a minha mãe, flamenguista, que me deu a minha primeira camisa do Galo. Meu pai era cruzeirense, e não gostou nada da ideia, na visão da minha mãe, escolhi torcer para o Atlético também para provocar meu pai, mas isso é outra história...

E por falar em história... Posso dizer que a minha dissertação também tem a sua história e que essa história foi dividida em dois grandes momentos: “antes da qualificação” e “depois da qualificação”. Vou explicar o porque. Inicialmente tinha como principal objetivo analisar o racismo no futebol brasileiro partindo dos relatos de vida de dois jogadores negros que foram vítimas de práticas racistas, continuando assim a pesquisa que havia iniciado em minha graduação, quando em minha monografia analisei os discursos sobre “raça” e identidade nacional veiculados em partidas de futebol e ao mesmo tempo práticas de racismo contra jogadores negros e a repercussão desses acontecimentos nas redes sociais no ano de 2014, um ano que assistimos vários de nossos jogadores serem vítimas do racismo dentro e fora de campo. Para Giulianott (2002) o racismo no futebol parece ser culturalmente universal e ocorre entre e dentro dos agrupamentos étnicos. No entanto, o autor destaca que o racismo no futebol brasileiro acaba ocorrendo de forma ainda mais grave:

A ubiquidade do racismo no futebol é ilustrada de forma mais grave no Brasil. A princípio, o país parece ser um “caldeirão” étnico: o futebol nacional é etnicamente misturado; a palavra “raça” tem um significado forte dentro da cultura do futebol, designando vigor e energia, ao invés de uma hierarquia “racial” darwiniana. Todavia, a complexa história de escravidão, divisões raciais e grandes desigualdades

econômicas no Brasil deixam uma profunda marca no futebol. As elites brancas brasileiras resistiram a uma dissipação organizada entre as populações negras. (GIULIANOT, 2002:203).

O racismo no futebol brasileiro é de fato um tema relevante que necessita ser muito debatido. Mas como no momento do exame de qualificação eu só possuía a confirmação de um jogador com interesse de participar da pesquisa e um campo ainda inexplorado no meu próprio estado, a sugestão da banca foi que eu realizasse o trabalho com algum time local, foi sugerido inclusive o São Mateus, um time do norte do Espírito Santo. A pesquisa ficaria mais viável e eu ainda poderia valorizar o futebol capixaba que é tão pouco estudado.

Após a qualificação e as valiosas contribuições da banca a pesquisa então acabou tomando outro rumo. No começo, imaginei que apenas os interlocutores mudariam, mas não foi bem assim que aconteceu. Quando entrei em contato com o Clube São Mateus, fui pega de surpresa ao ser informada que as atividades com o time principal haviam sido suspensas e que o time nem sequer participaria da Copa Espírito Santo, devido a uma grave crise financeira que o Clube vinha enfrentando. Demonstrando boa vontade em colaborar com a pesquisa, o assessor de imprensa, Rithielly Bessa, sugeriu que eu realizasse o trabalho com os atletas de base que se encontravam disputando um campeonato, mas na semana seguinte após a nossa conversa o time foi eliminado da competição, os atletas dispensados e as atividades foram totalmente paralisadas no São Mateus.

Decidi seguir com a orientação da banca e comecei a ler sobre os Clubes capixabas, na expectativa de escolher um clube para a pesquisa, já que, assim como muitas pessoas, eu só conhecia o Rio Branco e a Desportiva Ferroviária. Foi então que li sobre o Atlético Itapemirim... Pensei “Como assim, um time capixaba com o escudo e o mascote do meu time?”. Sinceramente o amor pelo meu clube de coração, pesou bastante na escolha.

Entre em contato com o Atlético em meados de julho, através da sua página no Facebook e quem me respondeu foi a assessora de imprensa, que solicitou o meu telefone para que pudessemos conversar melhor. Por telefone expliquei a ela sobre a pesquisa e ficamos de manter contato e agendar os encontros. (Não citarei o nome da assessora, pois a mesma não trabalha mais no clube). Não foi nada fácil falar com ela. A conversa quase nunca fluía, ela sempre demorava a responder (isso quando respondia), e por mais que eu tentasse ser agradável, as respostas eram sempre curtas e evasivas. Comecei a achar aquilo estranho, pois, sendo bem sincera, esperava outro tipo de receptividade ou pelo menos mais profissionalismo

da parte dela. Decidi então ser mais direta, e quando perguntei sobre a data que poderia realizar as entrevistas com os jogadores, ela então “passou a bola” (finalmente) e me deu o telefone do supervisor, o Wildson Gomes Lesqueves, mais conhecido como Will.

Ao entrar em contato com o Will, logo percebi a diferença. Ele foi muito atencioso comigo desde a primeira mensagem que trocamos. Mas... Não dependia somente dele, marcar o meu encontro com os jogadores, e sim de outra pessoa: o Zé Humberto, o Técnico, que de certa forma, atrapalhou um pouco o meio campo da minha pesquisa. Como fui enrolada pela assessora, as conversas com o Will se iniciaram apenas no dia 05 de setembro. A Copa Espírito Santo já estava acontecendo e assim como todo técnico, o Zé Humberto também mantém os seus segredos e preza pela concentração de seus jogadores. O Atlético precisava avançar na competição, precisava chegar até as semifinais, e o técnico optou por alguns treinos secretos e a minha ida a campo foi adiada durante esse mês.

Confesso que essa situação me deixou muito surpresa, pois imaginava que seria muito fácil realizar o trabalho de campo. Talvez até mesmo por “preconceito”, imaginava que por se tratar de um “time pequeno” teria acesso e facilidades para realizar uma aproximação, que com um “time grande” eu não teria. Mas não foi assim que aconteceu. Em primeiro lugar, porque o Atlético de Itapemirim não é o “time pequeno” que pensava, pois, afinal, eu estava falando com o atual campeão capixaba e, em segundo lugar, apesar de ter se tornado profissional há pouco tempo, os gestores do clube e seus atletas vêm levando a sério o futebol. O Atlético Itapemirim nasceu em 1965, mas se tornou profissional apenas em 2011. Em 2014 estreou na Série B do Campeonato Capixaba e em 2015 já estava entre a elite do futebol local, estreando na série A. De lá para cá foi vice-campeão por duas vezes e chegou a duas semifinais e em 2017 foi campeão invicto do Capixabão e campeão da Copa Espírito Santo, como veremos detalhadamente no segundo capítulo. Mas não para por aí, as categorias de base também encantaram em 2017 e por muito pouco o Galo da Vila, como é conhecido, não bicou todos os troféus, pois foram campeões com o Sub 15 e vice-campeões com o sub 17. Uma trajetória muito expressiva para um time do sul do estado e com tão pouco tempo de experiência no futebol profissional.

E assim se iniciou o segundo momento da minha pesquisa que deu origem a essa dissertação. A questão racial acabou saindo de cena, dando espaço para o futebol capixaba e as dificuldades enfrentadas pelos clubes, os sonhos e perspectivas dos atletas foram as novas questões que me foram apresentadas pela pesquisa de campo. O novo tema passou a ser então a trajetória do Atlético Itapemirim e o seu processo de profissionalização no futebol.

Infelizmente não é só a imprensa que não se interessa pelo futebol local. Segundo pesquisa do Instituto Futura (2010), 84% dos torcedores capixabas não acompanham o futebol do nosso estado. Entre as preferências dos torcedores estão os clubes cariocas. Metade dos entrevistados disseram em entrevista torcer para o Flamengo, enquanto 21% para o Vasco e 6% para o Tricolor. Entre aqueles que disseram torcer para um time capixaba, quem liderou o ranking foi o Rio Branco, que contou com a preferência de 10% dos entrevistados, seguido pela Desportiva com 7%. Quando questionados se acreditavam que um clube capixaba poderia subir para a primeira divisão do Campeonato Brasileiro (num período de dez anos) 39% disseram que acreditam que não há nenhuma chance disso acontecer.

É interessante observar que apesar de essa pesquisa trazer um momento muito feliz e especial para um clube, mostrando que o futebol capixaba ainda respira, com ajuda de aparelhos, mas respira, e que existem pessoas que acreditam no futuro desse futebol, esses e outros dados nos mostram que o caminho a percorrer ainda é longo. Segundo dados do levantamento realizado pelo Site Globo Esporte, no Campeonato Capixaba a média de torcedores pagantes foi de 356 e uma média de 5% de ocupação. (Disponível no site: app.globoesporte.globo.com/futebol/público-no-brasil/campeonato-capixaba/)

Dos 18.172 ingressos vendidos nas 51 partidas da competição, 3.339 foram vendidos para os torcedores do Rio Branco, que foi o time que mais levou seus torcedores aos estádios capixabas. Já em termos de arrecadação, podemos destacar o São Mateus que arrecadou cerca de R\$57.350,00, com ingresso no valor médio de R\$15,00 (o mesmo São Mateus que não conseguiu disputar a competição seguinte, a Copa ES). Já o Atlético Itapemirim, com um ingresso no valor médio de R\$13,00, obteve uma arrecadação de R\$46.555,00. Os times da grande Vitória como o Rio Branco e a Desportiva arrecadaram R\$43.200,00 e R\$21.400,00.

Segundo dados do mesmo site, na Copa Espírito Santo o Rio Branco novamente liderou o ranking, com uma média de público de 643 torcedores pagantes por partida, seguido da Desportiva com uma média de 496 torcedores pagantes e o Galo da Vila bem próximo com sua média de 462 torcedores pagantes, superando até mesmo o Vitória e o Serra, dois times também tradicionais no Espírito Santo que tiveram uma média de 415 e 288 torcedores pagantes, respectivamente. (Disponível no site: globoesporte.globo.com/es/futebol/copa-espirito-santo/noticia/copa-es-tem-aumento-de-publico-mas-media-e-a-pior-do-futebol-capixaba-em-2017)

É interessante ressaltar que o Galo da Vila na Copa Espírito Santo também quebrou os seus próprios recordes de público. A sua atual média de 462 torcedores superou o recorde da Copinha em 2014 que havia sido de 349 torcedores pagantes por partida. A final da Copa ES com um público de 1.579 torcedores também superou a final do Capixabão que havia tido uma média de 1.530 torcedores.

A Copa Espírito Santo teve um crescimento significativo em relação às edições anteriores. Cresceu 34% em relação à Copa de 2016 e 48% em relação à Copa de 2015. Entretanto isso não significa que há motivos para celebrar, pois do outro lado a Copinha de 2017 registrou a sua pior média de público da história. E falando em pior média, um destaque negativo é do Real Noroeste, um dos maiores campeões da Copa ES, ao lado do Estrela do Norte com três títulos, nas últimas cinco temporadas vem perdendo o seu público assustadoramente. Em 2013, ano em que foi campeão, o clube contava com uma média de 667 torcedores pagantes, hoje a sua média é de 33 torcedores pagantes. Isso mesmo trinta e três. Pela 5ª rodada da competição, a sua partida contra o Serra, por exemplo, contou apenas com 12 torcedores pagantes. Os números assustam, e em 2018 há quem se pergunte como ficarão esses números, já que Rio Branco, o time que ainda hoje mais leva torcedores aos estádios foi rebaixado para a segunda divisão do Capixaba.

A presente dissertação tem como principal objetivo analisar a trajetória do Atlético Itapemirim e seu processo de profissionalização no futebol. Além disso, estabeleci os seguintes objetivos específicos: a) debater teoricamente um estilo de futebol brasileiro e os processos de profissionalização que perpassam os clubes e seus atletas; b) refletir sobre a formação social e econômica do estado do Espírito Santo e, especialmente, do município de Itapemirim, analisando as influências da formação desse município e da região sul do Espírito Santo na criação do clube de futebol local denominado Galo da Vila; c) apresentar uma descrição da trajetória de ascensão profissional do Galo da Vila e refletir sobre o processo de ascensão do clube ao campeonato capixaba; d) trazer para as pesquisas sobre o futebol os relatos de vida e as percepções daqueles que vivenciam a história de um clube e o futebol capixaba em seu cotidiano.

METODOLOGIA

A metodologia escolhida para a realização desta pesquisa foi a do sociólogo Daniel Bertaux conhecida como “relatos de vida” ou “narrativas de vida” que resulta de uma entrevista em

que o pesquisador pede para que o entrevistado lhe conte toda ou parte da sua experiência de vida. Os relatos de vida partem de uma perspectiva etnossociológica, que o autor define como:

Pelo termo “pesquisa etnossociológica” designamos um tipo de pesquisa empírica apoiada na pesquisa de campo e nos estudos de caso, que se inspira na tradição etnográfica nas suas técnicas de observação, mas que constrói seus objetos pela referência a problemáticas sociológicas. (BERTAUX, 2010:23)

A pesquisa etnossociológica parte de uma perspectiva objetvista que não busca apenas apreender a partir dos esquemas de representação ou sistema de valores de pessoas isoladas, mas sim estudar um fragmento particular da realidade social histórica. Bertaux ressalta que a pesquisa etnossociológica busca compreender como esse fragmento particular funciona e como se transforma, destacando as configurações das relações sociais, os mecanismos, os processos e as lógicas de ação que o caracterizam. Nessa perspectiva, recorrer às narrativas de vida não exclui procurar outras fontes, como foi realizado nessa pesquisa.

Para o autor, a perspectiva etnossociológica consiste em concentrar o estudo em uma atividade específica do mundo social ou sobre uma categoria de situação relativa a um determinado grupo que se encontra em determinada situação social. Bertaux destaca que para Bourdieu todo campo é um mundo social, mas que muitos mundos sociais não são campos e que por isso a perspectiva etnossociológica é fundamental, pois “reconhece essa diversidade e propõe uma forma de pesquisa empírica adaptada à identificação das lógicas próprias de cada mundo social, ou de cada tipo de situação.” (BERTAUX, 2010,p. 25)

Para Bertaux no interior do macrocosmo, os mundos sociais constituem mesocosmos e cada um deles é formado por micrococosmos.

A hipótese central da perspectiva etnossociológica considera que as lógicas que regem o conjunto de um mundo social ou mesocosmo operam igualmente em cada um dos micrococosmos que o compõe, observando-se de maneira aprofundada, um só, ou melhor, alguns desses micrococosmos, por menos que se consiga identificar suas lógicas de ação, seus mecanismos sociais, seus processos de reprodução e de transformação poderíamos apreender ao menos algumas das lógicas sociais do próprio mesocosmo. (BERTAUX, 2010:26)

Os mundos sociais, em especial aqueles centrados em uma atividade profissional constituem espaços em que os agentes podem circular ao longo da carreira profissional. Como o objetivo da pesquisa é analisar a trajetória do Clube e de alguns de seus atletas os relatos de vida se tornam eficazes, pois são capazes de identificar os mecanismos e processos que levaram os sujeitos a chegar a determinada situação:

A utilização das narrativas de vida se mostra aqui particularmente eficaz, pois essa forma de coleta de dados empíricos se ajusta à formação das trajetórias: ela permite identificar por meio de que mecanismos e processos os sujeitos chegaram a uma dada situação, como se esforçam para administrar essa situação e até mesmo para superá-la. (BERTAUX, 2010: 27)

A técnica utilizada para se conseguir os relatos de vida, como já foi mencionado foi a entrevista, que pode ser definida como “um processo de interação entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado.” (HAGUETTE, 2010, p. 81).

Segundo Poupert (2014) a entrevista do tipo qualitativo seria necessária porque “uma vez que uma exploração em profundidade da perspectiva dos atores sociais é considerada indispensável para uma apreensão e compreensão das condutas sociais.” (POUPART, 2014, p. 216). Para o autor a entrevista é uma técnica considerada capaz de dar conta do ponto de vista dos atores sociais, e que as condutas sociais não poderiam ser compreendidas e nem explicadas fora da perspectiva desses atores. Por conseguir explorar em profundidade as condições dos atores sociais, a entrevista é uma técnica que permite assim denunciar preconceitos, práticas discriminatórias ou de exclusão. O autor destaca:

O recurso da entrevista em profundidade comportaria, contudo, a vantagem de permitir não apenas evidenciar o que essas pessoas vivenciam nesse cotidiano, mas igualmente dar-lhes a palavra, e compensar como já o sugeria Becker, em 1967, sua ausência ou sua falta de poder na sociedade. (POUPART, 2014:220)

Como pretendo realizar um estudo antropológico da trajetória do clube e de seus profissionais, é necessária a compreensão do conceito de trajetória. Bourdieu (1998) define a trajetória como “a série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, sujeito a transformações” (BOURDIEU, 1998, p.189). Para se compreender uma trajetória, Bourdieu explica que é necessário construir os estados sucessivos do campo em que ela se desenvolveu e as condições objetivas que uniram o agente em questão com os outros agentes envolvidos no mesmo campo e talvez nos mesmos espaços. Portanto, na perspectiva de Bourdieu, é através da construção dos fatos na trajetória de vida que será possível construir um raciocínio crítico e reflexivo.

Ressalto ainda, a diferença que existe entre as noções de trajetória e biografia. Para Bourdieu (2002) a noção de biografia foi incorporada do senso comum para as ciências sociais, com o sentido de “história de vida”. Dessa maneira, ao se pensar a vida como uma história, se pressupõe que a vida ocorra de forma linear, que os acontecimentos obedeçam a uma ordem cronológica, por isso o autor chega a comparar as biografias com os romances. Para Bourdieu, os relatos biográficos se baseiam quase sempre na preocupação em tornar coerente, razoável e consistente a história, criando relações inteligíveis entre o início, o meio e o final. O autor ressalta que é um erro compreender a história de vida como uma série única, com acontecimentos sucessivos, como se o agente não possuísse outros vínculos, segundo ele seria como observar o trajeto de um metrô sem considerar a estrutura da rede. Portanto, para Bourdieu uma explicação biográfica ou auto biográfica seria insuficiente, pois ao se escrever uma biografia o autor sempre acaba selecionando fatos, enfatizando alguns e excluindo outros com o objetivo de dar coerência a sua história.

Para atingir os objetivos apresentados acima, empreguei a análise de alguns dados historiográficos sobre a formação do Espírito Santo e a interpretação de uma entrevista concedida por escrito por um professor local. Além de pesquisa em fontes jornalísticas e entrevistas com membros da diretoria do clube. A metodologia consistiu também em olhar e ouvir face-a-face, por meio da técnica de entrevistas, integrantes da diretoria e atletas do clube. As entrevistas com relatos de vida foram feitas com o Presidente do clube, com o supervisor administrativo, com o volante Gaúcho que é jogador com mais tempo de atuação no clube e dois jovens atletas da base.

RESUMO DOS CAPÍTULOS

A presente dissertação foi dividida em três capítulos. No primeiro capítulo apresento o debate teórico sobre a construção do estilo de futebol brasileiro, partindo da análise de autores como DaMatta, Gilberto Freyre, Simoni Guedes, Toledo e Antônio Jorge Soares. Apresento também a noção de “pertencimento clubístico” proposta por Damo (2005) que nos ajuda a compreender o envolvimento dos torcedores capixabas com os clubes de futebol de outros estados. Analiso ainda a simbologia que envolve o mascote do Atlético Itapemirim: O Galo. Um animal que assim como demonstrou Silva (2011) é simbolicamente tratado como um sistema totêmico, que representa uma série de valores dentro da sociedade brasileira. Finalizo o capítulo trazendo as pesquisas realizadas por Pereira (1998) e Toledo (2000) sobre a profissionalização do futebol no Brasil. Pereira, analisa o processo que permitiu que pobres e negros tivessem acesso ao esporte que hoje é o mais popular do país. O autor começa a sua análise ainda no período do amadorismo, demonstrando as distinções de classe e raça que existiam nesse período. Já Toledo, também inicia sua análise nos primeiros anos do século XX, e identifica três momentos do profissionalismo no futebol brasileiro. O autor propõe então a analisar o alargamento social e simbólico do futebol a partir da relação entre a prática “dentro de campo” e “fora de campo”, que seria a dinâmica praticada por aqueles que estariam na torcida.

No segundo capítulo reflito sobre a formação social e econômica do estado do Espírito Santo e do município de Itapemirim analisando as influências da formação desse município e da região sul do Espírito Santo na criação do Galo da Vila. Na segunda parte do capítulo descrevo a trajetória do Atlético em sua fase profissional, refletindo sobre a ascensão do Clube que conseguiu chegar a Série A em 2015, e se tornar campeão do Capixabão e Copa Espírito Santo em 2017. Analiso ainda a repercussão das vitórias e outros acontecimentos do clube na imprensa local. No terceiro capítulo analiso as entrevistas que realizei com a diretoria e atletas do Atlético Itapemirim, com o objetivo de trazer para a pesquisa os relatos de vida e as percepções daqueles que vivenciam a história de um clube e o futebol capixaba em seu cotidiano. Reflito ainda sobre o trabalho realizado com as categorias de base no clube e o seu recente projeto de profissionalização.

CAPÍTULO I – JOGO, ARTE E TÉCNICA: DEBATES SOBRE UM ESTILO DE FUTEBOL BRASILEIRO E OS PROCESSOS DE PROFISSIONALIZAÇÃO

Os campeonatos estaduais e nacionais de futebol arrastam multidões aos estádios e outras centenas de torcedores para frente de seus aparelhos de televisão. Alguns jogos são tão noticiados e comentados que até quem não é fã do esporte não consegue deixar de se envolver e acompanhar. Neste primeiro capítulo pretendo apresentar o debate teórico sobre o futebol proposto por autores como Roberto DaMatta, Simoni Guedes, Antônio Jorge Soares, Arlei Damo e Luiz Henrique de Toledo que nos ajudam a refletir sobre o esporte mais popular do nosso país: o futebol. Como já estabeleci na introdução, o objetivo deste capítulo é debater teoricamente um estilo de futebol brasileiro e os processos de profissionalização que perpassam os clubes e seus atletas.

1.1 - O GALO E SUA SIMBOLOGIA

Os jogos de futebol no Brasil são capazes de despertar as mais profundas emoções. Seja em casa, com os amigos ou espalhados pelos estádios, os torcedores são peças fundamentais para o grande espetáculo que é um jogo de futebol. Para DaMatta (1982) o espetáculo do futebol é “um sistema que tem suas regras, objetos, cenários, personagens, tempo e espaço e contém um conjunto de relações específicas” (DAMATTA, 1982,p.16). Nesse sentido, poderíamos pensar que para o torcedor brasileiro, participar, mesmo que de forma indireta desse espetáculo seria como participar da briga de galos para o espectador balinês. A partida de futebol, como a briga de galos seria um jogo profundo e absorvente. (GEERTZ, 2008).

Em “Um Jogo Absorvente: Notas sobre a Briga de Galos Balinesa”, Geertz nos apresenta dados sobre a etnografia que realizou em Bali e busca analisar um evento que era capaz de arrastar multidões na região: as brigas de galos. Apesar de serem proibidos, esses embates aconteciam frequentemente e os balineses não só levavam as rinhas a sério como também os próprios galos, que recebiam inúmeros cuidados no dia-a-dia. Geertz busca compreender por que os balineses se importavam tanto com as brigas de galos e porque gastavam tanto tempo cuidando desses animais e falando sobre eles. Para isso ele utiliza o método da descrição densa, realizando o que chamou de “antropologia interpretativa”. Para o autor a cultura é uma teia de significados, tecida pelos próprios homens e o papel do antropólogo é não apenas

descrever, mas sim interpretar os significados contido nos fenômenos sociais. Dessa maneira, Geertz buscou compreender o que significava a briga de galos na cultura balinesa. Sua análise sobre as brigas de galos nos fornece interessantes reflexões sobre as partidas de futebol no Brasil, que são tomadas muitas vezes como verdadeiros embates.

Ao escrever os primeiros contatos que ele e a sua esposa tiveram com os balineses, que inicialmente os ignoravam, Geertz escreve que era como se fossem “criaturas invisíveis”. Essa situação começou a mudar após o que ele chamou de “momento mágico”. Ao assistir a sua terceira rinha de galo, ele e os balineses foram surpreendidos pela invasão da polícia. Com a chegada dos policiais a multidão logo se dispersou, e assim como as pessoas Geertz e a sua esposa começaram a correr também. Após esse dia, ele e a esposa passaram de “não pessoas” a serem o “centro das atenções”. Os balineses queriam saber por que fugiram, e caçoavam deles, mas em Bali, como ressaltou o autor, ser caçoado é ser aceito. Mas acima de tudo os balineses ficaram satisfeitos por ele e sua esposa não “apresentarem seus papéis” aos policiais, isto é, se apresentarem como professores norte-americanos que possuíam autorização para estar ali. O autor observa que o que exibiram foi um momento de covardia, mas os balineses sentiram como um ato de camaradagem com eles.

Passando para a análise das rinhas de galos, Geertz destaca que a importância desses embates para os balineses pode ser comparada ao jogo de beisebol para os norte-americanos.

Da mesma forma que a América do Norte se revela num campo de beisebol, num campo de golfe, numa pista de corridas ou em torno de uma mesa de pôquer, grande parte de Bali se revela numa rinha de galos. É apenas na aparência que os galos brigam ali – na verdade, são os homens que se defrontam. (GEERTZ, 2008:188).

Geertz observa que em Bali havia inúmeras associações metafóricas com a palavra galo. Assim como na língua inglesa, o termo galo (cock) e em balinês (sabung) significava pênis. O autor ressaltava que a identificação psicológica dos homens balineses com o galo, funcionava como na língua inglesa, com as mesmas piadas antigas, trocadilhos forçados e obscenidades. O termo Galo é usado de forma metafórica significando muitas vezes “herói”, “guerreiro”, “campeão”. Segundo o autor essa intimidade entre os balineses e os galos é mais que metafórica, pois a maioria dos homens da aldeia gastava muito tempo dos seus dias cuidando dos galos, os alimentando, os aparando, experimentando uns contra os outros ou somente os

admirando. Mesmo aqueles que não tinham paixão apenas por galos, ainda dedicavam boa parte do seu tempo ao cuidado deles. Os balineses se diziam “loucos por galos”.

No entanto, o autor observa que essa loucura possui dimensões menos visíveis, pois apesar dos galos serem expressões simbólicas ou ampliações da personalidade do seu proprietário, os galos também representavam as expressões daquilo que os balineses tinham total aversão: a animalidade. Os balineses repudiavam qualquer comportamento que podia ser visto como animal, sendo que até comer era um ato visto de forma desagradável. Dessa maneira, o autor observa que o balinês não identificava o galo apenas com o seu ideal, ou mesmo com seu pênis, mas também com aquilo que ele mais temia e odiava. A ligação dos galos com os “poderes das trevas”, que seriam os demônios que ameaçavam invadir o pequeno espaço dos balineses é muito explícita. A briga de galo é antes de tudo um sacrifício de sangue oferecido aos demônios, com o objetivo de pacificar a fome voraz dos mesmos.

Na briga de galos, o homem e a besta, o bem e o mal, o ego e o id, o poder criativo da masculinidade desperta o poder destrutivo da animalidade desenfreada fundem-se num drama sangrento de ódio, crueldade, violência e morte. Não é de admirar que, como é regra invariável, quando o proprietário do galo vencedor leva a cabeça do perdedor – muitas vezes com os membros arrancados, um por um, por seu proprietário enraivecido – para comer em casa, ele o faz com um misto de embaraço social, satisfação moral, desgosto estético e alegria canibal. (GEERTZ, 2008:191)

Geertz ainda explica sobre o complexo sistema de apostas, para demonstrar que os balineses tentavam criar um embate absorvente fazendo com que a aposta central fosse a maior possível. Para atingir esse objetivo o ideal é que os galos fossem os mais iguais e melhores possíveis, para que o resultado fosse tão imprevisível, quanto possível. O autor conclui que o motivo pelo qual os embates são tão absorventes se encontra no reino mais amplamente sociológicos e sócio psicológicos e tem ligação com a ideia de “profundidade” no jogo. Recorrendo ao estudo de Bentham, o autor explica que “jogo profundo”, seria um jogo no qual as apostas são tão altas que do ponto de vista utilitarista, seria irracional que os homens se envolvam nele. Nas palavras de Geertz “Num jogo profundo genuíno isso acontece com ambas as partes. Eles estão ambos mergulhados até a cabeça. Chegando junto em busca de prazer, eles entram numa relação que trará aos participantes, considerados coletivamente, mais dor que prazer” (GEERTZ, 2008, p.199).

Geertz destaca que não é o dinheiro que tornava a briga de galos absorvente. Não que o dinheiro não importasse, é justamente porque o dinheiro importava, e importava muito, que quanto maior o risco, maior era a quantidade de outras coisas que se arriscavam, como o orgulho, a masculinidade, por exemplo. Os apostadores colocavam o seu dinheiro, onde se encontrava o seu *status*. É interessante ressaltar, que os balineses viviam em uma sociedade de castas, por isso o *status* era tão importante. Geertz ressalta que:

O que torna a briga de galos balinesa absorvente não é o dinheiro em si, mas o que o dinheiro faz acontecer: a migração da hierarquia de *status* balinesa para o corpo da briga de galos. Sendo psicologicamente uma representação esopiana do ideal/demoníaco, altamente narcisista, da condição de macho, em termos sociológicos ela é igualmente uma representação esopiana dos campos de tensão complexos estabelecidos pelo cerimonial controlado, abafado, mas não obstante, uma interação profundamente sentida dos próprios eu no contexto da vida cotidiana. (GEERTZ, 2008:201).

Geertz analisa que quanto mais um embate ocorria entre iguais, de *status* aproximado e entre *status* elevado, mais absorvente ele era. Quanto mais absorvente o embate era, mais próxima era a identificação entre o galo e o homem e quanto maior emoção envolvida, maior absorção geral no embate. Para o autor, a briga de galos torna compreensível a experiência comum cotidiana, ela seria um meio de expressão, cuja função não seria aliviar e nem exacerbar as paixões sociais, mas sim exibi-las durante o embate. O autor ainda destaca que a briga de galos só é verdadeiramente real para os galos. A briga não matava ninguém, não castrava ninguém e muito menos não reduzia ninguém a condição animal. O que a briga de galos fazia era assumir esses temas, como a morte, a masculinidade, a raiva e o orgulho, por exemplo. O autor ainda observa que como forma dramática cada embate é um mundo em si mesmo. Após o embate, o perdedor não era consolado e o vencedor não era parabenizado, os olhares logo se voltavam para a próxima luta.

Para Geertz as rinhadas de galos devem ser tratadas como um texto, pois possuem uma função interpretativa: seria uma leitura balinesa da experiência balinesa. Na análise do autor, assistir e participar das brigas de galos para o balinês, seria uma espécie de educação sentimental.

No caso em pauta, tratar a briga de galos como um texto é salientar um aspecto dela (na minha opinião, o aspecto principal) que, tratando-a como um rito ou passatempo, as duas alternativas mais óbvias, se tenderia a obscurecer: sua utilização da emoção para fins cognitivos. O que a briga de galos diz, ela o faz num vocabulário de sentimento – a excitação do risco, o desespero da derrota, o prazer do triunfo. Entretanto, o que ela diz não é apenas que o risco é excitante, que a derrota é deprimente ou que o triunfo é gratificante, tautologias banais do afeto, mas é que com essas emoções, assim exemplificadas, que a sociedade é construída e que os indivíduos são reunidos. Assistir a briga de galos e dela participar é, para o balinês, uma espécie de educação sentimental. Lá, o que ele aprende, é qual a aparência que tem o *ethos* de sua cultura e sua sensibilidade privada (ou, pelo menos, certos aspectos dela) quando soletradas exatamente, num contexto coletivo; que os dois são tão parecidos que podem ser articulados no simbolismo de um único desses textos; e - a parte inquietante – que no texto no qual se faz a revelação consistente num frango rasgando o outro em pedaços, inconscientemente. (GEERTZ, 2008:210).

Os balineses afirmaram a Geertz que participar das brigas de galo seria como “brincar com o fogo e não se queimar”. Partindo dessa afirmação, e da análise realizada pelo autor podemos tecer algumas reflexões sobre as partidas de futebol no Brasil, e especialmente aquelas em que o Galo da Vila estava em campo. Assim como os galos representavam os balineses nos embates nas rinhadas, os jogadores de futebol representam os torcedores no campo, tanto os balineses, quanto os torcedores brincam com o fogo e não se queimam. Em partidas de futebol em que estiveram envolvidas grandes rivalidades, como Flamengo e Vasco, Atlético e Cruzeiro, Internacional e Grêmio, Palmeiras e Corinthians, Atlético Itapemirim e Desportiva, por exemplo, podemos observar como um jogo de futebol se transforma em um verdadeiro confronto. Nesses jogos não basta apenas vencer, é esperado que o time vencedor “massacre”, “humilhe” o adversário. Assim como nas brigas de galo, em cada partida de futebol a excitação do risco, o desespero da derrota e o prazer da vitória se renovam nos corações dos torcedores.

Outro ponto interessante para se refletir, diz respeito sobre a participação das mulheres no futebol. Assim como a briga de galos era um evento voltado e debatido majoritariamente pelo público masculino, o futebol, mesmo com a crescente participação feminina, continua ainda hoje sendo um tema mais corriqueiro nas rodas de conversas masculinas e um esporte mais visto e praticado pelos homens. O futebol, assim como a briga de galos, é um jogo absorvente,

na medida em que é capaz de arrastar e comover multidões e revelar muito sobre a sociedade brasileira.

Ao final de tudo isso, o que é o galo para o Atlético Itapemirim? O galo que, metaforicamente, canta e briga nos estádios de futebol do Espírito Santo é um galo coletivo. Ser galo é não se curvar diante de um adversário mais poderoso. Ele simboliza o clube que briga nos jogos e confrontos, podendo vencer ou perder, mas ao final o que importa é estar preparado para enfrentar o adversário com determinação, coragem e honradez. Para além dos estádios de futebol, o galo simboliza também aquelas pessoas que enfrentam os desafios e as adversidades da vida com altivez. Neste sentido, não foi apenas o Galo da Vila, Atlético Itapemirim ou Atlético Espírito Santo que esteve em campo nos últimos anos se afirmando como time em processo de profissionalização, mas também os seus torcedores estão se construindo neste processo, e também a própria Vila (cidade) e o município como um todo estão ali representados por meio do nome do clube, pois é o Atlético Itapemirim que tem estado em campo.

A pesquisa de Silva (2011) nos ajuda a refletir sobre o galo como um símbolo polissêmico e sobre a escolha desse animal como mascote de um time de futebol. Ressalto que falarei um pouco sobre o Atlético Mineiro nessa breve exposição, pois a escolha do galo, como mascote aconteceu com o clube de Minas Gerais. Como eu disse, o Atlético apenas adotou o mascote e o escudo do clube mineiro, não houve nenhuma razão especial para a escolha, os fundadores apenas decidiram manter o nome e o mascote do seu time de coração. O autor nos mostra que o galo é simbolicamente tratado como um sistema totêmico, que representa uma série de valores dentro da sociedade brasileira.

Utilizando a pesquisa de DaMatta e Soárez (1999), o autor busca algumas respostas na “loteria brasileira”: o jogo de bicho. Para DaMatta e Soárez (1999) só é possível entender o jogo de bicho se compreendermos o estilo brasileiro de conceber os animais. O jogo de bicho na análise dos autores transforma os animais em bichos que se tornam metáforas da nossa sociedade.

O jogo é formado por vinte e cinco bichos e o galo é o décimo terceiro animal e corresponde aos números 49, 50, 51 e 52. É interessante observar, que o 13 é levado a sério como número de sorte para os atleticanos. E como torcedora, posso dizer que coincidência ou não, em 2013, após treze anos sem jogar a Libertadores, o Galo estreou justamente no dia 13 de fevereiro e marcou seu primeiro gol na partida justamente aos 13 minutos de jogo, para muitos um sinal, que deu certo, pois afinal, conquistamos nossa primeira Libertadores nesse ano. Já os

torcedores do Galo da Vila não possuem nenhuma superstição com o número 13. No entanto, Will, um dos entrevistados, me relatou que em 2017 por ser o ano do Galo no Horóscopo Chinês, alguns torcedores se apegaram a esse fato, acreditando que seria o ano da vitória para o Clube.

Silva destaca que:

O sistema totêmico Galo dentro da cultura popular brasileira, que pelo jogo do bicho, surge através dos sonhos ou intuições transmite não só a ideia de bravura e de coragem, mas de fé, lealdade e liberdade. Essas ideias são transmitidas seja pela famosa “Missa do Galo” no Vaticano, ou seja levando em consideração a grande maioria cristã, fruto de uma colonização europeia em nosso país, pela qual muitos sabem que, quando Pedro negou a Jesus Cristo por três vezes e o galo cantou, advertindo sobre a deslealdade do apóstolo, seja também pela figura do galo no escudo da seleção francesa que significa o “Canto da Liberdade” ou pelo famoso bloco carnavalesco “Galo da Madrugada” que é sinônimo de festa e liberdade. (SILVA, 2011:84).

O autor destaca que o galo é associado dentro de um quadro de potencialidades sociais, como uma espécie de mensageiro que desperta para mais um dia de tarefas, sendo assim um símbolo de trabalho em oposição ao sono e cama. O galo atua ainda em sua análise como um posto intermediário entre os domínios da natureza, atuando na zona liminar entre a noite e o dia: “essa visão sobre o trabalho e sobre a posição do galo nos revela um universo de laços sociais hierarquicamente estruturado em que relações têm como fonte ordenadora o patrão, portanto o galo, pela autoridade imposta, é representado pelo capataz, gerente ou um braço direito. (SILVA, 2011, p. 84).

Silva ainda ressalta que o galo também é visto sob o ângulo da potencialidade sexual na qual é associado ao membro masculino, pois tem crista, é brigão e está sempre ereto. Assim como o peru e a cobra, seria uma figura metonímica do aparelho reprodutor masculino na análise do autor. Esses atributos associados aos galos remetem a idealização de totemismos clássicos, tema que falarei um pouco mais adiante.

É interessante que para ilustrar, o autor utiliza o exemplo do Atlético Mineiro, ressaltando que o clube é conhecido nacionalmente, não apenas pelo seu nome, mas também pelo seu mascote e faz uma análise do hino do clube que é o seguinte:

Nós somos do Clube Atlético Mineiro
 Jogamos com muita raça e amor
 Vibramos com alegrias nas vitórias
 Clube Atlético Mineiro
 Galo Forte Vingador.
 Vencer, Vencer, Vencer
 Este é o nosso ideal
 Honramos o nome de Minas
 No cenário esportivo mundial
 Lutar, Lutar, Lutar
 Pelos gramados do mundo pra vencer
 Clube Atlético Mineiro
 Uma vez até morrer
 Nós somos campeões do Gelo
 O nosso time é imortal
 Nós somos campeões dos campeões
 Somos orgulho do esporte nacional
 Lutar, Lutar, Lutar
 Com toda nossa raça pra vencer
 Clube Atlético Mineiro
 Uma vez até morrer.

Em sua análise, Silva observa que:

Fato é que o Clube Atlético Mineiro é tanto conhecido por seu mascote como pelo seu nome institucional. Pelo hino do clube, podemos ver na primeira estrofe “Clube Atlético Mineiro galo forte vingador”, que faz comparação ao clube como seu mascote, deixando expressa a ideia de que o clube quer ser simbolizado pelos elementos culturais identitários de força e valentia que são representados pelo galo. Na última estrofe “Lutar, lutar, lutar/ com toda nossa raça pra vencer/ Clube Atlético

Mineiro/ Uma vez até morrer” o autor do hino quis passar a noção de coragem, de quem não se entrega na luta, a noção de raça que faz parte do discurso dos galistas que diz que um galo “raçudo” não foge da luta mesmo que a consequência seja a morte. (SILVA, 2011:86).

Conforme consta no site oficial do Clube e na pesquisa de Silva, em 1935 as rinhas de galo estavam em alta na capital mineira e havia um galo carijó que era imbatível e por isso era comparado ao time do Atlético. Na década de 40, o chargista do jornal “A Folha de Minas”, Fernando Pierucetti, o Mangabeira, recebeu a missão de dar um mascote a cada clube mineiro. A ideia inicial das pessoas era que o mascote do Atlético fosse um índio, mas talvez se lembrando do tal galo das rinhas, Mangabeira escolheu o galo e destacou que “O Atlético sempre foi um time de raça. Que nunca se entrega e luta até morrer” (SILVA, 2011, p.85). O autor ainda aponta que o maior divulgador do mascote foi o jogador Zé do Monte, que defendeu o Clube nos anos 50 e que sempre entrava em campo segurando um galo carijó. Com o pentacampeonato, em 1951, 1952, 1953, 1954 e 1955 o grito de “Galo!” passou a ecoar nas arquibancadas mineiras.

É interessante observar que existia e existe em Minas Gerais e nos estados vizinhos de Goiás e Espírito Santo o chamado “galo índio”, que já foi o mais temido pelos adversários nas rinhas de galo e em quem os apostadores jogavam grandes quantidades em dinheiro. Atualmente, conforme se verifica nas redes sociais e nos vídeos postados no youtube, os criadores de aves alteraram a genética desse animal, tornando-o de maior porte, e o mesmo passou a ser conhecido no mercado como “galo índio gigante”. Alguns comerciantes desses animais, para manterem a noção de originalidade e pureza dos mesmos, afirmam ter ovos de “galado índio, raça pura” ou “galado índio caipira”.

No sul do Espírito Santo, conforme se verifica em Oliveira (2006), o galo aparece como um animal bravo e brigador também em práticas culturais de matrizes africanas denominadas jongo e caxambu¹. Essas práticas culturais estão presentes também em Itapemirim, onde a pesquisa coordenada por Guimarães e Oliveira (2017) encontrou dois grupos de jongo. Oliveira (2006) escreve que no município vizinho de Cachoeiro de Itapemirim encontrou a seguinte música de jongo referindo-se ao galo:

Galo cantou no terreiro de Alexandre (bis).

¹ Segundo Guimarães e Oliveira (2017), a expressão jongo se refere aos versos enquanto criação poética e musical, e o termo caxambu está relacionado ao tambor que é o instrumento musical, que ao ser tocado invoca os saberes dos ancestrais dos jongueiros que são expressos na dança e na criatividade musical.

Nunca vi galo pequeno, mandar no terreiro grande (bis).

O hino do Atlético Itapemirim, por sua vez exalta o galo apenas duas vezes em seu início, como veremos a seguir:

Salve o Galo da Vila
 Clube Atlético Itapemirim
 Minha maior alegria é vê-lo brilhar
 E o José Olímpio inteiro gritar
 “Pra cima dele Galo”
 Nós entramos no gramado
 É pra brilhar, é pra ganhar, é pra vencer
 Mas se a sorte for ingrata
 A derrota nós sabemos receber
 É o Atlético, É o Atlético
 É o time de tradição
 As suas cores são preto e branco
 Estão gravadas em nossos corações
 De Itapemirim és um eterno campeão
 Do nosso povo és uma eterna paixão
 Atlético, Atlético, Atlético
 Nosso eterno campeão

Ao invés de exaltar as características do galo, como fizeram os mineiros, o hino do Atlético Itapemirim exalta o seu município. Faz menção ao seu estádio “e o José Olímpio inteiro gritar” e se descreve como a paixão do povo local, pois seria um eterno campeão “Do Itapemirim és um eterno campeão/ Do nosso povo és eterna paixão / Atlético, Atlético, Atlético/ Nosso eterno campeão”. Podemos observar que as mensagens dos hinos se divergem na medida que

o hino do Atlético Mineiro exalta o clube como “campeões dos campeões” em um cenário esportivo nacional e mundial, enquanto o hino do Atlético Itapemirim o exalta apenas no cenário estadual e como orgulho do povo local. Como vimos, a escolha do galo como mascote não se deu por acaso. O galo representa uma série de valores vistos como essenciais para a vitória no futebol, como a “raça”, a coragem e o fato de não se entregar em momentos difíceis, como se a partida de futebol fosse um embate, assim como a rinha de galos.

No entanto, é interessante observar que não é apenas o Atlético Mineiro que serviu de inspiração para a fundação de outros clubes. Há vários clubes que tiveram seu nome, suas cores e seus escudos replicados pelo país e até mesmo fora dele. O clube mais popular do Brasil é um ótimo exemplo desse fenômeno. Existem “Flamengos” espalhados por São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Distrito Federal, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, entre outros lugares do Brasil e até mesmo fora dele, como na Alemanha, Inglaterra, Bolívia, Coréia e em países africanos. Para se ter uma ideia, segundo pesquisa realizada por Frigols (2015) o Flamengo conta ao todo com 67 xarás que compartilham a paixão rubro-negra. Esse fenômeno pode ser explicado pela visibilidade que os “grandes” clubes tiveram ao longo da história. O Flamengo começou a se destacar ainda nos primeiros anos do futebol no Brasil, com a conquista dos inúmeros títulos estaduais, e na década de 1980 se consagrou com as conquistas das Copas Libertadores e Intercontinental e com alguns títulos do Campeonato Brasileiro, o que fez que ele se tornasse conhecido não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro. A visibilidade dos chamados “clubes grandes” influenciaram na criação de vários outros clubes no interior de seus estados ou de estados vizinhos, como o Galo, ou em maior escala como o Flamengo, que influenciou a criação de vários clubes brasileiros e até mesmo estrangeiros.

1.2 - O “PERTENCIMENTO CLUBÍSTICO”

Segundo pesquisa do Instituto Futura (2010), 84% dos torcedores capixabas não acompanham o futebol do estado do Espírito Santo. A pesquisa ainda demonstrou que a preferência dos torcedores são os times cariocas. Os próprios atletas de base que entrevistei para esta pesquisa, nem sequer se lembraram do Atlético quando falaram sobre o seu “time de coração”. Para compreender tais escolhas e comportamento do torcedor do nosso estado, passo agora para análise da noção de “pertencimento clubístico” um neologismo criado por

Damo (2005) que tem como principal objetivo dar conta da especificidade da adesão dos torcedores aos clubes.

A fidelidade clubística não é apenas uma marca diacrítica do futebol em relação a outros esportes, quando pensado no contexto brasileiro. O vínculo exclusivo e imutável de um torcedor com seu clube estabiliza um sistema complexo chamado de clubismo, tomado aqui como um sistema articulado de crenças e de práticas que, numa perspectiva arrojada, pode ser definido como um totemismo moderno. (DAMO, 2005:61)

Damo destaca que o pertencimento clubístico é um neologismo que pretende dar conta do vínculo identitário próprio da esfera do futebol e que procurou especificar um segmento do público militante, ressaltando que esse público seria “militante” não por ir aos estádios ou por pertencer a torcidas organizadas, mas por estarem emocionalmente engajados a ponto de entenderem as emoções vividas no espaço-tempo do jogo para muito além dele.

O autor pontua que os torcedores não vão ao estádio para assistir um jogo qualquer, mas sim para ver um time jogando que representa o seu clube e que se espera que os atletas correspondam a essas expectativas, que representem de forma satisfatória o clube e que atendam as demandas emocionais dos torcedores. Os jogadores seriam aqueles que teriam o “dom” e os torcedores aqueles que teriam um “dom às avessas”: o pertencimento clubístico.

Os jogadores são aqueles que dispõem de dom/talento, uma predisposição inata que, segundo as representações nativas, não teria valor e sequer existiria, não houvesse um público para reconhecê-lo, aclamá-lo, reivindicá-lo e remunerá-lo. Em contrapartida, os torcedores são aqueles que participam do espetáculo a partir de uma predisposição que em tudo se parece a um dom às avessas: o pertencimento clubístico, único e imutável. (DAMO, 2005:62)

Damo ressalta que o dom dos jogadores permitiria a circulação dos mesmos entre diferentes clubes, pois quanto maior o dom, mais cobiçados se tornam os jogadores, já o pertencimento clubístico “fixa” os torcedores, que quanto mais “pertencem” mais presos ficam aos seus clubes. O autor observa que os vínculos de pertencimento exigidos pelos torcedores aos jogadores faz com que eles respondam através de algumas estratégias de teatralização, como

aquelas declarações apaixonadas onde declaram que sempre tiveram uma paixão oculta pelo clube.

O autor destaca, no entanto, que “torcer” é bem diferente da noção de “pertencer”. Enquanto no torcer as adesões são duradouras ou até mesmo eventuais, no pertencer a adesão é muito maior, se trata de uma modalidade de envolvimento intensa, quase ilusória, seria o torcedor considerado “doente” ou “fanático”. Damo se propõe a entender de onde o clubismo tira o seu poder de mobilização e se questiona também como os clubes construíram os seus próprios “ismos”.

Segundo Damo, é necessário compreender como se articulam as relações de pertencimento, pois em sua análise, são essas relações que constituem uma das bases que sustentam o futebol enquanto espetáculo. O autor ainda destaca que:

O clubismo atravessa as fronteiras de nação, geração, gênero e outras que existem em relação à prática do futebol. Como o pertencimento já está dado de antemão – é único e imutável- o que ocorre no estádio, a caminho dele ou em outros espaços de fruição mediatizados, é um processo de sensibilização desse sentimento. (DAMO, 2005:67)

O clubismo é analisado por Damo como uma trama social e cultural. O autor ressalta que isso não impede que se trate a dimensão simbólica dessa trama como uma modalidade do totemismo moderno e destaca que ao tratar o clubismo como um totemismo não está realizando uma antropologia às avessas, pois não se pretende explicar o complexo pelo simples, enfatizando que “O que está no cerne do totemismo, enquanto conceito é uma modalidade de projeção e representação coletivas articuladas em forma de sistema.” (DAMO, 2005, p.68)

Para explicar melhor essa ideia do totemismo, Damo recorre ao trabalho de Toledo (1996), que formulou uma versão de totemismo futebolístico trazendo os animais escolhidos como símbolos do clube. O autor aponta que os clubes de futebol podem ser tomados como totem, como se fossem gaviões, porcos, urubus, galos... Damo ressalta que o futebol será tratado como totemismo moderno não apenas porque existe algo em comum entre os símbolos escolhidos pelos torcedores brasileiros, mas sim porque se trata de investigar a maneira como os clubes pensam entre si.

Utilizando o exemplo do Internacional, Damo explica que ser Colorado é torcer por um time que representa o clube e ressalta que os torcedores podem até desdenhar o time, mas jamais o clube e é por essa razão que podemos acompanhar tantos protestos por parte dos torcedores. Como sabemos, apesar de pressionarem ou idolatram seus jogadores e clubes, quem de fato entra em campo e joga, é o time, Damo então constata que sem um time os torcedores ficam de fora das disputas o que acaba os excluindo do sistema de pertença. O autor acredita que devido a isso os times do Rio de Janeiro e São Paulo possuem tantos torcedores em estados do nordeste (ou como aqui no Espírito Santo). Os times cariocas e paulistas predominam em estados cujos times não participam das competições nacionais.

Se os torcedores desses times locais permanecessem fiéis aos clubes locais, como sugere a tendência não teriam acesso à elite futebolística. Não poderiam, portanto, participar da circulação das emoções promovidas a partir dos jogos que acontecem semanalmente, em que os times representando as comunidades de sentimentos, perdem empatam ou ganham. (DAMO, 2005:71)

Ainda se utilizando o exemplo do Inter, Damo explica que é possível entender o que é ser colorado quando observamos os outros times de menor expressão nacional. Os times pequenos ou de várzea jamais enfrentarão o Internacional, e essa exclusão do circuito da competição determina também a exclusão de um sistema de relações. O autor ressalta que o Inter se encontra muito mais próximo do Flamengo, do que dos times pequenos de Porto Alegre, já que o Flamengo assim como ele joga na primeira divisão nacional.

Do ponto de vista dos clubes, a adesão dos torcedores constitui uma modalidade de capital simbólico. Um clube só é citado nas pesquisas se reconhecido entre uma extensa diversidade de agremiações, mas quando se faz a pergunta “para qual clube/time você torce” não se afere a modalidade e nem mesmo a intensidade afetiva do indivíduo. O que importa aos clubes é, sobretudo, a modalidade de vínculo permanente, o pertencimento propriamente dito, uma modalidade de capital afetivo. (DAMO, 2005:73)

Para o autor, o sistema de pertenças funciona da maneira do totemismo. A tendência é que se os totens da cidade ou estado não fazem parte da elite, os torcedores escolhem aqueles clubes

que fazem parte da elite do futebol. O autor destaca ainda, que não basta apenas participar algumas vezes da primeira divisão, como acontece com alguns clubes do nordeste, é necessário que o clube de fato se faça presente nas competições nacionais.

Damo então prossegue analisando um elemento que considera estruturante desse sistema: a fidelidade. O autor ressalta que o futebol no Brasil está ligado à economia, a sociedade, a cultura. E que a trama revela que o futebol é um campo para se pensar a maneira como nós operacionalizamos nossos pertencimentos como o caso das categorias “nação” e “região”. Ele se propõe a mostrar como os indivíduos entram nessa trama na medida em que se convertem torcedores.

O autor observa que a fidelidade é um valor cultural historicamente construído, ressaltando que o clubismo não é alheio ao romantismo, e que uma prova disso, seria o fato de que entre os vinte clubes preferidos dos brasileiros, grande parte deles foram criados ainda na época do amadorismo. Segundo o autor o clubismo é mais compreensível quando pensamos nele como um desdobramento do romantismo, destacando que amadorismo esportivo herdou parte da sua ideologia.

É notável, no entanto, que enquanto o romantismo em geral declinou ao longo do século XX, o amor aos clubes expandiu-se. O que aproxima um e outro é uma espécie de prazer decorrente da entrega, de dar-se por inteiro, sem restrições, de dar-se à morte, de morrer por amor ou de amor – ou de tuberculose, como Álvares de Azevedo. (DAMO, 2005:85)

Damo aponta que se existe algo de ruim no clubismo, seria a escalada mercantilista, que propicia a intensa troca de jogadores entre os clubes. O autor ressalta que por isso são tão frequentes as ameaças, a ira dos torcedores e as acusações de mercenários. Para o autor tais comportamentos não poderiam ser entendidos sem a compreensão da fidelidade, que implica em expectativas de retribuição.

Dialogando com Levi-Strauss, Damo observa que assim como no totemismo clássico não há espaço para todos, pois o interesse não é classificar os bichos e sim utilizá-los para se pensar as classificações sociais, o clubismo também escolhe entre os tantos clubes aqueles que são melhores para se pensar. Damo ainda reflete que algumas cidades não possuem recursos para sustentar um único clube na elite do futebol nacional, enquanto outras possuem condições de

manter três a quatro clubes, como acontece nos estados do sudeste. Devido a isso o sistema de disputas acaba contemplando apenas algumas relações, não todas.

Se, adequando a expressão lévi-straussiana para o clubismo, os clubes são bons para torcer porque são bons para se pensar, na medida em que representam comunidades de sentimento, há limitações impostas pelo sistema de disputas propriamente futebolístico, impedindo, por exemplo, que todos joguem contra todos. (DAMO, 2005:87)

Damo destaca que as divisões hierárquicas não existem apenas para equilibrar as disputas, e sim que elas existem justamente por se desejar ver disputas equilibradas e que as hierarquias utilizadas para se equilibrar as disputas também são necessárias para se estabelecer nexos entre as comunidades de sentimento as quais os clubes representam.

O autor ainda destaca, baseado em pesquisas realizadas no sul, que a fidelidade clubística nasce com a família. Em cerca de 70% dos casos analisados a escolha do “time de coração” foi feita por influência da rede de sociabilidade familiar e que as pesquisas ainda apontam que a escolha do time ocorre até os 10 anos de idade, sendo que mais da metade dos entrevistados disseram ter escolhido antes dos cinco anos de idade, isto é não escolheram, foram escolhidos. Sendo assim ninguém nasce torcendo para determinado time, apesar de se declarar dessa maneira. Dessa maneira, podemos pensar que é comum que os torcedores capixabas continuem a torcer para os times de outros estados, já que são socializados desde pequeninos com esses clubes e não com o futebol do próprio estado.

1.3 - FUTEBOL: SÍMBOLO DE IDENTIDADE NACIONAL

2018, ano de Copa do Mundo! Impossível não pensar ou falar de futebol, a contagem regressiva já começou e nos programas de televisão várias reportagens sobre a Rússia, adversários da nossa seleção e possíveis convocados já estão sendo transmitidas. Para analisar como esse sentimento de nação emerge em nossa sociedade, a análise de Simoni Guedes é fundamental.

Guedes (1998) afirma que qualquer esporte pode acionar a dimensão da brasilidade e da identidade nacional, mas isso pode acontecer somente como “ondas” em momentos de

grandes vitórias, enquanto o futebol se tornou um símbolo e/ou um idioma de identidade coletiva acionado pelos brasileiros de forma permanente e cotidiana. Um dos exemplos citado pela autora que demarca a diferença do futebol para com os outros esportes é o caso do Ayrton Senna que, por mais que tenha sido considerado um herói nacional por suas inúmeras vitórias, não conseguiu transformar o Brasil no “país do automobilismo”.

O ponto a observar é simples, mas, a meu ver, decisivo para uma sociologia dos esportes no Brasil: se vigorosamente qualquer esporte pode produzir a identificação coletiva através das vitórias, apenas o futebol o faz permanente, nas vitórias e nas derrotas. Por isso até aqui, o Brasil continua sendo o país do futebol. (GUEDES, 1998: 41)

Portanto a pergunta chave da sociologia dos esportes, segundo Guedes seria: Como o futebol se transformou em esporte nacional brasileiro? Que nação é essa que se apresenta nos campos de futebol?

O termo “nação”, afirma Guedes, apesar de possuir diferentes definições devido às variadas perspectivas teóricas, possui em si o mesmo núcleo a “ênfase na construção de um nível de realidade em que são tecidos fios de solidariedade moral entre as pessoas que nela se incluem”. (GUEDES, 1988:42). Desse modo, o futebol vem produzindo experiências coletivas que “propiciam a vivência de uma ‘comunidade moral de brasileiros’”. (GUEDES, 1998:43). Durante as Copas do Mundo podemos observar de maneira muito clara a experiência coletiva que o futebol produz em nosso país.

A história do futebol brasileiro tem sido a de uma paixão nacional que fabrica continuamente heróis e vilões, reis e párias, dramas e glórias. De fato, todas as vezes que um grupo de homens escolhidos como os ‘melhores’ veste a camisa da seleção brasileira de futebol, eles se transformam, para o bem ou para o mal, num símbolo vivo da nação. (GUEDES, 1998: 43 e 55).

As Copas do Mundo são eventos memoráveis para os brasileiros, são neles que a força do futebol é avaliada em nosso país. Guedes (1998) ressalta que as avaliações que surgem, interpretando o desempenho da Seleção Brasileira nesses confrontos são versões da nossa brasilidade. A Seleção Brasileira representa assim os brasileiros nos confrontos entre nações.

1.4 – O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO ESTILO BRASILEIRO DE FUTEBOL

Como o presente trabalho analisa os textos de DaMatta, Freyre, Pereira e Toledo, entendo que a reflexão proposta por Soares e Lovisolo é muito pertinente. Soares e Lovisolo (2003) em “Futebol: A Construção Histórica do Estilo Nacional” apresentam o debate sobre o estilo brasileiro de futebol presente nas narrativas de jornalistas e intelectuais que trataram sobre o assunto. Para os autores as narrativas acabam se tornando repetitivas e refletem o desejo de afirmação de uma identidade nacional, tomando o futebol como espelho dos dilemas da sociedade brasileira e dessa maneira, deixam de explicar a singularidade das técnicas corporais do futebol brasileiro que o distingue do futebol praticado em outros países.

A relevância de apresentar a tradição é demandada pela pressão do presente que bate na tecla de que as inovações táticas e técnicas, no contexto da espetacularização e comercialização do esporte, teriam feito desaparecer o futebol arte. A intelectualidade transforma o futebol em saudade e espelho da sociedade sem, contudo, explicar o centro da tradição: a construção do estilo. (SOARES e LOVISOLO, 2003:130)

Para Soares e Lovisolo as reclamações sobre a perda do estilo nacional interpretam o presente como declínio em contraposição ao passado, provocando assim o sentimento de saudade. Os autores destacam que esse sentimento de saudade é axial na construção da identidade portuguesa, que é proveniente de um país de navegadores e que esse sentimento de saudade foi incorporado na cultura brasileira, embora havendo certa contradição entre o saudoso e o alegre, já que a alegria seria uma característica típica do nosso futebol.

Apesar da similaridade entre as narrativas, os autores apontam que se abrem duas importantes questões sobre o estilo brasileiro de jogar futebol: 1) O estilo brasileiro seria apenas produto de uma invenção cultural de jornalistas e acadêmicos? ou 2) o estilo brasileiro significaria um processo empírico de apropriação cultural no qual o movimento corporal do brasileiro teria imprimido uma nova estética do jogo? A segunda questão, segundo Soares e Lovisolo seria a mais difícil de responder, pois se trata de elaborar categorias do estilo brasileiro. Os autores ressaltam que se é difícil entender o significado e distinção desse estilo, é ainda mais complicado traduzi-lo na linguagem dos pesquisadores.

Os autores refletem ainda sobre aquelas características ditas como próprias do nosso futebol, como os dribles, a ginga e a malandragem. Seria uma questão de quantidade ou qualidade utilizada por nossos jogadores em campo “é evidente que, por exemplo, há drible em todos os jogos de futebol. O problema seria: o estilo brasileiro se caracterizaria por um drible diferente ou meramente por uma frequência maior no uso desse recurso?” (SOARES, LOVISOLO, 2003, p.130).

Como poderia se construir eles dizem que para avançar seria necessário construir um sistemas de categorias em tensão, para somente depois se situar mais perto dos movimentos corporais, mas o que eles pretendem fazer de forma mais modesta é analisar o processo histórico da construção do estilo brasileiro com base nas suas narrativas que revelam dilemas da identidade nacional e cidadania.

Soares e Lovisolo destacam que quando se define o estilo brasileiro os autores sempre enfatizam as habilidades individuais de nossos atletas, a capacidade de improvisação, enquanto a disciplina como o jogo em equipe acabam sendo deixados de lado. Os autores ressaltam que quando valorizamos a capacidade individual, formar uma equipe seria apenas escolher os melhores e deixa-los jogar. Esse tipo de estratégia só faria sentido se o objetivo fosse formar um único time, assim como acontece com a Seleção Brasileira em disputas internacionais.

Como nenhum time pode contar apenas com os melhores jogadores e como cada atleta conta com uma capacidade particular, os autores apontam que é preciso organizar e disciplinar os jogadores para que joguem em determinados esquemas técnicos e táticos. Para os autores, aqui teríamos uma tensão entre a ordem espontânea dos melhores e a outra imposta sobre as individualidades.

Outro ponto observado é em relação ao craque e a sua equipe. Soares e Lovisolo destacam que o futebol é um jogo coletivo, mas que em nosso país a ideia do ídolo que salva a sua equipe ainda é muito presente.

O futebol é jogo coletivo, de regras universalizadas, no qual a coordenação tática da equipe deveria ser fundamental. No Brasil, em contrapartida, o sucesso da equipe é abafado em função do craque, por vezes escolhido por representar as características do estilo nacional. O jogador aparece, então, como valor. A ideia de ser o craque, aquele que salva e redime a equipe diante de situações de perigo é recorrente e o

torna herói. Apesar de ser constatada a importância do coletivo, a ideologia do craque-ídolo continua firme no presente. (SOARES, LOVISOLO, 2003, p.131)

Segundo os autores no século XIX e início do século XX o futebol fazia parte dos ideais civilizatórios, pois por se tratar de um esporte coletivo, a organização tática e disciplina acabava se tornando um ideal normativo preconizado pelo modelo inglês. Entretanto, os autores ressaltam que tais ideias não foram adotadas e nem se tornaram hegemônicas em nosso país. Analisando as publicações do jornalista Antônio Figueiredo em 1918, que descrevia os jogadores e torcedores brasileiros como ignorantes em relação ao estilo de jogo e os objetivos do futebol inglês, os autores destacam:

O modo brasileiro de jogar futebol, seu excesso de dribles, piruetas ou qualquer movimentação exótica, significava ignorância e infantilidade por parte dos espectadores que valorizavam o cômico e o estético. O modo de jogar indicava que os jogadores não tinham a noção da importância dos passes, da permanência na função pré-estabelecida e da distribuição das funções individuais para alcançar uma disciplina coletiva e eficaz. (SOARES, LOVISOLO, 2003:132)

Outra obra analisada é a do jornalista Leopold Sant'Anna, que ao descrever o talento de Friedenreich, disserta sobre o ideal estético do futebol, enfatizando que o jogador não era “egoísta”, que sempre colaborava com seus colegas, passando a bola, afirmando que o “player” não faz jogo para as arquibancadas e sim para o conjunto.

O que parece estar em jogo é a ideia de um “individualismo associativo” como valor orientador. Assim, devem ser criados contrapesos para o jogo pessoal, cuja principal manifestação seria o abuso do drible. A capacidade de colocar o talento individual, a personalidade, a serviço do conjunto seria o contrapeso ao individualismo egocêntrico ou egoísta e, portanto, a forma do processo civilizador? A nossa fraqueza, tanto antes quanto agora, seria a dificuldade de nos associarmos para atingir objetivos comuns? (SOARES, LOVISOLO, 2003:133)

Em contrapartida, havia jornalistas que defendiam a singularidade do estilo brasileiro, como o jornalista Américo Neto, que analisou o Campeonato Sul Americano que ocorreu em 1919.

Segundo os autores, para o jornalista os brasileiros venceram o campeonato por jogar diferente das outras seleções, em sua análise os nossos jogadores haviam criado uma forma própria de jogar que se caracterizaria por investidas parciais e rápidas que concentrava a força do ataque em único ponto, além de chutes longos e fortíssimos de admiráveis de precisão, táticas originárias de muitos treinos. Os brasileiros teriam criado sua própria escola de futebol, que se diferenciaria da escola inglesa, que se caracterizava por uma atuação do quadro em perfeita harmonia, sendo o ataque realizado com igual intensidade em toda a linha e pela aproximação da linha atacante o mais perto possível do gol para garantir a entrada da bola a pequena distância.

Soares e Lovisolo destacam que a comparação dos jornalistas sempre trazem a associação entre o caráter nacional e o estilo de jogo, permanecendo então o dilema entre adotar o estilo inglês ou valorizar a invenção de um estilo que seria somente nosso. Os autores observam que as narrativas sobre o futebol acabavam se confundindo sobre o que é ser brasileiro “O futebol tornara-se uma metáfora da sociedade idealizada a partir: a) do mundo civilizado europeu, que deveria modelar a jovem nação; b) da cultura singular que havia se instalado e se estava construindo, como corresponde uma nação original”. (SOARES, LOVISOLO, 2003, p.134)

Os autores pontuam que as particularidades do modo brasileiro de jogar futebol foram elaboradas em densas narrativas até que se tornaram marcas de autenticidade, diferença, distinção e identidade e que a partir de 1930 o futebol se legitimou como expressão da nacionalidade através de Gilberto Freyre, Mário Filho e vários outros literatos e jornalistas do nosso país.

O futebol passa a ser visto como um desses espaços de sintetização da cultura nacional, isto é, local de assimilações, de encontro entre classes antagônicas, de cadinho das diferentes raças e tradições culturais que diferenciavam o Brasil de outras nações. (Freyre, 1981). Um dos principais problemas do Brasil considerado na época, a miscigenação, vista como um empecilho ao progresso e motivo de vergonha, tornou-se no futebol e em outras expressões culturais, espaço de afirmação de nossa singularidade. (SOARES, LOVISOLO, 2003: 135)

Para os autores, Freyre e seus contemporâneos estavam mais preocupados em ver o futebol englobado ou ressignificado pela cultura nacional do que entender de que como havia se formado o nosso estilo de jogo. Os autores destacam que Freyre acabou construindo um tipo de metáfora em que o nosso estilo de futebol representava o amálgama de outras influências

culturais como o samba, o carnaval e a capoeira. Os autores ressaltam que essa metáfora reforçou mais a identidade do que desvendou quais mecanismos formaram e criaram uma técnica corporal singular.

Segundo os autores, a tradição continua na década de 70, quando os cientistas sociais começaram a se voltar para o futebol. Nesse período, Roberto DaMatta se destaca quando se opõe a ideia do futebol como ópio ou alienação do povo. Os autores ressaltam que um importante argumento de DaMatta seria o da construção da identidade nacional a partir de instituições secundárias, como carnaval, samba, religiosidade e futebol. Enquanto países europeus e os Estados Unidos possuíam como fontes de identidade social, a constituição, o congresso, o sistema universitário, enfim, instituições importantes e sérias. As esferas de lazer nesses países seriam fontes secundárias.

Em DaMatta, o futebol parece ser um local de “cidadania deslocada” ou fora de lugar. Se o estilo individual, cheio de improvisação e de dribles representava expressão da individualidade e meio de sociabilidade social, por outro lado não representa a experiência de solidariedade coletiva que as sociedades democráticas oferecem no espaço público e na pedagogia do esporte. Todavia, o futebol parece não transferir sua experiência de participação para luta política e agregação coletiva em igualdade e cidadania. O futebol em DaMatta, pode ser visto mais como um espaço que revela tensões na definição das relações entre as partes e o todo, entre o indivíduo e a sociedade e entre as alternativas de construção do individualismo. A tradição até aqui se manteve firme e atualizada. (SOARES, LOVISOLO, 2003: 139).

Os autores pontuam que novos argumentos surgiram dentro das ciências sociais com objetivo de explicar a construção do estilo nacional do futebol. E para debater sobre essas novas tentativas eles debatem brevemente a pesquisa de Toledo (2000) que será analisada neste trabalho. Os autores destacam que para Toledo os variados contextos da apropriação do futebol teriam gerado técnicas corporais diferenciadas em função da variedade de interpretações e aplicação das regras.

Na análise de Soares e Lovisolo, o estilo brasileiro para Toledo é visto como interpretação singular das regras e o seu processo de apropriações em diferentes contextos num primeiro momento e que num segundo momento ele acaba retomando as interpretações que falam sobre a heterogeneidade étnica e social e os processos de resistência dos afro-brasileiros na

qualidade de construtores do estilo. Os autores ainda ressaltam que “Toledo ensaia uma explicação com base na história da interação no jogo, mas termina reconciliando-se com a tradição que apresentamos ao longo do texto.” (SOARES, LOVISOLO, 2003, p.139).

Para concluir os autores levantam algumas questões sobre como as ciências sociais vem tomando o futebol como objeto de pesquisa de suas análises.

Devemos levantar algumas questões significativas. Até que ponto a luta pelo resgate do estilo nacional de futebol não representa uma reação sentimental diante da força da globalização? O futebol e o sucesso do estilo nacional representariam a esperança que podemos criar uma “cidadania política” singular, como a idealizada por DaMatta mediante o “futebol arte”? As ciências sociais, ao tomar como objeto o futebol, estariam de fato operando criativamente nas relações entre a parte e o todo no entendimento do social, ou apenas estariam recodificando a tradição da “saudade”? (SOARES, LOVISOLO, 2003:141)

1.5 - JOGO OU ESPORTE? O FUTEBOL ENQUANTO DRAMATIZAÇÃO POPULAR

Segundo Roberto DaMatta (1982), o futebol no Brasil não é apenas um esporte, desde o início o futebol sempre esteve ligado à ideia de jogo, e enquanto jogo que ele é colocado como dramatização popular, onde questões da sociedade brasileira, como o racismo, machismo, sexismo, são colocadas em cena. É importante ressaltar que DaMatta se inspirou em Victor Turner para trabalhar com a noção de dramatização. Victor Turner (1996) em “Schism and continuity in an African society” procurou compreender como os rituais funcionavam no contexto de vida dos Ndembos. Turner analisou os rituais a partir dos dramas sociais presentes na aldeia, explorando tanto o nível individual quanto o social e observou que a instabilidade do local era estabilizada pelo comportamento ritual, que facilitava de certa maneira, a união das linhagens e habitantes das aldeias. Para Turner, o drama social seria uma sucessão encadeada de eventos que conformam a estrutura do campo social a cada ponto significativo de parada no fluxo do tempo. DaMatta enfatiza, no entanto, que pretende dar uma amplitude a noção de dramatização de Turner, utilizando a noção como uma modalidade do ritual e da ritualização, em suas palavras “como um ingrediente básico do processo de ritualização”. (DAMATTA, 1982, p.21)

DaMatta propõe analisar o futebol de forma conjunta com a sociedade, pois em sua análise o futebol faz parte da sociedade assim como a sociedade faz parte do esporte, “impossível compreender-se uma atividade (ou um plano de atividades) sem referência à totalidade na qual está inserida. Esporte e sociedade são como as duas faces de uma mesma moeda e não como o telhado em relação aos alicerces de uma casa.” (DAMATTA, 1982, p. 23)

DaMatta chama atenção para o erro que é ver o futebol como “ópio do povo”, como se o futebol fosse algo que servisse apenas para desviar a atenção das massas. O autor enfatiza que o esporte é uma atividade que está presente na sociedade, e não uma atividade que está em oposição ou competição com a mesma.

Para conseguir responder as questões que envolvem o futebol, o autor aponta que é necessário começar por um estudo comparativo do significado do esporte e do futebol em diferentes sociedades, em suas palavras seria uma “discussão sutil, mas básica para uma sociologia do esporte” (DAMATTA, 1982, p.25). O autor realiza uma comparação entre os sentidos do futebol atribuídos por ingleses, americanos e brasileiros. Enquanto o futebol para os ingleses e americanos é apenas um esporte, assim como o tênis, o golfe ou basquete, no Brasil o futebol sempre veio acompanhado do qualificativo jogo. No Brasil, as pessoas vão assistir a um jogo de futebol. É um evento, onde a partida será classificada como um “jogo bom ou ruim”. Não se trata apenas de um esporte, é algo levado a sério. O autor destaca que no Brasil não se “fala” de futebol e sim se discute sobre o assunto, assim como discutimos política e religião.

Ao passo que no Brasil, o esporte é vivido e concebido como um jogo. É uma atividade que requer táticas, força determinação psicológica e física, mas também depende das forças incontroláveis da sorte e do destino. Realmente, nos comentários após os jogos de futebol, no Brasil, existem muitas situações em que se sabe que um dos times não jogou somente contra o tempo e o adversário, mas também contra o destino que deve ser modificado ou corrigido para que a vitória possa lhe sorrir. (DAMATTA, 1982:25)

Outra diferença apontada nesse estudo comparativo de DaMatta é em relação à individualização e coletividade. O autor aponta que uma das características que distinguem o futebol europeu do futebol brasileiro é a improvisação. Sabemos que quando DaMatta escreveu esse texto o futebol brasileiro vivenciava seu auge, na década de 80, com ídolos como Zico e que atualmente, na opinião de muitos, o futebol vem ficando cada vez mais

técnico. Mas acredito que essa ideia ainda faz muito sentido, pois por mais técnica que seja a escalação de um time, ainda contamos com o talento individual de nossos atacantes. DaMatta destaca que “o futebol é, na sociedade brasileira uma fonte de individualização e possibilidade de expressão individual, muito mais do que um instrumento de coletivização ao nível pessoal ou das massas”. (DAMATTA, 1982:27).

Neste sentido, poderíamos comparar o futebol brasileiro com o jazz, que é um estilo musical marcado, sobretudo, por sua improvisação. Assim como no futebol, no jazz, aqueles que são capazes de improvisar acabam se destacando sobre o seu grupo. Como observou Éric Hobsbawm “o jazz é uma música de executantes” (HOBSBOWM, 1990, p.45), pois segundo o historiador, tudo no jazz está subordinado à individualidade e improvisação dos músicos. Hobsbawm destaca que o swing presente no jazz resiste a qualquer tipo de análise. Acredito que o swing poderia ser comparado a “ginga” do brasileiro em campo. Qual historiador, sociólogo ou antropólogo foi capaz de explicar os dribles de Pelé ou qualquer lance genial de nossos jogadores em campo? É possível apenas analisar a forma abasileirada de jogar, como veremos a seguir, mas não a jogada em si. O improvisado em campo desmonta não apenas o time adversário, mas também todos aqueles que pretendem analisá-lo.

O futebol neste trabalho será estudado seguindo a perspectiva de DaMatta como sendo um veículo capaz de provocar uma série de dramatizações do mundo social. Para DaMatta uma das principais características do drama é “a sua capacidade de chamar atenção, revelar, representar e descobrir relações, valores e ideologias que podem estar em estado de latência ou de virtualidade num dado sistema social”. (DAMATTA, 1982:29).

Dessa maneira, se pensarmos o futebol capixaba, um futebol que é formado, sobretudo por atletas de outros estados podemos observar que o futebol é capaz de revelar muito sobre a formação social e econômica do Espírito Santo, como veremos mais adiante. Como observou o meu orientador em uma das suas observações, o capixaba acaba vivendo um “drama permanente” e frente às diferenças da sua formação “o drama do capixaba desavisado é querer construir uma sociedade homogênea”.

1.6 - O “FUTEBOL MULATO”: O NASCIMENTO DA IDEIA DE FUTEBOL ARTE

Não é preciso ser nenhum fã de futebol para ter ouvido falar do “jeitinho brasileiro” de jogar ou do nosso “futebol arte”. As raízes da ideia de futebol arte podem ser encontradas ainda na década de 30, com Gilberto Freyre. Em *Foot-Ball Mulato*, artigo escrito para o *Jornal Diário de Pernambuco*, Freyre (1938) reflete sobre o que seria a nossa forma brasileira de jogar. Para Freyre o estilo do futebol brasileiro se distinguia do europeu por contar com um “conjunto de qualidades de surpresa”, que incluía a astúcia, agilidade e espontaneidade.

Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de foot- ball; e esse estilo é mais uma expressão do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança em curvas ou em músicas técnicas europeias ou norteamericanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam alas de jogo ou de arquitetura. Porque é um mulatismo, o nosso- psicologicamente ser brasileiro é ser um mulato - inimigo do formalismo apolíneo para usarmos com alguma pedanteria a classificação de Spengler – e dionisíaco a seu jeito – o grande jeitão mulato. Inimigo do formalismo apolíneo e amigo das variações, dedicando em manhas moleironas, mineiras que se sucedem surpresas de agilidade. A arte do songa-monga. (FREYRE, 17 de Fevereiro de 1938, *Jornal Diário de Pernambuco*)

Segundo Freyre os negros e mulatos não jogavam futebol, e sim dançavam com a bola.

No foot-ball como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa de floreio, que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas, sobretudo de dança. Dança dionisíaca. Dança que permite o improvisado, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica. (FREYRE, 17 de Junho de 1938, *Diário de Pernambuco*).

Freyre também escreveu o prefácio do livro de Mário Filho, “*O Negro no Futebol Brasileiro*” (2003), uma obra que se tornou um clássico até mesmo dentro das ciências sociais e que como observou Soares (1999) vem funcionando como uma história mítica que veio sendo atualizada ao longo dos anos. Para o autor, muitos cientistas sociais acabam utilizando a obra de Filho de forma acrítica, sem levar em conta o período em que a obra foi escrita e a influência que Mário sofreu do pensamento de Freyre.

Na análise de Gilberto Freyre (1947), Mário Filho está para o futebol assim como Machado de Assis está para a literatura, e a sua obra é de extrema importância para estudos psicológicos e sociológicos do esporte. Na visão de Gilberto Freyre (1947), Mário Filho expõe o conflito da racionalidade e da irracionalidade no comportamento dos homens brasileiros, homens que segundo Freyre vieram de uma sociedade híbrida e mestiça, de raízes ameríndias e africanas, não só europeias.

Segundo Freyre (1947) o futebol em nossa sociedade teve grande importância, pois era o meio de expressão moral socialmente aprovado pelo povo, pela Igreja, pelo governo e pela imprensa. O futebol conseguiu se desenvolver em sua análise, porque elementos irracionais da formação cultural e social brasileira foram sublimados. Freyre ainda destaca que a capoeiragem, o samba e a molecagem baiana estão presentes no futebol brasileiro e dessa forma ajudou que o nosso futebol se distanciasse do futebol britânico.

Para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é. A dança dançada baianamente por um Leônidas; e por um Domingos, com uma impassividade que talvez acuse sugestões ou influências ameríndias sobre sua personalidade ou sua formação. Mas de qualquer modo, dança. (FREYRE, 1947:25)

Gilberto Freyre influenciou outros autores, como Anatol Rosenfeld (1993), filósofo judeu alemão que viveu no Brasil de 1937 a 1973 (ano de sua morte) em consequência da perseguição nazista. Rosenfeld foi professor na Universidade de São Paulo entre 1962 e 1973 e escreveu a obra “Negro, Macumba e Futebol” onde analisou entre outras coisas a entrada do negro no futebol brasileiro.

Para Rosenfeld a democratização do futebol ocorreu em 1919, numa partida entre Brasil e Uruguai. Nesta partida o gol da vitória foi marcado por Arthur Friedenreich, um mulato, filho de comerciante alemão com uma lavadeira negra. Na análise do autor, por mais que tivéssemos na literatura e nas artes negros que tivessem conseguido se destacar, eles ainda permaneciam desconhecidos e foi através do futebol que “heróis” negros começaram a surgir na sociedade brasileira. O futebol para Rosenfeld conseguiu, dessa maneira, abrir as portas para os negros, através de oportunidades financeiras e prestígio social, entretanto a situação continuava muito complexa, pois se no futebol todos eram iguais, na vida real não.

Por causa da influência de Freyre, Rosenfeld (1993) ainda fala em “talento natural” dos nossos jogadores. Ao analisar o sucesso dos primeiros jogadores negros que começaram a se destacar no futebol brasileiro, como Leônidas da Silva. Rosenfeld recorre a Gilberto Freyre, e explica que o sucesso desses jogadores se deve a nossa “mulatice brasileira”, pois o mulato estava numa posição racial privilegiada, já que estava “entre raças”. O mulato fazia com que o nosso futebol fosse uma “dança ornamental” repleta de artimanhas, malícias, manobras e truques da capoeira.

Todavia, foram, sobretudo, homens de cor, como Domingos da Guia e Leônidas da Silva que se tornaram os ídolos máximos de todo povo brasileiro, não só porque foram excelentes jogadores, mas porque neles se encarnavam um dos mais altos valores ideológicos do Brasil: o da democracia das raças, por mais difícil que seja, em todos os casos, harmonizar a realidade com essa ideologia. (ROSENFELD, 1993:99).

Para finalizar, destaco que na análise do autor o futebol conseguiu atrair um grande número de torcedores por duas razões: A primeira razão diz respeito ao futebol ser um esporte que colabora com a coordenação motora e a segunda razão se refere a identificação que o futebol causou entre as pessoas, já que os homens sempre tenderam a impelir, a chutar as coisas para a frente. Rosenfeld ainda observa que além da identificação com os ídolos, os torcedores ainda se identificavam com os clubes, sendo que muitas torcidas representavam bairros da época, como veremos mais a frente, e mostravam dessa maneira as diferenças sociais do período.

1.7 - DEMARCAÇÕES DE CLASSES SOCIAIS E DE COR NA HISTÓRIA DO FUTEBOL BRASILEIRO

Apresentarei agora, algumas considerações sobre o processo que permitiu que pobres e negros tivessem acesso ao futebol. Parto da pesquisa realizada por Leonardo Affonso de Miranda Pereira (1998) intitulada “Footballmania: Uma história social do Futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)”. Em sua tese, Pereira analisa revistas e jornais do período com o objetivo de demonstrar como brasileiros de diversas origens participavam de alguma maneira do futebol lhe atribuindo sentidos próprios. Um dos objetivos do autor é “romper” com a periodização

proposta por Mário Filho, que em sua análise dividiu a história do futebol brasileiro em três momentos bem definidos: o primeiro começaria em 1910 com o futebol sendo um jogo da elite, o segundo momento iria de 1910 a 1920, quando o futebol começou a se aproximar de outras camadas sociais, sendo marcado pela exclusão do negro e o terceiro período se iniciaria na década de 30, com a participação de jogadores negros no futebol. Dessa maneira, Pereira pretende ir além e apresentar uma história que não privilegie apenas um ponto de vista, buscando compreender o processo a partir da relação entre os vários sujeitos envolvidos.

Em 1863 vários representantes de clubes de Londres criaram a Foot-ball Association, uma associação que tinha como objetivo uniformizar as regras e procedimentos do futebol, para assim poder defini-lo como esporte. Pereira (1998) destaca que na Inglaterra o futebol rapidamente se alastrou nas camadas do operariado, o jogo estava diretamente ligado a uma identidade operária, bem diferente do que ocorreu nos países onde o esporte começou a ser difundido, onde era praticado por jovens estudantes e técnicos especializados das companhias inglesas. Nos países da América do Sul, o futebol começou com um caráter bastante restrito. A expansão do jogo se deu através de duas grandes vias: através dos trabalhadores especializados ingleses e através da experiência dos jovens de famílias ricas que iam para a Europa estudar e quando retornavam ensinavam o novo jogo aos amigos.

No Brasil, o futebol chegou em 1894, quando o jovem Charles W. Miller, filho de ingleses retornou da Inglaterra após terminar os seus estudos e trouxe consigo três bolas de futebol. Logo quando chegou, Miller começou a ensinar a técnica para os ingleses que moravam em São Paulo e aos poucos alguns brasileiros, filhos de fazendeiros e industriais, começaram a praticar o esporte. No Rio de Janeiro, com uma história semelhante à de Charles Miller, foi Oscar Cox, um dos fundadores do Fluminense, e primeiro presidente do Clube, que em 1897, após retornar da Suíça, trouxe uma bola de futebol e começou a promover jogos de futebol e despertar assim o interesse da juventude carioca no esporte que até então era uma novidade.

No dia 22 de setembro de 1901, aconteceu uma disputa entre jovens brasileiros contra os sócios do Rio Cricket, dando assim uma espécie de início oficial ao futebol no Rio de Janeiro. Pouco tempo depois, os esportistas de São Paulo começaram a se comunicar com os esportistas do Rio e decidiram realizar uma partida que ocorreu no dia 19 de outubro de 1901, sendo a primeira partida interestadual realizada no país. Essa partida deixou os cariocas muito entusiasmados, pois apesar da superioridade paulista, os cariocas conseguiram fazer um bom jogo e foram muito elogiados pela imprensa. Essa experiência contribuiu para a criação do Fluminense, no dia 21 de julho de 1902. A criação do Fluminense começou a atrair cada vez

mais a atenção da sociedade carioca. Pereira (1998) destaca que o futebol nesse período ainda era um jogo de letrados e que os jornalistas ainda conheciam muito pouco sobre o futebol, pois, segundo o autor, é comum nos jornais do período observar vários erros ortográficos sobre o assunto.

Em 1904 alguns ingleses fundaram The Bangu Athletic Club no subúrbio carioca, o campo para treinamento foi cedido por uma grande fábrica de tecidos da época e os técnicos foram trazidos da Inglaterra, mas devido à distância não foi possível formar uma equipe exclusivamente inglesa, dessa forma, os ingleses se viram obrigados a chamar os operários da própria fábrica. A “mistura” deu certo e logo os operários que demonstravam um bom desempenho no jogo passaram a obter benefícios no próprio trabalho.

No mesmo ano, ocorreu a fundação do Botafogo, que tinha como um dos objetivos fundar um clube exclusivamente com brasileiros, e assim como o Fluminense, o Clube estipulou uma mensalidade alta para poder assim selecionar seus sócios. Pereira (1998) observa que o futebol foi atraindo os jovens das “melhores famílias cariocas” e se transformava num modismo elegante e que o público que assistia as partidas também fazia parte das altas camadas da sociedade, sendo o mesmo público que frequentava as corridas de cavalo e peças teatrais, pois a origem inglesa do jogo garantia ao futebol o caráter de um verdadeiro evento social.

Se os primeiros sócios do Fluminense já tinham definido para ele a marca do refinamento, os entusiastas do jogo iam, com o tempo, sofisticando sua imagem: criando uma terminologia própria, definindo códigos de conduta compartilhados e concretizando através de seus uniformes importados a aparência refinada que pretendiam assumir, tentavam fazer do jogo um evento cosmopolita e moderno. (PEREIRA, 1998:34)

Na análise de Pereira, os brasileiros mesmo sendo aprendizes da tradição inglesa conseguiram reinventar os sentidos do jogo em nosso país. O autor se propõe a compreender como os brasileiros conseguiram realizar tal façanha em um período que a sociedade brasileira enfrentava diversas epidemias e flagelos sociais. E para isso, ele começa a traçar suas observações sobre os últimos anos do Império que foi quando se começou a ganhar força um movimento para tornar obrigatório nas escolas primárias e secundárias o ensino da ginástica, esse movimento ganhou apoio nos primeiros anos da República com o fortalecimento das

teorias higiênicas em nosso país. Em 1900 o médico Eduardo Magalhães escreveu uma tese sobre a importância da ginástica para as crianças, o médico argumentava que devido o Brasil ser um país quente e úmido estava numa posição inferior a países de clima temperado. Tais ideias eram inspiradas por teorias europeias que pregavam que não existiria uma nação robusta sem a educação física. (PEREIRA, 1998).

O autor ressalta que o alvo de tais teorias no Brasil eram os jovens e as crianças, pois na visão desses médicos, as crianças e os jovens ainda não tinham seus corpos maculados pela indolência natural dos brasileiros. Mas não era fácil atingir tal público, pois os pais não se interessavam pelo tema. Os médicos começaram a perceber que precisavam criar um estímulo, um meio para que as pessoas comessem a praticar exercícios e começaram a enxergar no esporte essa possibilidade. A dança, o salto à corda e até o mesmo futebol começaram a servir como defesa dos médicos para o vigor físico da nação. “Aparecendo como os salvadores do vigor nacional, os esportes passavam, então a contar com entusiástico apoio dos higienistas e educadores interessados no desenvolvimento físico da nação” (PEREIRA, 1998, p.39)

Segundo Pereira começaram então a surgir muitos periódicos sobre o assunto e houve ainda a abertura de clubes ginásticos pela cidade, mas que muitas vezes ainda serviam apenas como fachadas para encobrir jogos proibidos. O esporte foi então ganhando mais adeptos e empresários foram abrindo novas casas esportivas que iam se tornando cada vez mais sucesso. Na análise do autor, a higiene passou a ser aliada dos patrocinadores e praticantes de esportes, pois dava a justificativa moral para a diversão lucrativa que o esporte havia se tornado.

Os clubes esportivos começaram a se alastrar pela cidade e novos clubes de futebol iam se inserindo nesse processo mais amplo de valorização do esporte. No começo o futebol era visto apenas como mais um dos esportes e não recebia atenção especial nem dos esportistas e muito menos da imprensa. Mas como os esportes tinham os mesmos objetivos higiênicos, Pereira destaca que a discussão começou a girar em torno de qual benefício corporal cada esporte poderia acarretar. Os defensores do futebol alegavam que ele teria muitas vantagens sobre os demais esportes, pois através dele todo o corpo se movia, evitando que qualquer órgão ficasse parado e poderia assim gerar o desenvolvimento mais completo do físico. Outra vantagem elencada por muitos seria que o futebol seria capaz de desenvolver o caráter de seus praticantes. “Tratava-se da tradução perfeita do espírito das teorias higiênicas- que fazia do físico e do intelecto duas esferas indissociáveis” (PEREIRA, 1998, p.48). Segundo Pereira o futebol ia assim se tornando um esporte fidalgo e útil, construindo uma marca de jogo da

saúde e higiene. Os jogadores passaram de “foot-ballers” a “sportmen” transformando a prática de futebol em causa nobre, e essa era a principal justificativa em defesa da nova modalidade esportiva.

Defendido por cronistas e sportmen que viam nele o mais fidalgo dos esportes e praticado nas escolas atentas aos ditames da ciência dos higienistas, o futebol transformava-se, no Rio de Janeiro dos primeiros anos deste século, em um dos principais sustentáculos da educação física da mocidade – assumindo os seus praticantes o papel de principais defensores do sport e conseqüentemente, da robustez física. (PEREIRA, 1998:49).

Para o autor, outra consequência da influência das teorias higienistas, foi em relação aos clubes de futebol, que se tornaram verdadeiros centros esportivos abertos para vários esportes, o Fluminense, por exemplo, patrocinava aulas de ginástica e esgrima. Na análise de Pereira, a higiene se converteu em um meio de legitimação da identidade construída pelos rapazes que tentavam dessa maneira se firmarem como salvadores da sociedade, já que a luta teria como objetivo a salvação de todos.

Nos subúrbios, novos clubes como “Boêmios, F.C”, “Aldeia Campista F.C” e “Pedregulhos F.C” começaram a surgir, como também novas associações. Esses jogos também atraíam grandes públicos, crianças, negros e pobres se amontoavam dentro e fora dos campos, sobre telhados e muros para assistir aos jogos. O autor ainda destaca que “sem ater-se ao caráter nobre atribuído ao jogo por muito de seus defensores, iam fazendo dele uma alternativa de lazer e um meio de diversão, que atraía um contingente cada vez maior de admiradores entre as classes trabalhadoras”. (PEREIRA, 1999, p. 56).

Para os “sportmen” essa popularização era vista como um problema. E as teorias médicas começaram a ser “adaptadas” e passaram a enfatizar, como Álvaro Reis em 1904, em sua tese defendida na Universidade da Bahia, que o futebol seria benéfico apenas para a mocidade mais bem preparada, dando assim mais argumentos para que os sócios dos clubes definissem um caráter mais restrito para o futebol.

No dia 08 de julho de 1905, nasceu a Liga Metropolitana de Foot-Ball com o objetivo de organizar o futebol na cidade e promover campeonatos. A diretoria era composta por membros de cada um dos clubes que a formavam e para entrar na Associação era necessário realizar um pagamento de 50\$000 anuais e mensalidades de 30\$000, com isso a Liga

pretendia manter o controle do futebol, pois além de definir regras com a alta mensalidade definia também quais grupos poderiam praticar o futebol.

Construindo uma série de obstáculos para o reconhecimento de clubes menores, incapazes de satisfazer as condições exigidas, a Liga servia como um meio de definição mais clara do caráter que os sportmen dos clubes mais ricos da cidade tentavam dar ao jogo, prevenindo-se contra o movimento do futebol. (PEREIRA, 1998:61)

Estreando no dia 3 de maio com uma vitória do Fluminense sobre o Paysandu por 7 a 1, o campeonato foi rapidamente um sucesso. Em maio de 1907 a Liga enviou um ofício para seus membros que é publicado no jornal Gazeta de Notícias:

Comunico-vos que a diretoria da Liga, em sessão de hoje, resolveu por unanimidade de votos que não serão registrados como amadores nesta liga as pessoas de cor. (Gazeta de Sports, Gazeta de Notícias, 10 de maio de 1907, apud PEREIRA, 1998.)

Pereira (1998) ressalta que tal proibição já era comum em associações, citando como exemplo o Club Sportivo dos Liberais que tinha em seu regulamento a seguinte cláusula: “ilimitado número de sócios de qualquer nacionalidade, exceto pessoas de cor”

Agora além da exclusão social existia também explícita a exclusão racial. Com tal medida o Bangu se sentiu ofendido e saiu da Liga e os times do subúrbio decidiram criar também uma liga a “Liga Suburbana de Futebol”. O primeiro campeonato dessa nova liga teve início no dia 5 de maio de 1907, fazendo também muito sucesso e sendo bastante concorrido. Como tinha regras mais flexíveis, Pereira destaca que a Liga Suburbana abriu possibilidades a outros grupos para participarem dos jogos. O autor compara que em dezembro de 1906 atuavam cerca de 30 clubes de futebol e em 1907 já passavam de 40 novos clubes, sendo que apenas oito clubes faziam parte da Liga Metropolitana. Havia, portanto uma clara distinção nesse período. De um lado clubes mais reservados, cujos jogos acabaram por se transformar em grande ponto de encontro entre as pessoas da alta sociedade e do outro lado estavam os trabalhadores que jogavam espalhados pela cidade.

Em 1911 aconteceu um fato que começaria a estremecer as relações na Liga Metropolitana. Dois jogadores do Botafogo se desentenderam em campo sendo expulsos da partida e posteriormente suspensos por conta do ocorrido. O Botafogo se indignou com a suspensão dos seus atletas e decidiu sair da Liga. Após a saída formou com outros clubes menores a “Associação de Foot-Ball no Rio de Janeiro”.

Nos anos seguintes representantes do Flamengo lideraram um movimento para trazer o Botafogo novamente para a Liga, houve muita resistência por parte de alguns, mas a proposta acabou sendo aceita e além da volta do Botafogo ocorreu também à fusão entre as duas associações e em 1913 clubes menores o Sport Club, Mangueira e Esperança acabam entrando na Liga Metropolitana que ficou dividida entre primeira e segunda divisão.

A situação foi se complicando, pois as regras previam que o melhor clube da segunda divisão passaria para a primeira divisão. O primeiro clube a subir foi o Andaraí que era composto por operários. A presença dos clubes menores começou a incomodar e em 1915, Alberto Silves, sob o pseudônimo de Jofre enviou uma carta intitulada “A nossa campanha” falando sobre a necessidade de selecionar os jogadores, pois em sua visão o futebol seria um esporte que deveria ser praticado apenas por pessoas da mesma “educação e cultivo”, alegando que o futebol era um esporte violento e que a educação era fundamental para a sua prática. Entre muitas propostas, Alberto Silves ainda pontua que o futebol estaria se tornando uma “salada de classes de profissão”, aceitando até analfabetos, bombeiros hidráulicos por exemplo.

Houve algumas posições contrárias, e alguns jornais publicam outras cartas como a do marinheiro que se identificou apenas como L.M, que escreveu para o Correio da Manhã inconformado com o fato de Silves ter comparado os militares com meros engraxates... Já outra pessoa identificada como Arev argumentou que poderia sim haver operários também educados. (PEREIRA, 1998).

Apesar das críticas, algumas propostas foram sim incorporadas pela Liga, e muitas de maneira ainda mais radical como ressalta Pereira. A principal das mudanças foi a nova Lei do Amadorismo que determinava que os jogadores não poderiam tirar sua subsistência de trabalhos braçais, de profissões que permitisse gorjeta, ou fossem, criados de servir, empregados de armazém, serventes, guardas civis e etc.

O Jornal Imparcial se posicionou e questionou que a nova lei seria na realidade uma lei de seleção. Após a repercussão, os clubes conseguiram barrar a nova Lei do amadorismo e os trabalhadores puderam continuar na Liga Metropolitana. Em meio a tais discussões novas

ligas começaram a surgir e em 1915 o Brasil era o país na América do sul com maior número de campos de futebol. O autor destaca que os ingleses que visitavam o país ficavam espantados com o interesse dos brasileiros por futebol e um desses ingleses, Bruce, chegou até a escrever um livro sobre o assunto. Para o inglês, o futebol era um passatempo nacional que atraía multidões, Bruce ainda chamou atenção em seu livro para o fato dos brasileiros usarem termos ingleses no campo e entre torcedores como “Shoot” “pass” “Take it forwards”, não traduzindo tais termos para a língua portuguesa.

Através da pesquisa de Pereira (1998) podemos fazer uma contextualização histórica dos primeiros anos do futebol no Brasil. O autor nos demonstra a influência das teorias higienistas para a valorização do esporte em nosso país, sobretudo sobre o futebol que acabou se tornando um esporte fidalgo e útil, construindo para si a marca de jogo da saúde e higiene. O autor nos mostra que pobres e negros conseguiam driblar o preconceito dos grandes clubes criando suas próprias associações e ligas de futebol, vivenciando assim suas primeiras experiências com o esporte. Mas esse “drible” no preconceito vigente não trazia os jogadores negros e pobres mais próximos dos grandes clubes, pois afinal, esses jogadores continuaram por muito tempo podendo disputar apenas jogos dentro dos clubes de seus bairros.

Ao assistir os jogos pendurados em cima de muros e carros, as camadas populares vivenciavam suas próprias experiências com o futebol como aponta o autor, mas se analisarmos por outro lado, tal experiência era na realidade imposta pelos altos valores dos ingressos, que assim como as mensalidades dos clubes tinha como principal objetivo selecionar os jogadores e os torcedores. Acredito ainda que não podemos supor que o problema era apenas social, pois como demonstrou o autor, havia cláusulas que proibiam “pessoas de cor” participar dos clubes e associações, além do mais, se imaginarmos a sociedade carioca no início de 1900, vivenciando seus primeiros anos após a abolição fica fácil saber quem era a população pobre vivendo nos subúrbios naquele período.

1.8 - A PROFISSIONALIZAÇÃO NO “PAÍS DO FUTEBOL”: DENTRO E FORA DE CAMPO

Com o fim do amadorismo, o profissionalismo na análise de Toledo (2000) passou por três importantes momentos. O primeiro momento se iniciou após o fim do amadorismo e durou até os anos 40 e foi marcado por tentar colocar fim aos resquícios do amadorismo,

regulamentando os ganhos dos jogadores nos campeonatos. Já o segundo momento se caracterizou pela ingerência do Estado Novo, que regulamentou as diretrizes do esporte nacional com a criação do CND, o Conselho Nacional de Desportos. O terceiro momento se iniciou mais tarde, já no fim da década de 90 e veio substituir a centralização burocratizada, tão característica do período anterior e foi marcado por ampliar os processos de profissionalização, não somente entre os jogadores, mas como também no gerenciamento dos clubes, federações e confederações que contam com o patrocínio de empresas privadas.

Caminhando por esses três períodos do profissionalismo do futebol brasileiro, Toledo se propõe a analisar o alargamento social e simbólico do futebol a partir da relação entre a prática “dentro de campo” e “fora de campo”, que seria a dinâmica praticada por aqueles que estariam na torcida. Para tanto, o autor inicia sua análise no início do século XX, quando o futebol ainda era novidade em nosso país. Segundo Toledo (2000) as primeiras publicações sobre o caráter técnico do futebol se iniciaram por volta de 1902 em São Paulo. O autor destaca a publicação do “Guia de Football” publicado por Mario Cardim, em 1903, que foi um dos primeiros grandes incentivadores, tradutores e divulgadores das regras de futebol em nosso país. Sua obra se tratava de:

Um apanhado de recomendações àqueles que se iniciavam na sociabilidade esportiva: tabelas e resultados dos campeonatos disputados, estatutos da então Liga paulista, nomes dos clubes participantes, regras e excertos dos primeiros manuais técnicos que aqui chegaram sobre como aprender e jogar (e assistir), nomes das posições dos jogadores, horários dos bondes que atendiam os campos, propagandas que aludiam à importância das práticas físicas ainda associados a um *ethos* não necessariamente esportivo, tais como o consumo de charutos e bebidas. (TOLEDO, 2000:14)

Segundo Toledo, essa e várias outras obras de divulgação sobre o futebol acabaram preenchendo uma lacuna na vida esportiva da cidade, pois os jornais costumavam trazer as notícias dos jogos, resultados e formação dos times. O autor destaca que um exemplo desse esforço de divulgação esportiva do futebol é a publicação em 1916 do “Regras Oficiais de todos os sports”, pois dois terços da obra eram dedicadas ao futebol, além de incluir a lei do impedimento, que era alvo de muitas controvérsias de interpretação no período. Toledo também faz questão de enfatizar que essas publicações eram destinadas a um determinado

público, pois como já foi visto anteriormente, a população pobre não tinha acesso aos grandes eventos esportivos.

Nota-se, entretanto, que essas publicações são representativas de um público específico: segmentos das elites que praticavam os esportes socialmente prestigiados e que também cultivavam um certo estilo e modo de vida pautados pelo consumo de bens esportivos importados, proibitivos à maioria da população. (TOLEDO, 2000:15)

O autor aponta que essas publicações foram se intensificando à medida que o movimento do profissionalismo se consolidou. Nesse período era possível observar um crescimento no público que conhecia as regras do jogo. Toledo ressalta que além do público torcedor, aumentava também o interesse de jornalistas em relação ao futebol, que deu origem ao nascimento da crônica jornalística.

Em 1933, houve a publicação do “Grandezas e misérias do nosso futebol”, uma obra que trazia depoimentos do ex-jogador Peixoto Correa, falando sobre as condições precárias de vida dos jogadores oriundos de classes mais populares, mostrando a necessidade de divulgação e normatização do futebol. A obra foi um marco do movimento rumo a profissionalização. Toledo conclui que nas duas primeiras décadas os manuais eram voltados para difundir os sentidos dos jogos para o público geral e que depois dos anos 30, com a profissionalização, a difusão do rádio e imprensa esportiva os manuais ficaram mais restritos a aqueles que estavam comprometidos com o futebol e que a partir da década de 50, além dos jornais, surgiram as revistas semanais esportivas, que traziam assuntos mais variados, como histórias de vidas dos jogadores e crônicas narradas de maneira mais livre, sem a linguagem tecnicista e doutrinária dos manuais.

Toledo segue sua análise “dentro de campo” analisando a evolução das regras e formas de jogo. Para isso, ele faz uma análise dos manuais de divulgação esportiva, que em sua visão que possibilitam compreender os significados simbólicos que permeiam as práticas sociais entre aqueles que lidam com o futebol.

As regras fazem parte de um processo crescente de disciplina e adestramento corporal, social e moral através do qual se passou de um aglomerado de indivíduos espalhados correndo atrás de objetos, nem sempre esféricos – o modo como se

praticavam algumas atividades lúdicas que lembram o futebol anteriores ao último quartel do século XIX pelos países da Europa - para uma configuração mais estável e ordenada, passível de repetição e continuidade na sua fruição estética, dentro ou fora de campo. (TOLEDO, 2000: 20, 21)

O autor ressalta que esse fenômeno regulador das atividades lúdicas nas sociedades europeias, se fundiu com mecanismos mais abrangentes de processos políticos, econômicos e sociais que alteraram significativamente a sociabilidade. Para Toledo, os jogos com a bola, preconizaram com suas dinâmicas e fruição um *ethos* competitivo que se tinha como objetivo generalizar.

Devido às inúmeras mudanças que o futebol sofreu ao longo dos anos, Toledo explica que não seria possível se ater a todas elas e fala sobre a lei do impedimento, que em sua análise seria a regra que mais alterou a dinâmica do futebol. Uma lei que favorece a defesa em princípio, mas se torna paradoxal na medida que contraria o maior objetivo do jogo que é marcação de gols.

Toledo explica que antes de 1863, qualquer jogador que estivesse em posição de ataque, mas a frente da bola estaria em situação de impedimento, o ataque dessa forma, era realizado de maneira muito lenta. Em 1866 houve a primeira alteração: estaria impedido o jogador que ao receber o passe não tivesse entre a linha e o gol adversário pelo menos três jogadores do time contrário. Já em 1907 o jogador que estivesse em seu próprio campo e recebesse a bola não estaria em situação de impedimento, mesmo se houvesse apenas o goleiro em sua frente. Em 1925, por pressão de times escoceses a regra mudou mais uma vez e passou a ser dois jogadores que colocavam o atacante em impedimento, o goleiro e um jogador de linha, estimulando assim como o autor observa uma melhor distribuição dos jogadores em campo.

Tais modificações tornaram o futebol visivelmente mais coletivizado, uma vez que estimularam uma maior ocorrência dos passes, a movimentação mais livre e os deslocamentos mais variados, diversos daqueles pautados por aproximação ao gol em linhas paralelas à linha de fundo. Novamente decorreram dessas alterações a formação de outras disposições de jogadores em campo e o aparecimento de formas de jogar. (TOLEDO, 2000: 24).

Toledo observa que essas alterações, sejam consciente ou intencionais, nas leis do futebol, acabaram estimulando aprendizados e manejos mais originais. O autor observa a “regra 12”,

antes “regra 9”, que prescrevia sobre o uso de rasteiras e pontapés, que limita o uso dos “trancos” e esbarrões. Para Toledo, essa regra pode ser um exemplo de leitura e interpretação original das regras que acabou colaborando para a invenção de uma forma singular de jogar que ficou conhecido como o “estilo brasileiro”, ressaltando que este era um tema recorrente nos manuais e na imprensa esportiva no final da década de 30.

O recurso mais abundante ao tranco, ou “charge” tende a predominar nas situações em que se desenvolve uma maior combinação coletiva de movimentações e deslocamentos em profundidade, o que implica o uso maior dos passes de média e longa distância em detrimento de outros fundamentos, tais como o drible e os passes curtos, domínio e progressão mais individualizados. Num futebol em que a bola teimava em parar mais nos pés dos jogadores habilidosos, tal como se jogava no Brasil até poucas décadas (e ainda hoje, embora em menor intensidade) havia uma significativa inibição na disputa em movimento e, conseqüentemente, a menor ocorrência do uso do tranco como dispositivo de retomada e disputa de bola. (TOLEDO, 2000: 28).

Diferente do que acontecia com alguns esportes em outros países, que para se retirar a bola era utilizada a força física, no Brasil essa conduta era considerada faltosa, sendo que ao menor esbarrão, como o autor destaca se considerava a regra 12. Essa regra acabou favorecendo, em sua análise, um futebol mais voltado para o uso experimental do corpo, pois para se desvencilhar do adversário era necessário empregar técnicas mais votadas para o manejo da bola em detrimento ao choque direto.

É possível que tais interpretações e malversação das regras tenham favorecido outras formas de jogar, corroborando na fixação e reprodução coletiva de técnicas corporais e simbólicas que estimularam notadamente a partir da Copa do Mundo de 1938, um determinado estilo, que viria a contrastar de modo cada vez mais acentuado com os de outras praças esportivas. (TOLEDO, 2000: 30).

Para exemplificar, Toledo cita Leônidas da Silva, o artilheiro da Copa de 38, um jogador considerado elitista e de grande habilidade, cuja individualidade era considerada como a principal característica dos jogadores brasileiros. O rigor excessivo na aplicação da regra sobre o tranco, na análise do autor deixou marcas permanentes no futebol brasileiro.

Ficou favorecido um futebol que, desde muito cedo insinuou-se num estilo mais esquivo de condução de bola, em geral menos contendor e combativo que o futebol europeu sul-americano, encontrou no terreno das regras um estímulo às experimentações e manejos culturais mais originais. (TOLEDO, 2000: 32).

Toledo finaliza destacando que os manejos decorreram do encontro de estratégias simbólicas, derivadas da heterogeneidade na composição étnica e social dos praticantes de futebol. O futebol se aproximava a certas práticas sociais como danças e lutas que privilegiavam a ginga e o requebrar, elementos performáticos definidores de outros modos de vida, mais populares e consequentemente frequentemente perseguidos e socialmente discriminados.

O autor prossegue analisando o “fora de campo”, “as formas de torcer”, isto é a participação do torcedor no universo simbólico do futebol. Toledo destaca que a popularização do futebol foi um processo que confrontou com as estratégias e tentativas de distinção social das elites esportistas do século XIX, debatendo com o estudo do historiador Leonardo Pereira, que já foi analisado neste trabalho, que demonstrou as dificuldades enfrentadas por pobres e negros para terem acesso ao futebol. O autor observa que “assistência” foi um termo comum na imprensa na década de 30, utilizado para definir os torcedores mais populares, com o objetivo de diferenciá-los dos sócios, que eram aqueles torcedores que mantinham laços mais estreitos com os clubes.

Toledo ressalta que a crescente normatização torcedora esteve em consonância com a maior assimilação e difusão das regras do jogo, que promoviam a universalização da prática do futebol dentro e fora de campo. Os manuais técnicos foram as primeiras iniciativas para a orientação torcedora na conduta de um público

O autor observa que o futebol no início era jogado de forma pouco coletiva em campo e que isso era muito criticado pela imprensa e acabava refletindo também fora de campo. O futebol não contava com uma presença mais ostensiva de torcedores e suas mobilizações. Foi necessário a chegada de técnicos europeus e a disseminação de técnicas mais coletivizadas, para que os grupos de torcedores se tornassem mais visíveis.

Nos anos 40 e 50, Toledo destaca que houve uma maior aceitação dos torcedores, principalmente em relação às formas teatralizadas de torcer, que os colocavam como protagonistas, segundo o autor seriam “táticas performáticas que os elevaram à condição de

protagonistas de um futebol mais organizado pela difusão das formas de jogo e esquemas táticos que rapidamente se legitimavam entre os técnicos” (TOLEDO, 2000, p.58)

O autor ressalta que esse movimento foi favorecido pela segunda profissionalização que foi implementada no governo de Getúlio Vargas e buscou centralizar e corporativizar administrativamente o esporte brasileiro. Em 1941 também se iniciou a trajetória da técnica coletiva do Brasil. Foi introduzida a diagonal, que foi considerado o primeiro esquema tático brasileiro. Um esquema que se aproximava mais do “estilo brasileiro de jogar”, mas que após a derrota da Copa de 50 foi abandonado.

Toledo observa ainda que em 1941 surgiu a torcida uniformizada do São Paulo, um modelo pioneiro entre as organizações torcedoras que foi se espalhando pelo Brasil.

É notável observar de que modo essas torcidas estavam alinhadas ao arranjo institucional do futebol da época. Podemos constatar tal fato desde o ano de 1943, quando A Gazeta Esportiva e a Rádio Gazeta promoveram o primeiro campeonato paulistano de torcidas uniformizadas. Tal iniciativa buscava normatizar a conduta torcedora dentro dos estádios, já que desde então, distúrbios, entreveros e uma variedade de modalidades transgressoras se tornavam um problema sério no futebol, que, tal como os outros setores da própria sociedade, se consolidava definitivamente como um evento de massa. (TOLEDO, 2000: 60)

Ainda nos anos 40, o Estádio do Pacaembu foi inaugurado, o maior estádio do país no período, Toledo ressalta que isso acabou estimulando a participação popular nos jogos. Esse aumento de participação, no entanto, gerou preocupação das autoridades em relação a conter e regular os torcedores e até mesmo os jornais começaram a noticiar sobre esquemas de segurança e prevenção de brigas nos estádios. O autor destaca que essas torcidas surgiram inspiradas pelas motivações ideológicas da época. No plano internacional o período era marcado pela II Guerra Mundial e pelo neo-nazismo e no plano nacional marcado pelo Estado centralizador de Getúlio Vargas. “Essas primeiras organizações torcedoras evocavam aspirações nacionalistas, com grande anuência e chancela dos setores da elite que ocupavam os cargos dirigentes no âmbito dos esportes, dos meios de comunicação e de parte dos aparelhos do Estado.” (TOLEDO, 2000, p. 62).

Segundo Toledo esse modelo de assistência praticado pelas torcidas uniformizadas perdurou até os anos 60, quando cedeu espaço para uma outra forma de participação, ainda mais

popular: as “Torcidas organizadas”. Essas torcidas nasceram num momento em que o futebol se consolidava no cenário nacional e que o país vivia um momento de efervescência política, em pleno regime militar. A primeira torcida organizada foi a Gaviões da Fiel. O autor aponta que as torcidas organizadas eram autônomas em relação as atividades institucionais dos clubes e que muitas vezes até se confrontavam com os dirigentes. Esse modelo de torcida se popularizou e dominam o cenário esportivo ainda hoje.

Mais recentemente, em 1990 na terceira profissionalização do futebol, surgiu uma nova modalidade de torcer. Inspirados nos administradores esportivos surgiram outros estilos e condutas de torcedores, os famosos “sócio torcedores”.

É dentro desse processo material e simbólico de reinstitucionalização do profissionalismo ampliado no futebol que está sendo gestada essa nova modalidade do torcer, a de sócio-torcedores, que contempla os requisitos necessários à transição da condição genérica do torcedor, do comum aos organizados, para a de consumidor esportivo. (TOLEDO, 2000: 67).

Toledo conclui que esses engajamentos mais explícitos, como foram as torcidas uniformizadas, ou atualmente as torcidas organizadas e sócios torcedores convivem ainda com outros milhões de torcedores, os “comuns”, que retiram do futebol inúmeras formas sociabilidade e convívio.

As questões apontadas pelos autores nos fazem refletir sobre a maneira que nós, enquanto cientistas sociais tomamos o futebol como “objeto” em nossas pesquisas. Por ser esse esporte tão popular e pela capacidade que o futebol possui de encantar, muitas vezes acabamos deixando a paixão falar mais alto e não buscamos compreender os diferentes processos que envolveram não apenas a formação do nosso estilo de jogo, como também outras questões que o futebol nos apresenta.

Após analisar como se construiu historicamente o estilo brasileiro de futebol e como ocorreu o processo de profissionalização do futebol em nosso país analisarei nos próximos capítulos matérias jornalísticas e dados empíricos da minha pesquisa de campo sobre a trajetória recente

do Atlético Itapemirim e sobre o processo de profissionalização e contratações de profissionais do futebol – técnicos e atletas – do mesmo clube.

CAPÍTULO II – CONTEXTO HISTÓRICO DO SUL DO ESPÍRITO SANTO E A FORMAÇÃO TRANSLOCAL DO “GALO DA VILA”

O presente capítulo tem dois objetivos. O primeiro consiste em refletir sobre a formação social e econômica do estado do Espírito Santo e, especialmente, do município de Itapemirim, analisando as influências da formação desse município e da região sul do Espírito Santo na criação do clube de futebol local denominado Galo da Vila. O segundo objetivo consiste em apresentar uma descrição da trajetória de ascensão profissional do Galo da Vila e refletir sobre o processo de ascensão do clube ao campeonato capixaba. Para atingir tais objetivos, a metodologia empregada foi a análise de alguns dados historiográficos sobre a formação do Espírito Santo e a interpretação de uma entrevista concedida por escrito por um professor, sobrinho do fundador do clube, além de pesquisa em fontes jornalísticas e entrevistas com membros da diretoria do clube.

Toledo (2004) em “Didi: a trajetória do Folha-seca no futebol de marca brasileira” analisou a trajetória de Valdir Pereira, o Didi, um dos grandes ídolos da conquista brasileira na Copa de 1958. O autor realizou sua pesquisa partindo da análise de várias matérias dos principais jornais do período. Assim como Toledo, que analisou a trajetória de um atleta partindo de diferentes fontes jornalísticas busco analisar a trajetória de um clube, o Atlético Itapemirim - um agente empresarial do campo esportivo - e, a partir de orientações metodológicas baseadas em Bourdieu (1998), procurarei explorar os diferentes vínculos estabelecidos por sua diretoria enquanto um agente que recria sua própria história recente, levando em consideração as relações sociais, políticas e empresariais - locais e translocais - nas quais o clube está inserido.

Diferentemente do que muitos torcedores imaginam, por não conhecerem o futebol capixaba, o Atlético Itapemirim, é formado por atletas de várias regiões do nosso país. O elenco atual, como veremos posteriormente, conta apenas com cinco atletas capixabas. No entanto, o que ocorre com o Galo da Vila não é uma situação atípica no futebol brasileiro. Assim como observou Damo (2007, apud Fiorio 2014), os “grandes clubes” estão concentrados principalmente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, e o autor argumenta que o futebol brasileiro é formado majoritariamente pelos pequenos clubes espalhados pelo país e são esses clubes que acabam contratando a maioria dos jogadores brasileiros que atingiram o nível profissional.

2.1 - FORMAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA DO ESPÍRITO SANTO

O Espírito Santo é conhecido por muitos historiadores que se dedicaram aos estudos do período colonial como sendo uma região da “Barreira Verde”, pois no início do século XVIII o estado vivia em quase completo isolamento, já que o governo português restringiu o povoamento com o objetivo de evitar o contrabando de ouro e pedras preciosas de Minas Gerais. Outro fator que contribuiu para o esvaziamento do estado foi a expulsão dos jesuítas em 1759 (MACEDO, MAGALHÃES, 2011).

Segundo Caliman (2012) o Espírito Santo iniciou a sua ocupação territorial e sua formação econômica e social, apenas a partir de meados do século XIX e isso aconteceu tendo como elemento comum e estruturante a cultura do café. Segundo o autor, foi graças ao café que o Espírito Santo conseguiu se integrar ao comércio internacional e criar laços com a economia nacional, forjando dessa maneira a sua base sociocultural e em grande parte sua identidade.

Para Caliman, a história da formação econômica do Espírito Santo pode ser dividida em alguns períodos: 1) Período Colonial, marcado pela estagnação econômica e isolamento territorial; 2) a primeira fase do ciclo do café, sustentado pelo regime escravista, com uma economia incipiente e desarticulada territorialmente, e também desconexa do restante do país; 3) o governo de Muniz Freire até a metade do século XX: estratégia de integração territorial e externa pela via comercial; 4) a crise do café e opção pela indústria nas décadas de 50 e 60; 5) industrialização a partir de grandes plantas industriais voltadas para o mercado externo: economia industrial e de serviços com forte relação com o comércio exterior (final do século XX) e 6) novo ciclo de desenvolvimento: sofisticação e diversificação da economia, globalização da base produtiva e incorporação do interior do estado ao processo de desenvolvimento a partir do litoral.

Segundo o autor, no período colonial o Espírito Santo sobreviveu as margens dos principais ciclos econômicos, como em Minas Gerais com o ciclo do ouro ou como no Nordeste com a cana de açúcar. Caliman ressalta que apesar de se ter desenvolvido atividades ligadas a cultura de cana de açúcar em Itapemirim e arredores de Vitória, a atividade não encontrou condições favoráveis para sua expansão, e isso pode ser explicado também pelo fato que essas atividades começaram tardiamente quando os preços do mercado internacional se encontravam em baixa. O autor destaca que o isolamento vivido pelo estado nesse período pode ser comprovado também pelo crescimento da população. Em 300 anos da colonização, no ano de

1856, havia apenas 49.092, sendo que dessas quase cinquenta mil pessoas, 12.269 eram escravizados. Na análise do autor, esse isolamento pode ser explicado pela ausência de um produto que chamasse a atenção da Coroa Portuguesa.

O fato do Espírito Santo não ter encontrado um produto que chamasse a atenção da Metrópole o excluiu, naturalmente do regime “exclusivo metropolitano”. O Espírito Santo não fazia parte das rotas comerciais das nave portuguesas. Além das restrições quanto à utilização de vias de acesso a Minas Gerais, por razões estratégicas de proteção ao monopólio da comercialização do ouro. (CALIMAN, 2012:41).

Segundo Caliman, o Espírito Santo começa a mostrar “a sua cara” para o Brasil e para o mundo é através do café, tanto no sentido econômico como no sentido da construção sociocultural projetada pelo conjunto de relações forjadas a partir do modo próprio da produção de café. Para o autor não seria exagero afirmar que o Espírito Santo nasceu na era moderna, ou mais precisamente na segunda metade do século XIX.

Esse atraso, de diferentes formas, repercutiu, na linha do tempo, na sua interseção retardatária à economia nacional, o que aconteceria a partir da segunda metade do século dezenove, não mais na lógica exclusiva mercantil escravista, mas na lógica mercantil de um capitalismo que se afirmava a partir da Europa, tendo como base o café. No limite, o Espírito Santo nasce e se constrói já na era moderna e já com ares impregnado por ideias e ideais transformadores da modernidade. (CALIMAN, 2012:42).

O autor observa que a introdução do café se deu através das fronteiras com o Rio de Janeiro e Minas Gerais e que o regime de produção acontecia em grandes propriedades e através da mão-de-obra escrava. Inicialmente começou no sul do estado, estando a economia cafeeira atrelada diretamente ao Rio de Janeiro onde escoava a produção. Caliman ressalta que a comercialização fez surgir centros urbanos que funcionavam como entrepostos de intermediação da venda do produto e compras de bens de consumo e que foi dessa maneira que surgiram cidades como Cachoeiro de Itapemirim.

Caliman pontua que mesmo o café sendo introduzido na década de quarenta do século XIX apresentou bom desempenho até o final desse século. Na década de setenta do século XIX, houve a chegada dos imigrantes europeus, sobretudo italianos, ao estado e o autor observa que diferente do que ocorreu em outros estados, o objetivo aqui era que esses povos colonizassem o território capixaba e não que substituíssem a mão-de-obra escrava. O autor observa que em 1890 a participação na produção de café brasileira do Espírito Santo foi de 5,4% contra 57% de São Paulo. Em sua análise a característica ainda escravista da produção capixaba não oferecia condições favoráveis para um crescimento mais acelerado.

A diferenciação da cultura do café em relação aos demais estados produtores deu-se não somente no período em que predominou a forma escravista de produção – marginal e de baixa produtividade, mas também, e principalmente, na sua fase subsequente, quando predominou a pequena propriedade e a produção familiar. Aliás, é essa forma que irá forjar uma nova identidade ao Espírito Santo, inclusive com forte influência nas economias regionais e nos arranjos produtivos específicos que surgirão a partir da década de setenta do século XX. (CALIMAN, 2012:43).

Segundo o autor no final da década de noventa do século XIX a economia do Espírito Santo ainda era desintegrada territorialmente e não havia infraestrutura que facilitasse a integração. O norte e o sul capixaba não se ligavam a capital do estado. O autor observa que foi Muniz Freire, primeiro presidente eleito, cujo mandato ocorreu entre 1892 a 1896, que detectou esse problema no estado. Na visão de Muniz Freire, seria através da integração territorial que se abriria a perspectiva de ganhos para a operação do porto de Vitória, e que tendo uma cidade “nos moldes da modernidade” o Espírito Santo se abriria para o mundo, atraindo pessoas, negócios e principalmente o progresso.

Caliman ressalta que se por um lado o período colonial de aproximadamente 300 anos não conseguiu forjar uma identidade abrangente e integrada do conjunto das regiões do estado, por outro lado, em 100 anos da cultura do café foi possível encontrar traços e símbolos enraizados e comuns praticamente em todo território capixaba. Segundo o autor a cultura do café no Espírito Santo se caracterizou, sobretudo pela ausência de dinamismo e de poder de transformação. De meados do século XIX até a década de 50 do século XX o café apenas subsistiu sem evoluir, bem diferente do que ocorreu em São Paulo, onde a cultura do café possibilitou a industrialização, popularização e modernização. Em São Paulo, o capital

comercial acumulado serviu de base para a industrialização, enquanto aqui o café serviu mais para a singularidade da expressão no campo sociocultural do que na transformação econômica. O autor ressalta que foi a singularidade no modo de produção e reprodução da cultura do café que produziu especificidades que foram expressas nos modos de vida e cultura do povo capixaba.

Para o autor um dos elementos centrais para compreender tal singularidade, reside no fato que se passou rapidamente do regime escravista e de grandes propriedades para um regime de produção autônoma e baseado na pequena propriedade. Essa situação permaneceu até a década de sessenta do século XX. Nesse período se iniciou o processo de industrialização, que surgiu pela necessidade de sobrevivência em busca de uma alternativa para o desenvolvimento do estado. O autor destaca que esse projeto de industrialização teve início ainda na década de cinquenta no governo de Jones dos Santos Neves.

Segundo Caliman, o que marcou a economia capixaba no século XX foi a integração ao comércio internacional através da grande indústria e das atividades que se desenvolveram ligadas ao comércio exterior. O autor ressalta que essa integração não aconteceu ao acaso, pois Muniz Freire já pensava o Espírito Santo e o governador Jerônimo Monteiro executou vários de seus projetos e tantos outros foram se efetivando no decorrer do século. Para o autor o sonho de Muniz Freire e o espírito empreendedor de Jerônimo Monteiro retornaram em meados do século XX com Jones dos Santos Neves. Em seu governo além de se identificar a idealização de um projeto para o Espírito Santo, foram geradas as condições necessárias para a implementação desse projeto através de uma infraestrutura adequada. Caliman observa que houve investimentos em energia elétrica, rodovias e portos, além do aparelhamento do estado.

Segundo o autor, a ideia de buscar na industrialização a forma de sair da monocultura do café continuou presente no governo de Carlos Fernando Monteiro Lindenberg. Em seu primeiro mandato, Lindenberg instituiu o incentivo tributário específico para novas indústrias que se instalassem no Espírito Santo e no segundo mandato no final da década de 50, introduziu o mecanismo de planejamento governamental como forma de preparar o Espírito Santo para a era industrial. Para o autor, o evento de maior expressão simbólica do governo de Lindenberg foi a realização de um seminário sobre o futuro do desenvolvimento do Espírito Santo, denominado na época como “Seminário de Desenvolvimento” que aconteceu em 5 de fevereiro de 1960. As estratégias e diretrizes desse seminário foram retomadas no governo de Cristiano Dias Lopes.

No governo de Cristiano, foram criados os principais instrumentos de política do desenvolvimento. Foi criado o FUNRES (Fundo de Recuperação do Espírito Santo) o FUNDAP (Fundo de Desenvolvimento das Atividades Portuárias) e foi criada a CODES (Companhia de Desenvolvimento do Espírito Santo) transformada posteriormente em Banco do Desenvolvimento do Espírito Santo, hoje BANDES.

Podemos classificar o período de governo de Cristiano como um período de inflexão, pelo fato de representar, de certa forma, uma ruptura do modelo de crescimento anterior. Trata-se de um momento de mudança da trajetória, que acaba servindo de base para a inserção da economia capixaba na economia brasileira, na década de setenta, articulada e conduzida na primeira fase, pelo governador Arthur Carlos. (CALIMAN, 2012:48).

O autor observa que o governador Arthur Carlos conduziu o Espírito Santo para a sua inserção no segundo PND (Plano Nacional de Desenvolvimento), principalmente nas articulações que trouxeram para o estado a Aracruz Celulose e a CST (atual Arcelor Mittal Tubarão). Segundo o autor, a partir da CST a economia capixaba ganhou outra dimensão se tornando mais competitiva e ao mesmo tempo mais global, abrindo espaço também para outros empreendimentos ligados a mineração e siderurgia.

Segundo Caliman, a economia capixaba mudou muito a partir da década 60. O setor industrial nesse período representava cerca de 7% do PIB (Produto Interno Bruto), já em 1970 subiu para 17% e em 2004 o setor industrial já representava 44% do nosso PIB. O autor ainda observa que nas décadas de 80 e 90, apesar das taxas de crescimento da economia brasileira terem sofrido quedas, o Espírito Santo conseguiu manter um ritmo melhor do que a economia nacional. Houve a intensificação do processo de internacionalização da economia, principalmente através das atividades que envolviam importações, que foram pouco trabalhadas em períodos anteriores. Caliman destaca que:

Todas essas mudanças ocorridas na economia repercutiram fortemente na distribuição territorial da população, nos investimentos públicos, nas estruturas dos governos estadual e municipal, nas bases tributárias, nas demandas da sociedade. Enfim, mudanças aconteceram de maneira rápida e também de forma profunda. Também mudaram as relações, tanto em termos quantitativos, quanto qualitativos, da economia capixaba com a economia brasileira e internacional. A economia

capixaba se apresenta hoje como uma economia globalizada e também mais integrada com a economia nacional. (CALIMAN, 2012:51).

Para finalizar, Caliman aponta que a trajetória recente da economia capixaba é marcada pelos empreendimentos industriais ligados ao complexo minero-siderúrgico e à celulose. Tais empreendimentos, em sua análise, sustentaram o dinamismo da economia e serviram como base para um processo de diversificação e especialização comercial e de serviços.

Após essa breve análise, podemos observar que não foi apenas o futebol que se desenvolveu tardiamente, a industrialização capixaba também. O Espírito Santo conseguiu avançar rumo a industrialização apenas na década de 1960, um período em que o futebol já havia se tornado profissional e se consolidava como esporte nacional. No entanto, como demonstrarei ainda neste capítulo, é também nesta década de 1960 que surge o Atlético de Itapemirim. Passo agora, a uma breve narrativa sobre o que meus entrevistados consideram a história do município.

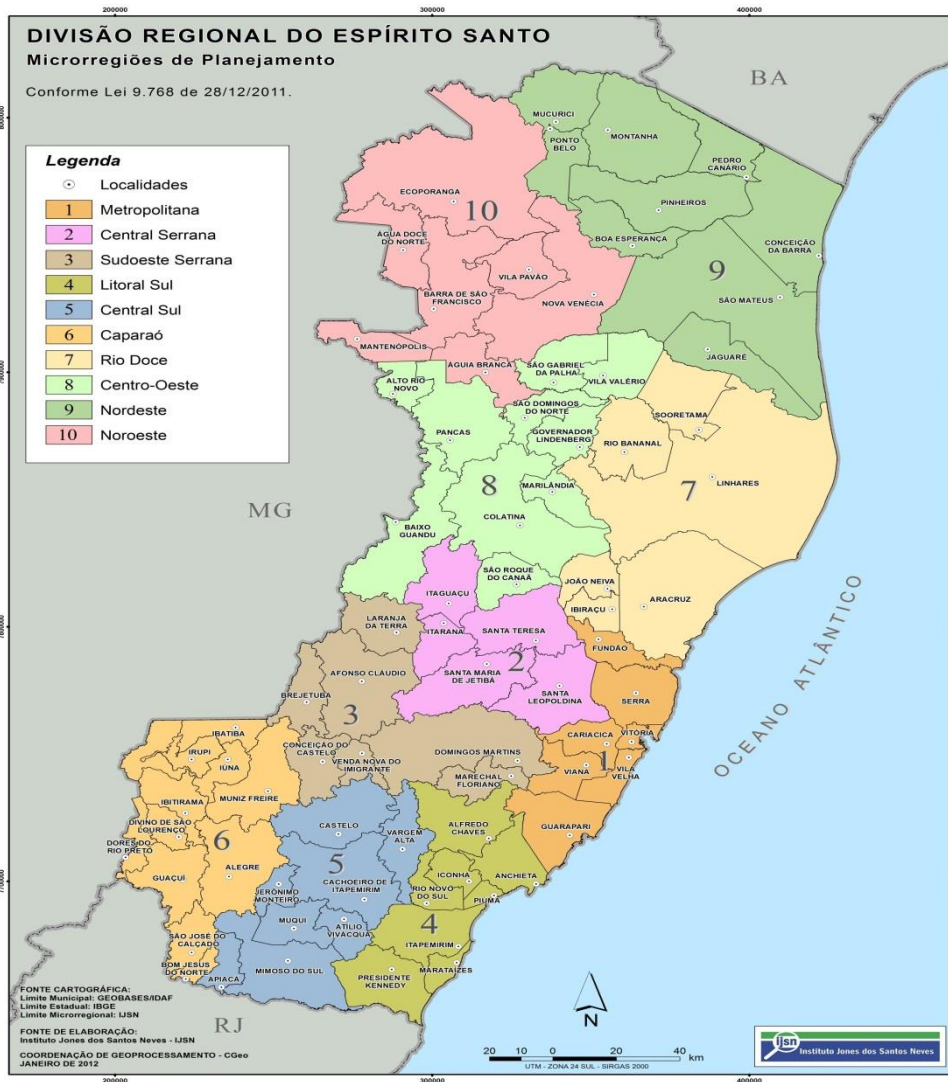
2.2 – LOCALIZAÇÃO E COMPOSIÇÃO POPULACIONAL DO MUNICÍPIO

Assim como o clube, o município de Itapemirim possui uma formação bem heterogênea, pois o rio Itapemirim, o rio que deu o nome ao município, funcionou por muitos anos como um fator de integração entre o sul capixaba e a capital e teve um papel fundamental na colonização do município, primeiro por senhores de escravos descendentes de portugueses com escravizados africanos e, posteriormente, por meio de incentivos de políticas de governo, por alemães e italianos. Com o crescimento dos engenhos de açúcar e água ardente, o município já havia recebido muitos migrantes baianos, mineiros e cariocas, alguns dos quais se tornaram fazendeiros do café no sul do Espírito Santo. Cabe observar, que a imigração alemã e italiana para as regiões sul e serrana do Espírito Santo, só tem início na segunda metade do século XIX.

Atualmente, o município de Itapemirim é conhecido principalmente por suas belas praias. Segundo dados do IBGE (2017) a população estimada do município em 2017 seria de 34.628 pessoas. Ainda segundo o órgão, Itapemirim possui uma área de 561,974 Km² e é constituído por cinco distritos: Itapemirim, Itaipava, Itapecoá, Piabanha do Norte e Rio Muqui. Sendo interessante destacar que o distrito inteiro de Itaipava é preservado como área de proteção

ambiental. O PIB per capita (2015) da região é estimado em R\$136.077,07 e o salário médio da população gira em torno de 2,4 salários mínimos.

Como se verifica o número 4 (quatro) do mapa abaixo, ali se encontra a localização do município de Itapemirim no estado do Espírito Santo, compondo o litoral sul do mesmo estado.



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves.

Neste segundo capítulo eu pretendo apresentar um pouco da história de Itapemirim através da pesquisa de um professor do município e analisar a história do clube em sua fase profissional, destacando os resultados dos campeonatos disputados e a repercussão de alguns

acontecimentos na imprensa. Pretendo ainda realizar de forma breve uma análise da formação do elenco principal do Galo da Vila e da participação dos atletas capixabas no cenário nacional.

2.3 – A FORMAÇÃO SOCIAL NA HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE ITAPEMIRIM

Assim como acontece com o futebol local há poucas fontes para se pesquisar sobre o município de Itapemirim. Ao perguntar o Will, o supervisor do Clube, se ele tinha alguma indicação sobre o assunto ele me falou que procuraria com os amigos “um livro do Professor Luciano”, mas me avisou que era uma edição limitada e que duvidava que alguém tivesse o tal livro. Retornei a internet alguns dias depois e por acaso encontrei uma reportagem sobre o referido Professor. Então “filtrei” a minha busca e descobri o livro que Will havia citado era “Itapemirim: Como tudo começou”, assim como ele havia me falado, o livro não estava a venda, era uma edição comemorativa. Decidi então procurar o Professor Luciano nas redes sociais e o encontrei! Enviei uma mensagem para o seu Facebook, explicando sobre a minha pesquisa. Ele me respondeu poucas horas depois, conversamos um pouco sobre o tema e descobri ainda por cima, que ele é primo do filho do José Olímpio Soares, o fundador do Galo da Vila! Ou seja, o professor entrevistado é sobrinho do fundador do clube. O Professor me relatou que é “Tricolor de coração”. Nascido em Cachoeiro de Itapemirim, Luciano ressaltou que apesar do convívio com o tio e com os seus primos em Itapemirim, ele nunca foi torcedor do Galo da Vila. Após algum tempo da nossa conversa, ele entrou em contato comigo numa tarde de domingo e relatou a seguinte lembrança:

Apesar de morar em Cachoeiro na década de 1980, eu tinha uma convivência muito grande aqui na Vila também. Tenho meus tios e primos aqui. Lembro de situações envolvendo o Atlético, apesar de não ter sido um torcedor. Uma delas, era a rivalidade entre o Atlético e o Cachoeiro Futebol Clube, por ocasião da disputa pelo Campeonato Sulino ,não sei se existe ainda. Foram vários encontros ao longo de temporadas. Um dos símbolos dessa rivalidade era o encontro dos dois atacantes contrários: Helinho, também chamado de "Posudo", por causa da pose de galã, pelo CAI e Solimar Patrício, pelo time cachoeirense. O pau literalmente quebrava entre os dois. Depois do futebol, com cada um seguindo seu destino, se tornaram grandes amigos e mantêm contato até hoje. (MORENO,25/03/2018)

Apaixonado pela história capixaba, o pesquisador e Professor Luciano Retore Moreno mora no município de Itapemirim há muitos anos. Historiador, formado na antiga FAFI, Faculdade de Filosofia e Letras Madre Gertrudes de São José de Cachoeiro de Itapemirim (atualmente Centro Universitário São Camilo), leciona na rede estadual de ensino e em 2001 publicou um livro sobre a história do Espírito Santo pela Editora Universidade. Além das diversas matérias escritas para alguns jornais, o Professor é figurinha carimbada nos eventos da região de Maratáizes e Itapemirim, sendo sempre convidado para dar palestras. Ele pode ser considerado uma espécie de guru e ideólogo, para usar um termo de Barth (2000), que transita de forma caótica e incoerente entre uma simpatia pela construção da memória, história e identidade local advinda da resistência indígena, e um orgulho acentuado pela ação dos colonizadores e pela noção de prosperidade econômica implantada pelo processo de modernização. Nos termos do que escreve Pollak (1989), o professor pode ser considerado, segundo a indicação de meus entrevistados, um guardião e/ou profissional de enquadramento da memória e da história do município.

O Professor Luciano, ao invés de conceder-me entrevista gravada sobre a história de Itapemirim, preferiu responder minha principal indagação sobre a formação histórica do município, fazendo-me a gentileza de escrever um texto narrando, de forma resumida, a história do município, que agora apresento neste trabalho.

2.3.1 - O início da ocupação do Baixo Itapemirim

O Professor conta que até o final do século XVII, as regiões que abrangiam o vale do Itapemirim, desde sua nascente na divisa com Minas Gerais até o litoral sul da Capitania do Espírito Santo, eram ocupadas por índios distribuídos basicamente em dois grupos: os goitacazes, no litoral, que falavam a língua *Tupi* numa faixa que vinha desde o norte-fluminense e os puris coroados, de língua *Jê* nas serras do interior, até os limites capixabas.

Segundo Moreno, a pouca importância dada pela Coroa portuguesa às regiões mais ao sul da colônia, fez com que no Espírito Santo as praias de Itaóca e Itaipava (Taopaba), anteriormente chamadas de *praia do piabanha*, servissem de ponto de parada de corsários franceses, que ainda utilizaram a ilha próxima ao litoral – Ilha dos Franceses – como base militar usada na invasão do Rio de Janeiro concretizada em 1555.

O professor ressalta que por conta do abandono e da falta de sucessores do nosso primeiro donatário, Vasco Fernandes Coutinho, a Capitania foi vendida por Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho, em 1674, ao rico fazendeiro baiano Francisco Gil de Araújo. Em busca de ouro, o novo comandante incentivou a colonização das terras ao sul de Vitória, sendo ele responsável pela efetiva ocupação de territórios entre Vila Velha e Benevente, hoje Anchieta. Segundo o Professor, os seus sucessores mantiveram essa iniciativa e o desbravamento continuou ocorrendo para o sul, até chegarem ao rio Itapemirim em princípios do século XVIII - 1701 ou 1710, onde acabaram se fixando. Entre esses sucessores, Moreno destaca alguns nomes como Domingos de Freitas Bueno Caxangá, Pedro Silveira e outros agregados que resolveram tentar a sorte nessas terras. Moreno conta que por aqui constituíram uma fazenda de açúcar batizada de Caxangá.

Segundo o Professor, a fazenda ficava localizada em uma área plana e coberta por uma densa floresta, o que acabava dificultando a defesa caso ocorresse algum ataque por parte dos índios, por isso a sede da fazenda foi estrategicamente localizada no alto de um morro na margem sul do rio, batizado mais tarde Fazendinha. Ao lado da casa grande foi construída uma capela dedicada a Nossa Senhora do Amparo, que a princípio serviria para os serviços religiosos da fazenda.

Moreno relata que os sucessores de Domingos de Freitas Bueno Caxangá, enfrentando dificuldades econômicas, transferiram posteriormente a propriedade ao Sargento Mor Inácio Pedro Cacunda, que também não mostrou muita disposição para continuar fazendo-a funcionar. Nesse mesmo período, Moreno conta expedições vindas do sul da capitania de Minas Gerais na segunda metade do século XVIII, buscavam no lado capixaba, novas jazidas auríferas e caminhos mais curtos para o litoral, a fim de facilitar o escoamento de produtos vindos do interior. Estabeleceram-se nas serras do Castelo, onde fundaram alguns povoamentos, mas encontraram forte resistência dos índios puris, antigos donos da região e por volta de 1754, a maioria desses mineradores liderados por Baltazar Caetano Carneiro acabaram migrando para o litoral, fundando um povoamento denominado Nossa Senhora do Patrocínio, na barra do rio Itapemirim.

O professor relata que ao se associar a Pedro Bueno, parente dos Caxangá, Baltazar Caetano Carneiro adquiriu a propriedade do Sargento Inácio Cacunda, em 1774 e que a partir de então, a ampliação do número de engenhos de açúcar, trouxe para Itapemirim um aparente clima de prosperidade econômica, infelizmente acompanhado de muitos problemas de ordem administrativa, em função do tamanho do território. O professor conta ainda que por volta de

1800 Baltazar Carneiro vendeu a propriedade para o fazendeiro José Tavares de Brum, proprietário das terras do lado norte do rio Itapemirim. Gradativamente, a grande propriedade foi sofrendo um processo de fragmentação dando origem a outras fazendas e aumentando a circulação de pessoas e produtos na sede do distrito de Itapemirim, como já era chamada a povoação.

2.3.2 - Rio Itapemirim – fator de integração do sul - capixaba

Segundo o Professor Luciano o rio Itapemirim foi um dos elementos mais importantes dentro do contexto da ocupação e do desenvolvimento econômico do sul do Espírito Santo. Atuando como um elo entre o interior e o litoral, o rio funcionava até as primeiras décadas do século XX, como uma estrada fluvial, por onde era escoada a produção de gêneros agrícolas como café, cebola, seda, algodão e também o açúcar produzido nas baixadas próximas à foz. O Professor relata que na expectativa de explorar esse valioso filão, o Barão de Itapemirim solicitou a Câmara Municipal, em 10 de fevereiro de 1857, permissão para edificar um trapiche na Barra, o que foi prontamente deferido pelos vereadores e para a ocupação em forma de sesmaria, da ilha da Taputera, ou Itaputera, hoje ligada ao continente pelo espigão.

Moreno ressalta que o rio teve um papel fundamental no processo de colonização do interior sul capixaba pelos imigrantes italianos e alemães, ao longo do século XIX. Segundo Moreno, as embarcações a vapor usavam a turfa como combustível, uma composição de terra e madeira restante de antigas florestas que existiam em abundância na região do Baixo Itapemirim, diminuindo inclusive, a utilização da madeira desmatada. O professor ainda destaca que o volume pluvial sempre foi um problema para a navegação no Itapemirim. O nível médio das águas só permitia o trânsito de embarcações pequenas e muitas vezes, em épocas de estiagem, nem isso era possível. Mas que apesar disso, o rio era fundamental como meio de transporte de mercadorias e passageiros, mesmo porque, nos períodos de chuva, os alagamentos dificultavam e atrasavam o trânsito até o litoral. Assim, o Rio Itapemirim tornava-se a via mais apropriada para que os fazendeiros pudessem fazer chegar seus produtos ao trapiche da Barra, para depois serem levados ao Rio de Janeiro pela Companhia de Navegação Espírito Santo/Campos.

O Professor conta que a primeira concessão para a exploração do transporte pelo Itapemirim no trajeto até Cachoeiro partindo da Barra foi feita pelo presidente da Província José

Fernandes da Costa Pereira em 1862, ao Major Caetano Dias da Silva, que já em 1857 havia sido pioneiro na criação de uma companhia de vapores no Espírito Santo. Segundo o Professor, ao longo do trajeto até Cachoeiro, foram sendo implementados pontos de paradas geralmente nas margens das grandes fazendas. Da Barra até Paineiras, por exemplo, existiam os portos da Pedra, do Caxanga, do Carneiro e da Passagem, além da Areia; da Coroa da Onça; da Barra Seca e de Paineiras, próximo à ponte do Caju. Com problemas financeiros, devido ao alto custo das operações e a nem sempre garantia de rentabilidade, o Major Caetano acabou desistindo do negócio entregando-o ao governo provincial alguns anos depois.

Segundo Moreno, em 1872 uma nova cessão foi feita ao capitão Henrique Deslandes, dentista e fotógrafo paranaense que veio morar na Vila de Itapemirim após lutar na Guerra do Paraguai. De acordo com o contrato reafirmado em 1875, o novo concessionário deveria promover duas viagens semanais até Cachoeiro, com acomodações para passageiros de 1ª e 2ª classes. Em épocas de cheias o percurso durava em média doze horas rio acima e oito horas no sentido inverso. Na estiagem essas viagens estendiam-se por até dois dias e às vezes semanas. Naquele mesmo ano, Henrique Deslandes solicitou à Câmara de Itapemirim autorização para explorar a navegação nos rios do Pinto, cujo canal estava sendo aberto e Muqui, a fim de atender a demanda de escoamento de café principalmente e também da entrada de produtos vindos da Europa, como o azeite, o bacalhau e outros artigos. Deslandes associou-se em 1876 a Manoel Ferreira Braga Martins, que por sua vez, recebera do Barão de Itapemirim, a posse do antigo trapiche da Barra, formando a firma Braga & Deslandes. Inauguraram o serviço com seis vapores, três de rodas e três de hélices e uma barca para passageiros. Mas, a inconstância do volume de água do Itapemirim, por diversas vezes comprometido por períodos de estiagem, tirou o estímulo do capitão Deslandes, que transferiu sua parte na sociedade para o comerciante português Simão Rodrigues Soares, em 1878. A firma passa a se chamar Braga & Soares. O velho trapiche foi reformado, ampliado e reinaugurado em 8 de setembro de 1883, assim como o casarão dos Soares, também conhecido como Palácio das Águias. Essa firma foi até o início da década de 1930, um dos grandes responsáveis pelo fortalecimento da produção agrícola sul capixaba, pois era o principal veículo para a exportação.

O Professor finaliza ressaltando que nos dois últimos séculos, a ocupação humana ao longo do vale do Itapemirim e a retirada da mata ciliar de seu leito contribuíram para o seu irreversível assoreamento, comprometendo de vez a navegação. O professor conta que a solução para o transporte de mercadorias e passageiros veio primeiro com a Estrada de Ferro

Itapemirim, construída entre 1915 e 1920 e que ligava a atual cidade de Cachoeiro de Itapemirim a Marataizes. Mesmo assim, os negócios viriam definitivamente abaixo, com a construção da Estrada de Ferro que interligava as cidades de Vitória, Cachoeiro de Itapemirim, Campos dos Goitacazes e Rio de Janeiro. O porto fluvial de Itapemirim perdeu a importância e o trapiche foi aos poucos caindo no desuso.

2.3.3 - A Câmara Municipal de Itapemirim

Para o Professor, alguns fatores como a fertilidade do solo, a presença do rio ligando o interior ao litoral e a perspectiva de ascensão econômica proporcionada pelo crescimento dos engenhos de açúcar e aguardente, fizeram da região de Itapemirim um oásis para “novos desbravadores”. Segundo o Professor, muitos vinham para cá em busca de oportunidades de trabalho ou aquisição de propriedades, como por exemplo, o capitão José Tavares de Brum; Joaquim Marcelino da Silva Lima, agraciado em 1845 com o título de Barão de Itapemirim; as famílias: Gomes Bittencourt, dona de várias fazendas do lado norte do rio Itapemirim, Quintaes, Bello, Pessanha, Moreira, Pinheiro e Póvoa, entre outras. Com eles vieram escravos e outros agregados, que formaram com o tempo, a povoação de Itapemirim. Para o Professor, a geografia também foi outro atrativo para a região, pois ela se localiza no entroncamento entre Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro, sendo responsável tanto pelo escoamento da produção do interior, como o seu abastecimento de produtos importados e outros gêneros. Moreno ainda ressalta que politicamente, Itapemirim foi bastante favorecido pela proximidade com Vitória ao norte e Rio de Janeiro ao sul, capitais da província e do império, respectivamente.

Segundo o Professor, todas essas circunstâncias favoráveis propiciaram por volta de 1760 a formação de um núcleo urbano na baixada próxima à Fazendinha, denominado Povoação de Itapemirim. O Professor conta que sob jurisdição de Guarapari desde 1776, a povoação passou à condição de Freguesia batizada como Nossa Senhora do Amparo de Itapemirim. O ponto em que essa povoação se estabeleceu corresponde à parte mais alta do terreno atrás da Fazendinha, favorecida pela erosão dos morros onde se encontram a caixa de água do SAAE (Serviço Autônomo de Água e Esgoto) e o atual cemitério público, seguindo na direção de Campo Acima. Tal parte estaria, inclusive, livre das cheias do rio, que normalmente alagam os terrenos em volta, que são mais baixos.

Moreno ressalta que no final da primeira década do século XIX, o Brasil vivia uma fase importante de sua história política, com a presença da Corte portuguesa na colônia, entre 1808 e 1821, motivada pelos constantes conflitos franco-ingleses na Europa e mais diretamente pelas ameaças do imperador francês Bonaparte. Paralelamente, a rainha de Portugal, Dona Maria I convalescia vítima de perturbações mentais e o trono era então ocupado pelo seu filho, o príncipe regente D. João.

Nesse mesmo período, segundo Moreno, na Freguesia de Itapemirim, verificava-se um nítido crescimento demográfico e econômico criando condições favoráveis à sua emancipação administrativa. Através então do Alvará nº. 55, de 27 de junho de 1815, a Freguesia foi elevada à categoria de Vila, com o nome de Nossa Senhora do Amparo de Itapemirim. O ato foi posto em prática em 9 de agosto de 1816, com a instalação da Câmara Municipal e do Pelourinho. Participando intensamente aos gritos de “*viva El Rei*”, o povo e a elite local saldavam o início de uma nova era de prosperidade.

Segundo o Professor Luciano, durante o século XIX, a Vila Nossa Senhora do Amparo de Itapemirim teve jurisdição sobre todo o sul da Província do Espírito Santo, abrangendo os rios que formam, desde as cabeceiras. É fato inclusive, que em 1753, por ordem do rei de Portugal D. José I, as vilas de São João da Barra e São Salvador dos Campos dos Goitacazes passaram à jurisdição capixaba e, portanto mais tarde, diretamente ligadas a Itapemirim. Depois de várias denúncias dos fiscais designados pela Câmara Municipal para atuarem naquela área, dando conta que autoridades do Rio de Janeiro incitavam a população a destinarem seus impostos à província vizinha, o governo imperial, através da lei de 31 de agosto de 1832, determinou a mudança da administração dessas regiões para a Capital do Império, desanexando-as definitivamente do Espírito Santo.

Moreno relata que até a aquisição da sede própria para seu funcionamento, as sessões semanais da Câmara Municipal ocorriam geralmente na casa do Juiz Municipal que presidia o órgão, ou em residências alugadas especialmente para tal. Em 1854, o Sr. Archanjo José de Souza cobrava da Câmara dez mil réis mensais pelo aluguel de seu imóvel utilizado para os ofícios da instituição. Somente em 1857, na sessão do dia 17 de agosto presidida pelo Capitão Francisco Gomes Bittencourt, os vereadores aprovaram a compra da casa pertencente à D. Josepha de Pinho Souto Bello, pela quantia de 10 contos de Réis e deram início à ampliação do espaço para acomodar a Câmara e a Cadeia. Na ocasião, o governo provincial, sob a presidência de Francisco Alberto Rubim contribuiu com quatro contos de Réis, enquanto fazendeiros, como Joaquim Marcelino da Silva Lima, o Barão de Itapemirim, os Gomes

Bitencourt e o comendador Felício Augusto de Lacerda, que cedeu o mobiliário, além de outros, se encarregaram de completar o restante. Foram necessárias várias obras de adaptação para permitir o funcionamento da cadeia pública, salão do júri e a sala das sessões. Apesar de a inauguração ter ocorrido em julho de 1862, até 1867 ainda havia direcionamento de verbas para a derradeira conclusão do prédio.

O Professor conta que para compor o patrimônio da Câmara Municipal, o coronel Joaquim Marcelino da Silva Lima Filho, doou no dia 11 de maio de 1867, duas telas produzidas pelo pintor palaciano Antônio Cavalheiro de Almeida, em 1852, representando as majestades imperiais D. Pedro II e Dona Tereza Cristina, e que até então pertenciam ao acervo particular do Barão de Itapemirim, falecido sete anos antes. O Professor ressalta que recentemente essas obras foram restauradas e se constituem no mais importante patrimônio histórico municipal.

Segundo Moreno, além da sede própria, o poder público adquiriu do comerciante Victorino Joaquim da Rocha em 1872, o terreno em frente ao prédio da Câmara a fim de transformá-lo em área para o funcionamento de feiras e ao mesmo tempo facilitar o acesso do Corpo de Milícia à Rua Nova, atual Jerônimo Monteiro. Quando da proclamação da República no final do século XIX, o terreno foi transformado na Praça Municipal denominada Barão de Rio Branco. Na parte central foi construído um coreto para apresentações musicais que ocorriam geralmente aos domingos. Em 1914, o então prefeito Washington Pinheiro Meirelles, através do decreto nº. 13, de 23 de junho, determinou a mudança do nome do logradouro para Praça Domingos Martins, como parte das comemorações do centenário da emancipação de Itapemirim, que ocorreria no ano seguinte. Na outra reforma promovida pelo prefeito Airton de Moreno em 1949, o coreto deu lugar a um chafariz, que era ligado geralmente nos finais de semana, para confraternização entre as pessoas que lotavam o espaço. Em 1966, no segundo mandato do Dr. Airton de Moreno, a praça da matriz, na época chamada Praça Frei Paulo, foi arborizada e bancos foram construídos. O nome de Domingos José Martins foi transferido para o logradouro e a antiga praça passou a ser denominada Barão de Itapemirim – como é chamada atualmente - em homenagem a este poderoso personagem da história do município, no século XIX.

O Professor conta que a partir da segunda metade do século XIX, o território de Itapemirim começou a sofrer reduções. Em 12 de dezembro de 1856, a Câmara Municipal aprovou a criação da Freguesia de São Pedro do Caxoeiro, mais tarde desmembrada e elevada à condição de vila em 25 de março de 1867. Ocorreu a partir de então um decréscimo na arrecadação de impostos, colocando a administração do município de Itapemirim em

dificuldades, pois a principal atividade agrícola daquele momento, o café, se encontrava concentrado nas terras do interior e passaram para a jurisdição de Cachoeiro do Itapemirim.

O Professor destaca que após as mudanças ocorridas no país após a Proclamação da República, o Espírito Santo passou por uma delicada situação política provocada pela anulação da primeira Constituição Estadual Republicana. Por ordem do governador do Estado, Dr. José Horácio Costa, sucessor de Afonso Cláudio, as Câmaras Municipais foram dissolvidas e substituídas pelo Conselho de Intendência Municipal, separando as atribuições do Legislativo e do Executivo.

Segundo o Professor, empossado em Itapemirim, a primeira reunião do Conselho deu-se em 15 de março de 1890 e teve como presidente João Rebello e como intendentes Francisco Dias da Silva Pinheiro e Manoel Joaquim da Rocha Sobrinho. As atribuições das Câmaras Municipais foram restabelecidas com a aprovação da nova Carta Estadual em 1892.

O Professor conta que com a eleição do primeiro chefe do Governo Municipal, mais tarde denominado prefeito, o médico José Moreira Gomes, em novembro de 1892, a Câmara Municipal deixou definitivamente de ter funções administrativas, permanecendo com a prerrogativa de legislar e fiscalizar os atos do Executivo, conforme estabelecido pela Constituição Federal. O Dr. Moreira Gomes assumiu o governo municipal em 19 de dezembro daquele ano. Os primeiros presidentes do governo municipal foram escolhidos por via indireta, cabendo aos membros da Câmara Municipal a escolha do mandatário. O segundo prefeito, por exemplo, Sr. Antônio Hautequestt, venceu o até então presidente Dr. José Moreira Gomes por três votos a dois, na eleição de 23 de maio de 1894.

Como veremos adiante, a Prefeitura de Itapemirim é a maior patrocinadora do clube, por isso entendo que narrar um pouco da história do Poder Legislativo Municipal se tornou relevante para a pesquisa. Ressalto que não tive como objetivo traçar toda a história do município, mas apenas destacar pontos de sua história segundo as narrativas do referido professor. Cabe destacar que, diferentemente de clubes que se formaram sob o patrocínio de fábricas e indústrias, como se verifica em diferentes casos no Brasil, o Atlético Itapemirim, por ter nascido em uma cidade litorânea do sul do Espírito Santo, não industrializada conta apenas com o apoio do Poder Público, apesar de ter sido criado por funcionários do Banco do Brasil. Ao que tudo indica, a Prefeitura se tornou patrocinadora do clube com o objetivo de atrair mais turismo para a região, pois trata-se de uma cidade que faz parte do roteiro turístico do litoral sul capixaba. Por agora, descreverei de forma sucinta, a exportação de atletas capixabas profissionais para o mercado nacional e internacional de futebol.

2.4 – ATLETAS CAPIXABAS NO MERCADO NACIONAL E TRANSNACIONAL DO FUTEBOL

Antes de iniciar essa breve análise sobre os atletas capixabas, gostaria de ressaltar que entrei em contato com a Federação de Futebol do Estado do Espírito Santo com o objetivo de buscar dados para a pesquisa. Mesmo sendo insistente e tentando contato com diferentes setores, infelizmente não obtive qualquer resposta... Consegui com o Will, meu principal entrevistado, o contato do editor do site Globo Esporte (do Espírito Santo) e pude conversar e obter alguns dados com o mesmo. Ele me explicou que por não estarem realizando a cobertura total do Campeonato Capixaba, ele não possuía informações sobre os atletas que estavam atuando nos clubes do estado, pois não havia realizado um levantamento. E em relação aos atletas que estavam atuando no mercado nacional, ele me disse que “não tinha uma lista dos jogadores” e que “sabia apenas alguns nomes de cabeça”. Dessa forma, apresentarei apenas o elenco do Galo da Vila. Destaco esse fato, pois mesmo não sendo o meu objetivo pesquisar o futebol capixaba como um todo, se eu tivesse recebido algum auxílio, poderia ter apresentado outros dados complementares para a pesquisa.

Atualmente os clubes capixabas lutam para participar de alguma competição nacional, como a Copa Verde ou a Série D do campeonato Brasileiro. Mas a história nos mostra que mesmo não obtendo grandes conquistas, no passado, alguns clubes capixabas conseguiram driblar as dificuldades e estiveram entre a “elite” do futebol nacional. Realizando algumas pesquisas no Site Globo Esporte consegui encontrar alguns momentos de “glória” do futebol do Espírito Santo. Sabemos que o sistema de campeonatos era diferente, mas vale a pena destacar a participação de alguns clubes.

O centenário Rio Branco, por exemplo, já participou de todas as divisões nacionais A, B, C e D. Antes de 1971 o Rio Branco disputou dez vezes o Brasileirão e retornou na década de 80. Em 1986 disputou mais uma vez a competição nacional e no Grupo C, conseguiu vencer cinco partidas, com o destaque para a sua vitória em cima do Vasco por 1 a 0 no estádio Kléber Andrade. Uma partida com direito a recorde de público, 50 mil torcedores. Em 1987 não foi nada bem na competição e acabou despencando para Série B, e não parou mais de cair, foi para C e depois uma vez ou outra conseguiu participar da Série D novamente. Em 2017, como já mencionei, acabou sendo rebaixado para a segunda divisão do Capixabão.

Já a sua grande rival, a Desportiva passou pela elite do futebol nacional entre os anos de 1972 a 1982, e obteve a sua melhor colocação em 1980, quando ficou em 15º lugar. A Tiva, como é chamada por seus torcedores, é o último clube capixaba a participar da Série A nacional, fato que ocorreu em 1993. A Desportiva acumula em seu currículo dezoito títulos estaduais e duas Copas ES. E não muito diferente do Rio Branco, sofreu no Capixabão de 2017 e só conseguiu escapar do rebaixamento na última rodada. O Vitória é outro clube que também tem algumas passagens pela Série A. Além de ter participado três vezes da Copa do Brasil, em 2007, 2010 e 2011. E no futebol capixaba já acumula nove títulos estaduais. O Serra tem cinco títulos estaduais e algumas participações em competições nacionais, mas com certeza, um ano que merece destaque para esse clube é 1999. Além de ganhar seu primeiro título, ainda estreou na Série C e realizou um “feito heroico” na competição, jamais realizado por outro clube capixaba: venceu o Fluminense no Maracanã. Já o Linhares Esporte Clube é o clube capixaba com melhor campanha em uma Copa do Brasil, tendo chegado as semifinais da competição em 1994.

Individualmente, alguns jogadores conseguiram seu espaço no cenário nacional escrevendo o seu nome na história de grandes clubes. Nos anos 90 o atacante Ézio, natural de Mimoso do Sul, brilhou no Fluminense. O capixaba conhecido como “Super Ézio” marcou 119 gols em 237 jogos pelo Tricolor, sendo um dos maiores artilheiros da história do clube. Ainda na década de 90, outro capixaba encantou nos gramados cariocas. Sendo revelado nas categorias de base da Desportiva, Sávio, natural de Vila Velha foi um dos grandes ídolos do Flamengo. Conhecido como o “Anjo Louro da Gávea” o atacante atuou ainda cinco temporadas no Real Madrid e conquistou três Champions League, um Mundial de Clubes e um Campeonato Estadual. Sávio defendeu ainda vários clubes europeus. Em dezoito anos da sua carreira profissional, Sávio marcou 188 gols em 655 jogos.

Recentemente outros jogadores capixabas despontaram na Série A do Campeonato Brasileiro. Em 2016, dezesseis capixabas atuaram em onze “times grandes” da elite do futebol nacional, como o atacante Pedro Rocha no Grêmio e o lateral esquerdo Sidcley no Atlético Paranaense. Em 2017 o Espírito foi representado por dezessete atletas na Série A. Com destaque para o goleiro Lucão que teve passagens nas seleções de base do Brasil e foi contratado pelo Cruzeiro e também para o atacante Marcelo Santos, contratado pelo Atlético-PR.

Outro jogador que merece destaque é o atacante Richarlison. Natural de Nova Venécia, o atacante começou a sua carreira nas categorias de base do Real Noroeste, e foi contratado pelo América Mineiro em 2015 e depois pelo Fluminense em 2016. Mas o atacante não chamou

atenção apenas dos clubes brasileiros e em 2017 foi vendido por cerca de 46 milhões de reais ao clube inglês Watford.

O elenco

Como disse anteriormente, o elenco do Atlético Itapemirim é formado por jogadores de várias localidades do nosso país. Como veremos a seguir, a equipe formada por 27 atletas é composta majoritariamente por atletas que vieram do Rio de Janeiro, onze ao total. O elenco conta ainda com atletas vindos de Minas Gerais, São Paulo, Brasília, Bahia, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Alagoas e do próprio Espírito Santo, que é representado por cinco jogadores capixabas. É interessante destacar que dois desses cinco atletas, vieram das categorias de base do clube, o Yan e o Dudu, um dado que falarei mais a respeito no próximo capítulo.

Goleiros

- Rodrigo Souza dos Santos

Conhecido como “Bambu”

Nascimento: 20/10/1989

Naturalidade: Campo dos Goytacazes- RJ

- Paulo César Martins Gonzaga

Conhecido como “PC”

Nascimento: 05/01/1998

Naturalidade: Iconha- ES

- Filipe Quintiliano Machado

Conhecido como “Filipe”

Nascimento: 03/04/1990

Naturalidade: Resende- RJ

Zagueiros:

- Luiz Kleber Barcelos Viana

Conhecido como “Kleber Viana”

Nascimento: 31/12/1988

Naturalidade: Campo dos Goytacazes- RJ

- Rhayne Santiago Veríssimo

Conhecido como “Rhayne Veríssimo”

Nascimento: 28/07/1990

Naturalidade: Vila Velha- ES

- Edilson Costa Alves Junior

Conhecido como “Dilsinho”

Nascimento: 07/09/1990

Naturalidade: Rio de Janeiro- RJ

- Pedro Medeiros Alves Campos

Conhecido como “Pedrão”

Nascimento: 22/01/1994

Naturalidade: Brasília- DF

Laterais Direito

- Paulo Ricardo Batista Araújo

Conhecido como “Paulinho”

Nascimento: 31/03/1992

Naturalidade: Rio de Janeiro- RJ

- Felipe Pereira dos Santos

Conhecido como “Felipe foca”

Nascimento: 09/09/1989

Naturalidade: Rio de Janeiro- RJ

Laterais Esquerdos

- Marcos Felipe dos Santos Viana

Conhecido como “Marcos Felipe”

Nascimento: 22/12/1986

Naturalidade: Campos dos Goytacazes- RJ

- Yan Guimarães Rangel

Conhecido como “Yan”

Nascimento: 05/05/1999

Naturalidade: Itapemirim- ES

Volantes

- Bruno Nogueira Barbosa

Conhecido como “Bruno”

Nascimento: 28/04/1984

Naturalidade: Bagé- Rio Grande do Sul

- Gilvane Severo de Matos

Conhecido como “Gaúcho”

Nascimento: 21/06/1984

Naturalidade: Rosário do Sul- Rio Grande do Sul

- Marcos Vinícius Ribeiro Viana

Conhecido como “Araruama”

Nascimento: 15/04/1999

Naturalidade: Rio Bonito- RJ

- Eduardo Vieira Ventura

Conhecido como “Dudu”

Nascimento: 15/11/1998

Naturalidade: Itapemirim- ES

- Vitor Ferreira Pinheiro

Conhecido como “Vitor”

Nascimento: 22/10/1994

Naturalidade: Ilhéus- Bahia

Meio- Campistas

- Iresânio Antônio da Silva Nogueira Júnior

Conhecido como “Zizu”

Nascimento: 09/01/1989

Naturalidade: Resende- RJ

- José Márcio Danilo Pereira da Silva

Conhecido como “Danilo”

Nascimento: 21/01/1989

Naturalidade: Maceió- Alagoas

- Leandro Tanaka de Andrade

Conhecido como “Tanaka”

Nascimento: 24/11/1991

Naturalidade: Andradina- SP

Atacantes:

- Eraldo Anicio Gomes

Conhecido como “Eraldo”

Nascimento: 01/04/1982

Naturalidade: Coronel Fabriciano- MG

- Fabiano Santos da Silva

Conhecido como “Fabiano Santos”

Nascimento: 09/01/1991

Naturalidade: Jabaquara- São Paulo

- Welinton Santos do Sacramento

Conhecido como “Welinton Pimenta”

Nascimento: 29/10/1986

Naturalidade: Macaé- Rio de Janeiro

- Ualisson Henrique de Oliveira

Conhecido como “Ualisson Pikachu”

Nascimento: 27/06/1989

Naturalidade: Iguatama- MG

- Franklin Rocha Gesteria

Conhecido como “Franklin”

Nascimento: 11/11/1992

Naturalidade: Carapebus- Rio de Janeiro

- Henrique Schmidt Goebel

Conhecido como “Henrique”

Nascimento: 29/08/1997

Naturalidade: Santa Catarina

- Kaio César Florêncio Piassi

Conhecido como “Kaio”

Nascimento: 15/08/1997

Naturalidade: Castelo- Espírito Santo

- Charles Oliveira de Macedo

Conhecido como “Charles”

Nascimento: 29/07/1993

Naturalidade: São Paulo- SP

2.5- A FUNDAÇÃO E A TRAJETÓRIA RECENTE DO ATLÉTICO ITAPEMIRIM: O GALO DA VILA

A seguir e no próximo capítulo analisarei a trajetória do Galo da Vila em sua fase profissional e os relatos de vida de alguns profissionais do clube. Ao analisar as entrevistas que realizei e aquelas publicadas na imprensa é possível notar que alguns acontecimentos e pessoas ganham destaque nos relatos e matérias jornalísticas. Assim como observou Pollak (1992) a memória é um fenômeno coletivo e social, dessa maneira é submetida constantemente a flutuações e transformações constantes. O autor destaca que devido a essa característica flutuante e mutável, na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente imutáveis e invariantes. O ano de 2011, por exemplo, é um marco para o Atlético Itapemirim, pois marca o início da fase profissional do Galo da Vila. Como veremos esse ano é um marco também para o Presidente do Clube que “profissionalizou o Atlético” como ele me relatou e para o volante Gaúcho, que após jogar pelo Atlético em 2011 prometeu ao Presidente que retornaria ao Clube caso eles fossem campeões.

Para Pollak a memória é constituída de alguns elementos. O primeiro elemento são os acontecimentos vividos pessoalmente, seguido por aqueles acontecimentos que ele denomina como “acontecimentos de tabela”, que seriam os acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade que o indivíduo faz parte. Entre os acontecimentos que constituem a memória dos torcedores e jogadores do Atlético Itapemirim estão o “acesso à Série A” do Capixabão em 2015, pois como veremos apesar de ter se tornado profissional em 2011, o Galo da Vila voltou as competições apenas em 2014, conseguindo assim uma ascensão rápida a elite do futebol capixaba. Outro acontecimento marcante foi à contratação do técnico Zé Humberto que é considerado o responsável pela recuperação do Galo que estava mal em 2016 e pelas vitórias inéditas em 2017, que é lembrado como o ano de glória do Atlético Itapemirim.

Segundo Pollak, a memória seria constituída ainda por pessoas e personagens. José Olívio Soares foi eternizado como o fundador do Atlético Itapemirim, o estádio do clube recebeu o seu nome em homenagem e atualmente o Presidente Rubens Pinheiro vem sendo lembrado como o principal responsável não apenas pela profissionalização do Galo da Vila, mas também pelo sucesso do clube. Nas memórias dos entrevistados, o Presidente aparece como aquele que “tira o dinheiro do próprio bolso” para manter o Clube. As ideias de Pollak nos ajudam a compreender as memórias presentes nas narrativas jornalísticas e entrevistas que serão analisadas a seguir.

2.5.1 - A Fundação do Clube

O Clube Atlético de Itapemirim foi fundado no dia 5 de dezembro de 1965 por José Olívio Soares e funcionários da primeira agência do Banco do Brasil de Itapemirim. José Olívio era carioca, fanático pelo Botafogo e apaixonado por futebol, por isso teve a ideia de fundar o clube no município. A ideia inicial era que o Clube levasse em sua camisa o escudo do seu time de coração, mas como a maioria dos outros fundadores eram mineiros e torcedores do meu querido Atlético Mineiro, o escudo permaneceu o mesmo, apenas trocando o M pelo I de Itapemirim e o mascote escolhido também foi o Galo. José Olívio comandou o Clube nas décadas de 60 e 70 e era conhecido no município como o “Homem do Futebol”, pois era detentor de muitas terras na região e doou um desses terrenos para o Atlético, onde foi construído o Estádio que carrega o seu nome. José Olívio Soares faleceu aos 57 anos, em 1993 e infelizmente não conseguiu ver o Galo da Vila atuando como profissional, que era o seu grande sonho.

Atuando como amador, o Atlético participou de algumas competições no Estado e foi por três vezes campeão sulino (2006, 2007 e 2010). Não cabe neste trabalho reconstruir a história do Clube em seu período amador. Devido a falta de registros e informações e ao fato de que muitos jogadores nem sequer residirem mais no município e por ter que depender das “pessoas que conhecem pessoas” em apenas dois anos de mestrado não seria possível realizar tal pesquisa. O objetivo neste momento é falar sobre a sua fase profissional, destacando o ano vitorioso de 2017, período em que realizei a minha pesquisa junto ao clube.

Apesar de ter sido criado ainda na década de 60, o Atlético se tornou profissional apenas em 2011, como veremos no capítulo seguinte, se tratando de uma espécie de “experiência” realizada pelo Presidente Rubens Pinheiro que havia assumido a presidência do Clube em 2010. Apenas com a chegada do patrocínio da Prefeitura Municipal de Itapemirim é que o Atlético retornou as competições, estreando na Série B em 25 de janeiro de 2014 com uma vitória sobre o Grêmio de Laranjeiras. O Galo da Vila venceu nove, dos quatorze jogos disputados e foi líder da Primeira Fase.

Na segunda fase foi para a quadrangular contra o Rio Branco, Serra e Sport Capixaba. Após empatar duas vezes com o Serra e Sport, venceu fora de casa o Rio Branco por 1 a 0. Na segunda rodada conseguiu derrotar o Serra por 2 a 1 dando um importante passo para chegar a Série A. Na última rodada precisava apenas de um empate com o Rio Branco para conseguir

subir para a primeira divisão do Campeonato Capixaba. Em casa, não empatou, mas venceu o Rio Branco por 2 a 1 e a festa só não foi completa porque o Sport goleou o Serra por 5 a 2 e dessa maneira levou o título de campeão e o Galo ficou então como vice, considerado um ótimo resultado para um ano de estreia e que o levou para a primeira divisão capixaba.

Na metade do ano, o Galo fez a sua estreia na Copa Espírito Santo contra a Desportiva no Engenheiro Araripe. A Tiva levou a melhor, vencendo o Galo por 3 a 1. Mas o Atlético se recuperou e ainda na primeira fase empatou apenas duas vezes e venceu as outras cinco partidas, sendo avaliado como um ótimo resultado que o levou para as semifinais.

Na semifinal o Galo enfrentou o Rio Branco e venceu a primeira partida por 3 a 1, resultado que permitiu que no jogo de volta perdesse por 1 a 0 e mesmo assim ficasse com a vaga na final. Contra o Real Noroeste o Atlético acabou perdendo a partida de ida por 2 a 1 (partida aconteceu no Engenheiro Araripe, pois o Estádio do Galo, o José Olímpio Soares não possuía a capacidade mínima de público exigida pela Federação). No jogo decisivo, o Atlético não conseguiu reverter o placar e empatou por 1 a 1, se consagrando mais uma vez vice-campeão.

2.5.2 - O acesso à série A em 2015

Em 2015 o Galo chegou pela primeira vez na série A e ficou em quinto lugar entre as dez equipes. O Atlético estreou em grande estilo, goleando o Sport por 4 a 1 no Estádio Sumaré, pois o estádio José Olímpio Soares estava em reformas para aumentar a sua capacidade de público. Na rodada seguinte venceu a Desportiva por 2 a 1. Venceu ainda o Estrela por 1 a 0 e depois seguiu empatando. Empatou com o Castelo em 0 a 0, com o Sport em 1 a 1, com a Desportiva em 0 a 0, depois perdeu para o Estrela por 1 a 0 e finalizou a primeira fase empatando por 1 a 1 com o Castelo.

Mesmo com o resultado não tão animador conquistou uma vaga na hexagonal, que é a fase em que as seis equipes disputam entre si em turno e retorno. Começou vencendo o Estrela por 1 a 0 e repetiu o placar contra o Linhares. Mas depois houve uma sequência de derrotas. O Galo perdeu para o Real Noroeste por 4 a 2, para o Rio Branco por 2 a 1, para a Desportiva por 1 a 0. Conseguiu vencer o Estrela por 3 a 1. Mas depois seguiu perdendo: para o Linhares por 2 a 0, para o Real Noroeste por 3 a 1 e para o Rio Branco por 1 a 0. Encerrou a participação com um empate com a Desportiva por 1 a 1. Tais resultados renderam ao Atlético o quinto lugar, com apenas 10 pontos, 12 pontos atrás do Rio Branco e com 7 pontos atrás da Desportiva.

Na Copa Espírito Santo o Galo da Vila conseguiu sete vitórias, três empates e duas derrotas em doze partidas na primeira fase. Estreou vencendo o Real Noroeste por 2 a 1, depois emplacou 3 a 0 sobre o Doze. Em seguida perdeu para o Espírito Santo por 2 a 0, venceu o Linhares por 2 a 0, empatou com a Desportiva por 0 a 0 e venceu o Vitória por 2 a 0. No retorno, perdeu para o Real Noroeste por 3 a 0, venceu o Doze por 2 a 0 e empatou com o Espírito Santo por 1 a 1. Goleou o Linhares por 4 a 1, e venceu mais uma vez a Desportiva com o placar de 3 a 1, e finalizou empatando com o Vitória por 1 a 1. Mas infelizmente, acabou caindo nas semifinais para o Real Noroeste. Na partida de ida, em Vitória, jogando no Estádio Salvador Costa, o Galo empatou por 0 a 0, mas no segundo jogo, realizado em Sumaré, o Real acabou vencendo por 2 a 1.

2.5.3 - Capixabão 2016: na trave!

Em 2016 disputando mais uma vez o Capixabão pela Série A, o Atlético enfrentou dificuldades para avançar da primeira fase. Com duas vitórias, quatro empates e duas derrotas o Galo da Vila sofreu um pouquinho para chegar à Hexagonal. No primeiro jogo do Campeonato venceu o Estrela do Norte por 2 a 0, logo em seguida empatou com a Desportiva por 1 a 1 e depois teve a sua segunda e última vitória nessa fase em cima do Doze por 1 a 0. Seguiu empatando com o Espírito Santo em 0 a 0, depois perdeu para o Estrela do Norte por 1 a 0 e repetiu o empate com a Desportiva em 1 a 1. Empatou em 0 a 0 com o Doze e finalizou na primeira fase com uma derrota de 1 a 0 para o Espírito Santo.

Na segunda fase do Hexagonal iniciou com uma derrota para o Rio Branco por 2 a 0, depois empatou mais uma vez com a Desportiva em 1 a 1 e perdeu para o Real Noroeste por 4 a 2. O time até respirou com a vitória de 1 a 0 sobre o Linhares, mas os outros resultados o empurraram para baixo novamente. Empatou em 0 a 0 com o Espírito Santo fora de casa, venceu o Rio Branco por 2 a 1 e perdeu por 3 a 1 para a Tiva. Conseguiu posteriormente bater o Real Noroeste por 2 a 0, mas perdeu em seguida para o Linhares por 3 a 2 e finalizou sua participação no campeonato empatando com o Espírito Santo em 1 a 1. Com apenas 9 pontos amargou nesse ano o sexto lugar na competição.

Na Copa Espírito Santo de 2016 o Galo chegou mais uma vez nas semifinais, com uma boa campanha que contou com cinco vitórias, duas derrotas e um empate. Estreou com um empolgante 4 a 2 sobre o Vitória, depois empatou com o Serra por 0 a 0 e perdeu para a

Desportiva por 1 a 0. Se recuperou e venceu o Vilavelhense por 3 a 0, o Vitória por 1 a 0 e repetiu o placar para cima do Serra, vencendo também por 1 a 0. Encerrou a primeira fase vencendo a Desportiva por 3 a 1 e goleando o Vilavelhense por 5 a 1. Mas nas semifinais acabou sendo eliminado pelo Espírito Santo. Na partida de ida garantiu a vitória por 1 a 0, mas na segunda partida o Espírito Santo reverteu o placar em casa e venceu o Galo da Vila por 2 a 1.

2.5.4 - A contratação de um novo técnico

Como podemos observar, é notável a melhora no rendimento do Atlético após o segundo semestre de 2016. Como veremos no capítulo seguinte, Zé Humberto é diversas vezes citado na análise dos entrevistados como um dos principais responsáveis pelas duas conquistas inéditas do Galo. Zé Humberto chegou ao clube em agosto de 2016 e a sua partida de estreia com time aconteceu no dia 20 de agosto, com a vitória do Galo em cima do Vilavelhense por 3 a 0. De lá para cá é considerado como um exemplo de treinador de sucesso, sendo destaque na imprensa capixaba. Cabe lembrar que a imprensa capixaba fala muito pouco sobre o futebol local, então cinco ou seis reportagens já é um número expressivo.

Zé Humberto iniciou sua carreira como jogador nos anos 80, jogando pelo Uberaba. Atuou ainda em clubes como o Democrata (de Governador Valadares - MG), o Brasil de Pelotas (PR) e o Santos (SP). Antes de encerrar a carreira como jogador atuou também em equipes do interior paulista. Iniciou sua carreira como técnico com o Matsubara do Paraná e em 2014 conseguiu conquistar com o Itumbiara o Campeonato Goiano.

O interesse da imprensa com Zé Humberto começou antes das conquistas estaduais. Como o técnico chegou ao Clube num período que o time vivia um momento “apagado” a sequência de vitórias e a classificação para as semifinais na Copa Espírito Santo foram destaque. O site “Futebol Interior” noticiou: “Copa Espírito Santo: Zé Humberto faz milagre e classifica Atlético-ES”

Na matéria, exaltam o fato de Zé Humberto ter “pego” a equipe na penúltima posição e ter conseguido reverter a situação com cinco vitórias consecutivas, o que culminou na classificação do grupo para as semifinais. O técnico então revelou ao site:

Cheguei e senti um certo desânimo no elenco, mas se tínhamos cinco jogos e precisávamos das cinco vitórias, fiz com que todos acreditassem que poderíamos

reverter a situação e todos os méritos são dos atletas que acreditaram no meu trabalho. Agora é manter os pés no chão e decidirmos essas duas partidas para chegarmos à final. (ZÉ HUMBERTO, acesso em 11 nov. 2017).

A matéria ainda ressalta que o técnico já comandou mais de 30 equipes no Brasil e que ele seria um “mestre em acessos”. O primeiro feito de Zé Humberto teria sido com a Ferroviária de São Paulo, levando o clube ao Campeonato Paulista em 2001. No ano seguinte levou a equipe de Oeste de Itápolis a série A-2. Em 2003 levou o Sertãozinho a semifinal do Paulista Série A-3, ainda no mesmo ano levou o Minaçu de Goiás a final do campeonato goiano e em 2005 novamente chegou a uma semifinal com o clube Mineiros de Goiás.

2.5.5 - 2017: é do Galo!!!

O que o Atlético prometeu no final de 2016, em 2017 ele cumpriu. O ano de fato entrou para história do Clube e do futebol capixaba: Além de se consagrar campeão, se tornou o primeiro clube a ganhar as duas competições estaduais no mesmo ano, sendo que o Campeonato Capixaba foi conquistado forma invicta.

O Galo estreou no Capixabão empatando com a Desportiva por 1 a 1, e seguiu com uma sequência de vitórias. Venceu o Rio Branco por 2 a 0, repetindo o placar para cima do Doze e goleou o Tupy por 4 a 0. Com o Espírito Santo empatou em 2 a 2 mantendo a sua invencibilidade e logo em seguida derrotou o São Mateus por 2 a 1. Empatou com o Vitória por 1 a 1 e encerrou a primeira fase com a vitória sobre o Real Noroeste por 3 a 1.

Nas semifinais enfrentou o Tupy, que até esse momento era a surpresa do campeonato. O time da cidade de Vila Velha avançava de fase pela primeira vez no estadual. Mas o Galo não perdeu tempo e mesmo fora de casa venceu por 2 a 0 no jogo de ida, colocando um pezinho na final, e no jogo de volta o empate por 1 a 1 o colocou de vez mais próximo a conquista inédita do Capixabão.

A final ocorreu contra a equipe do Doze, e o primeiro jogo foi repleto de emoção no Estádio Kléber Andrade. No primeiro tempo as duas equipes permaneceram no zero a zero, mas no segundo tempo, o Doze abriu uma vantagem de dois gols de diferença em cima do Galo da Vila, que não se abateu e foi para cima e após contar com a sorte com o gol contra aos 44 minutos, conseguiu empatar aos 47 minutos com um gol de pênalti, deixando assim a decisão

para o último jogo que ocorreu em Sumaré no dia 06 de maio. O Galo não desapontou e venceu o Doze Futebol Clube por 2 a 1 e se consagrou pela primeira vez Campeão capixaba.

Ainda em campo, o Presidente Rubens deu uma entrevista ao Site Globo Esporte, onde foi questionado sobre a vitória, claro, mas também sobre os problemas financeiros que o clube enfrentou. Primeiramente ele fez questão de enfatizar que o trabalho que deu origem a conquista inédita se iniciou ainda em 2016 com a contratação do novo técnico e com a manutenção da comissão técnica.

Na verdade esse trabalho nós começamos no ano passado com a chegada do Zé Humberto, com a classificação para a semifinal da Copa Espírito Santo... Então mantivemos o elenco, mantivemos a comissão técnica, confiamos no trabalho dele e aí o que que aconteceu... Campeão invicto, campeão aí indiscutível.

É um trabalho árduo, e que nós conseguimos assim, trabalhando realmente, com humildade, muito trabalho, muito respeito... Parabenizar a comissão técnica, os jogadores que sofreram, ralaram, mas aí conseguiram um título inédito para Itapemirim. (RUBENS PINHEIRO, acesso em 11 nov. 2017).

Em seguida, o repórter pergunta sobre as dificuldades que ele enfrentou, se ele “lamenta” alguma coisa que aconteceu.

Não, sim, eu não gosto de lamentar nada o que acontece. A gente teve um problema financeiro , de repasses, perdemos alguns patrocínios, perdemos nosso patrocinador máster que não pode nos ajudar e nós ficamos aí sofrendo, ralando, persistindo, algumas pessoas falando aí que ia acabar. Mas aí voltou o patrocínio e nós conseguimos continuar o trabalho. Persistência é uma palavra que eu sempre carrego comigo. (RUBENS PINHEIRO, acesso em 11 nov.2017).

Pegando o gancho da resposta, o repórter pergunta se ele se refere ao patrocínio da Prefeitura.

Sim, nós tivemos um problema de não ser repassado, ficamos aí dez meses sem repasse, até saiu aí algumas reportagens “o Dinheiro fala mais alto”, mas isso não aconteceu. Logicamente agora nós temos o apoio, mas sofremos, sofremos...

Quando pôde sair o dinheiro, saiu... Esses jogadores ficaram alguns meses sem receber salário, mas foram guerreiros. Parabéns pra eles, parabéns pra todo mundo! E agora a gente vai fazer um planejamento pra gente representar bem o Espírito Santo nas competições nacionais. (RUBENS PINHEIRO, acesso em 11 nov. 2017).

Acima, o presidente do clube afirmou que o título conquistado é do Itapemirim, demonstrando que o clube representa do município. No fragmento da entrevista acima, bem como nos demais que seguem, o mesmo presidente já planeja representar o estado do Espírito Santo em competições no cenário nacional, o que demonstra que o futebol pode se tornar um elemento de representação da identidade municipal e estadual, visto que o município é o principal patrocinador e quem sabe o estado do Espírito Santo no futuro. No entanto, como veremos a seguir, os reforços almejados para a equipe são planejados contemplando a contratação de profissionais de fora do município e do estado do Espírito Santo.

Partindo de tal projeto, o repórter então pergunta sobre as perspectivas para a Copa Espírito Santo, uma competição que poderia render outra vaga em uma competição nacional.

Sim, nós já tínhamos conversado, eu e o Zé Humberto, que nós vamos tentar manter esse elenco né? Logicamente que deve chegar alguns reforços pra gente e nós vamos pra Copa do Brasil sim, desculpa, para Copa Espírito Santo, com toda força, com um elenco que a gente, nós vamos tentar ser campeões da Copa Espírito Santo. (RUBENS PINHEIRO, acesso em 11 nov. 2017).

O repórter então complementa “E para o Brasil também”, indicando que iriam com “toda a força” para as competições nacionais.

Com certeza , para o Brasil também, mas mais um pouco a frente, mas nós vamos começar a fazer o laboratório agora. Temos que começar com tempo, temos que fazer, é, com que a equipe realmente seja competitiva nas competições nacionais. (RUBENS PINHEIRO, acesso em 11 nov. 2017).

Já o site “rsim” noticiou: “Atlético Itapemirim é o campeão do capixabão 2017”. Em uma curta matéria o site ressaltou que o Atlético havia sido o dono da melhor campanha do

campeonato, sem perder nenhuma partida e destacou que o Galo da Vila havia construído a conquista do título jogo a jogo, colecionando resultados positivos.

Na segunda-feira, 08 de maio, os atletas e comissão técnica foram recebidos como “heróis” na Prefeitura de Itapemirim e a visita rendeu até matéria no site do município. O Prefeito em exercício Thiago Peçanha agradeceu ao elenco campeão: “Muito obrigado por levar o nome do município para a mídia nacional. Podem contar com essa Administração para as próximas competições”. (THIAGO PEÇANHA, acesso em 11 nov. 2017). Já o Presidente Rubens fez questão de agradecer e deixar claro que sem o apoio da Prefeitura não seria possível a conquista do título: “Quero deixar claro que sem o apoio da prefeitura seria impossível conquistar esse título. Muito obrigado por toda a ajuda e por levar o esporte em Itapemirim a sério”. (Rubens Pinheiro, acesso em 11 nov. 2017).

No dia 09 de maio, o site Globo Esporte trouxe aquela tradicional “Seleção” dos melhores jogadores do campeonato, com o título: “Campeão invicto, Atlético-ES domina seleção dos melhores do Capixabão”. O site apresentou o time dos melhores que haviam sido escolhidos por jornalistas capixabas. Entre os 11 atletas selecionados, cinco eram do elenco do Atlético: O goleiro Raule, os zagueiros Kleber Viana e Rhayne e os meias Wendel e Zizu. O técnico escolhido também foi do Galo, o Zé Humberto.

Os laterais escolhidos foram o Cássio do Doze e o Nicolas Giralado do Espírito Santo. Os considerados os melhores volantes foram Rodrigo César também do Espírito Santo e Marcone do Doze. Os melhores atletas do ataque foram Márcio carioca do Rio Branco e Nilo do Doze, que inclusive foi eleito à revelação do Capixabão.

Na Copa Espírito Santo, o Atlético chegou como a sensação do momento, mas estreou perdendo para a Desportiva por 3 a 2. Em seguida, se recuperou vencendo o Vitória por 2 a 1 e o Linhares por 3 a 1. Empatou com o Brasil Capixaba em 1 a 1 e depois o venceu por 2 a 0. Contra o Linhares marcou 3 a 0 e venceu mais uma vez o Vitória, mas dessa vez por 1 a 0, encerrando a primeira fase com uma vitória contra a Desportiva por 1 a 0. Nas semifinais enfrentou o conhecido Rio Branco e venceu a partida de ida por 1 a 0, na segunda partida repetiu o placar e garantiu mais uma vez a sua vaga na final.

Na Final jogou contra o Espírito Santo, e a primeira partida aconteceu no Kléber Andrade e ficou apenas no 0 a 0, deixando tudo igual para o último jogo que ocorreu em Sumaré. Como não poderia deixar de ser, a emoção tomou conta na última partida e o placar de 1 a 1 testou o

coração dos torcedores levando a partida para os pênaltis e o Galo venceu por 5 a 2 levantando pela primeira vez a taça da Copa Espírito Santo.

A vitória foi destaque no site Globo Esporte “Nos pênaltis, Atlético-ES vence o Espírito Santo e conquista a Copa ES 2017”. A reportagem ressaltou que desde a criação da Copa ES em 2003 nenhum clube havia vencido as duas competições no mesmo ano e que o título carimbou o passaporte do Galo para a Copa Verde e deu alguns detalhes do jogo.

Cabe aqui uma breve análise interpretativa das identidades do clube e do município a partir dos noticiários da imprensa estadual e nacional. O Atlético de Itapemirim, no noticiário estadual é referenciado associado ao nome do município, enquanto na mídia nacional o clube está associado ao estado do Espírito Santo, levando assim a diferenciá-lo do Atlético Mineiro. Deste modo, o nome deste clube de futebol demarca uma identidade que é dinâmica e situacional, pois no contexto estadual representa o município e no nacional representa o estado do Espírito Santo.

2.5.6 - A renovação do contrato com o técnico Zé Humberto

Após as conquistas do Galo da Vila, Zé Humberto voltou a ser destaque na imprensa local. Após a conquista do Campeonato Capixaba, Zé Humberto foi destaque em uma reportagem no Site Globo Esporte: “Com título e 70% de aproveitamento, Zé Humberto completa um ano no Atlético-ES”

A reportagem trouxe o bom resultado do técnico em números: Em 26 jogos o Galo da Vila sob o comando de Zé Humberto venceu 16 jogos, empatou sete vezes e perdeu apenas três disputas. A reportagem ainda destaca o fato das conquistas darem acesso ao Atlético disputar competições nacionais como a Série D.

Já tive trabalhos bons como este que está sendo feito no Atlético, já fui campeão várias vezes conquistei alguns acessos. Mas esse aproveitamento é muito difícil, ainda mais levar o título de forma invicta. (ZÉ HUMBERTO, acesso em 11 nov. 2017).

O técnico ainda revela que a sua relação com o Clube vai além dos gramados. Zé Humberto diz gostar não só da torcida e jogadores, como também do município e que isso pesou em sua decisão de permanecer atuando no clube, mesmo após receber outras propostas.

Desde o momento que eu cheguei fui muito feliz, muito bem recebido, me sinto em casa e acredito que tudo isso colaborou para as coisas acontecerem. A afinidade que eu passei a ter com os jogadores, a torcida, a diretoria, a cidade, pesou para a minha permanência. Tive propostas para sair para outros clubes locais e fora do Estado, mas aqui me sinto em casa. (ZÉ HUMBERTO, acesso em 11 nov. 2017).

A reportagem também destaca que Zé Humberto assumiu o comando do time em um momento complicado e que mesmo assim conseguiu guiar a equipe. No entanto, a equipe acabou caindo nas semifinais da Copa Espírito Santo em 2016.

Em todos os clubes que você chega, já sabe que tem um novo desafio e na situação onde o clube precisava vencer cinco partidas e eu coloquei para o grupo a situação que era de momento, e o grupo aceitou, os jogadores entenderam o que era necessário a se fazer e conseguimos uma classificação. (ZÉ HUMBERTO, acesso em 11 nov. 2017).

Zé Humberto finaliza a entrevista falando sobre as pretensões de se chegar ainda mais longe: nas competições nacionais. Ele explica que em 2016 não houve tempo, mas que em 2017 conseguiu a vitória no Campeonato Estadual graças ao período de preparação.

O meu melhor momento foi quando o grupo entendeu a nossa proposta e começou a fluir, passamos a vivenciar uma boa fase, com a diretoria e a comissão técnica dando o suporte. Desde o momento em que eu cheguei, o Presidente colocou que o objetivo era de fazer um grande campeonato estadual e levar o clube para a Série D, Copa do Brasil, Copa Verde. Agora a prioridade é dar sequência a esse planejamento. (ZÉ HUMBERTO, acesso em 11 nov. 2017).

Após a conquista da Copa Espírito Santo, o site “Agência Futebol Interior” trouxe uma reportagem intitulada “Zé Humberto comemora temporada mágica e mais um título Atlético

Itapemirim”. O site destaca as duas conquistas inéditas do Galo e as competições nacionais que o time disputará em 2018.

O técnico se diz feliz com o resultado e destaca que não é comum no futebol brasileiro um time ganhar dois títulos seguidos em uma mesma temporada.

Tenho em mãos um grupo maravilhoso. Eles mereciam isso. Batalhamos muito desde o início da temporada. E as coisas acontecem com quem trabalha. Estou muito feliz. É raro, não só no Espírito Santo, mas em todo o futebol brasileiro um clube faturar dois títulos na mesma temporada. E a gente conseguiu, que alegria imensa. (ZÉ HUMBERTO, acesso em 11 nov. 2017).

O técnico fez questão de exaltar que o resultado é fruto de muito trabalho e preparação.

Volto a falar, é resultado de um trabalho. Nos preparamos, conseguimos fazer um bom planejamento, e mais do que tudo, trabalhamos. Trabalhamos muito. Os jogadores se dedicaram, se empenharam e se doaram em campo. A torcida merecia esses títulos, o clube também, assim como a cidade e nós, da comissão técnica e elenco. (ZÉ HUMBERTO, acesso em 11 nov. 2017).

Após a Copa Espírito Santo, os contratos com os jogadores e com técnico terminaram e a renovação com Zé Humberto se tornou incerta, pois dependia do patrocínio da Prefeitura, como veremos no próximo capítulo e o assunto se tornou manchete no site Gazeta Online: “Permanência de Zé Humberto no Atlético Itapemirim ainda está indefinida”. Descrevendo Zé Humberto como “técnico vencedor” em três curtos parágrafos o site fala sobre a indefinição do futuro do Zé Humberto no clube e que o mesmo se encontrava no município, pois acreditava na solução dessa situação:

Já estou aqui em Itapemirim, ontem tivemos uma reunião. O clube está esperando a definição do patrocínio da prefeitura, só assim vamos poder definir alguma coisa. (ZÉ HUMBERTO, acesso em 29 nov. 2017).

A renovação realmente aconteceu logo e no dia 30 de novembro o site Globo Esporte noticiou “Atlético-ES renova com Zé Humberto e 10 atletas do grupo campeão da Copa ES”. Seguindo o modelo das outras reportagens, a matéria destacou as vitórias inéditas do Clube o “2017 inesquecível” o aproveitamento de 70% do técnico. Para o site, Zé Humberto afirmou que “Fechei contrato por mais um ano. Em relação a montagem do elenco, estamos nos movimentando. Eu e o Presidente estamos correndo de um lado ao outro.” (ZÉ HUMBERTO, acesso em 30 nov. 2017).

Em 2018, após o Atlético realizar dois amistosos contra o Trobense, e vencer as duas partidas por 1 a 0, Zé Humberto voltou a ser destaque no Site Globo Esporte: “Para driblar rivais, Zé Humberto trabalha em um ‘novo’ Atlético-ES”. O site ressaltou que pela primeira vez o Galo da Vila disputaria a Copa Verde e a Copa do Brasil e que mesmo em competições nacionais, o técnico não se esquecia dos rivais locais. Segundo Zé Humberto sua estratégia seria:

Estamos procurando estudar a parte tática, nos informar, nos atualizar para que não possamos ser surpreendidos. Temos que mostrar uma variação diferente que apresentamos no ano passado. Com certeza nossos adversários já nos estudaram e viram isso também. (ZÉ HUMBERTO, acesso em 15 jan. 2018).

O técnico ainda pontuou que o desempenho nos dois amistosos foi satisfatório e que tinha certeza que a equipe seguiria evoluindo até a sua estreia no Capixabão que aconteceria no dia 17 de janeiro contra a Desportiva, uma partida da 4ª rodada que seria antecipada por causa da participação do Atlético na Copa do Brasil. Segundo o técnico: “O time manteve um padrão tático bom, um nível de aceitação muito bom, juntamente com a parte física e técnica, com certeza vai evoluir ao longo do trabalho e espero que no dia 17 possamos fazer uma boa estreia.” (ZÉ HUMBERTO, acesso em 15 jan. 2018).

Após a análise das matérias sobre o técnico, observamos que há certa repetição nos textos. Todos exaltam as conquistas inéditas do Atlético, destacam o fato do técnico ter chegado ao clube quando o mesmo se encontrava na penúltima posição do campeonato e enfatizam que Zé Humberto seria um técnico experiente, um “especialista em acessos”. Palavras como mágica, milagre apareceram nas narrativas como podemos observar.

2.6 - FALANDO EM PATROCÍNIO...

Nas conversas informais e nas entrevistas, a questão financeira esteve muito presente nas falas dos envolvidos com o Clube. Como vimos acima a palavra “patrocínio” apareceu repetidas vezes nas narrativas. A Prefeitura do município de Itapemirim é a maior patrocinadora do Clube e após o ano vitorioso manteve a sua palavra com o Presidente Rubens e aumentou o valor da sua contribuição.

O patrocínio virou notícia no site Globo Esporte “Prefeitura de Itapemirim mais que dobra o apoio do Atlético-ES para a temporada 2018”. O montante de 1,3 milhões passou para 2,8 milhões para 2018, um valor 115,4% maior que o anterior. O Presidente ressaltou para a reportagem que o valor ainda ficou abaixo do que esperado para montar um “time competitivo”, mas que chegou próximo do que precisavam.

A gente sabia que ia receber, mas vínhamos discutindo com o Prefeito o valor. Sabemos que o país está passando por dificuldade e Itapemirim não foge dessa regra. O valor total não ficou como a gente planejou, para fazermos um time competitivo, mas chegou perto do que a gente estava precisando. Se tudo der certo, com mais colaboradores, vamos chegar perto do que foi planejado para 2018. (RUBENS PINHEIRO, acesso em 10 jan. 2018).

Quando indagado sobre a prestação de contas ao município, Rubens destacou que isso não é problema e que o Clube está acostumado a prestar contas todo mês a Prefeitura.

Esse valor total é dividido em parcelas mensais. É feito um plano de ação, o poder executivo manda analisar e depois passa pelo poder legislativo para poder ou não ser aprovado. Todo mês temos que prestar contas. Sendo liberadas, aí sim recebemos o valor referente. Durante o ano o clube tem que fazer 12 prestações de contas. (RUBENS PINHEIRO, acesso em 10 jan. 2018).

Para finalizar, o Presidente Rubens enfatiza que o apoio da Prefeitura corresponde a 70% do esperado e que irá buscar novos patrocinadores.

O valor do apoio da prefeitura é aproximadamente 70% do total que planejamos. Os outros 30% vamos buscar de patrocinadores da iniciativa privada e de colaboradores. Se tudo der certo, vamos chegar perto do que foi planejado para 2018. (RUBENS PINHEIRO, acesso em 10 jan. 2018).

Em 2018, esses “outros 30%” ficaram por conta do Banestes que patrocinou todos os clubes que estão participando do Capixabão e dos cartões Caixa que patrocinaram os clubes que estão participando da Copa Verde. Entre os investidores locais, houve o patrocínio da loja “Juliana Móveis” e da empresa de vestimentas e acessórios esportivos Rhumy.

Como vimos, após a sua estreia como profissional, o Atlético Itapemirim vem se destacando entre os clubes da elite capixaba. Busquei neste capítulo apresentar a trajetória profissional do Galo da Vila e refletir ainda sobre a sua formação. Se individualmente, alguns capixabas conseguem obter destaque no cenário do futebol nacional, coletivamente a situação é bem diferente. Como vimos, o Atlético Itapemirim luta ainda para conseguir se manter, pois contando com o patrocínio da Prefeitura e buscando novos investidores, a situação do Galo da Vila está longe de ser confortável. Apesar do sucesso atingido no último ano, os diretores do clube entendem que é preciso investimento para que o clube possa continuar crescendo. Mas para que os investidores locais se interessem pelo futebol do estado, é preciso que os torcedores capixabas também se interessem pelo futebol local. E essa situação é bem complexa, pois se pensarmos a partir da análise realizada por Damo (2005) o desinteresse capixaba pode ser explicado devido ao fato de nenhum clube local estar em destaque em alguma competição nacional. Se atualmente os clubes lutam para conseguir o acesso a Série D, para chegar a uma Série A, seria necessário muito mais apoio e investimento. Dessa maneira, é muito cedo para se pensar em retorno. Os patrocinadores teriam que investir primeiro e aguardar os resultados. Essa é uma das questões que serão trabalhadas no próximo capítulo, onde analiso as entrevistas que realizei durante a pesquisa.

CAPÍTULO III – O ATLÉTICO ITAPEMIRIM NAS PERSPECTIVAS DA DIRETORIA E DE ATLETAS DO CLUBE

Neste terceiro e último capítulo pretendo apresentar as entrevistas que realizei com alguns membros do Atlético Itapemirim. O principal objetivo é trazer para as pesquisas sobre o futebol os relatos de vida e as percepções daqueles que vivenciam a história de um clube e o futebol capixaba em seu cotidiano. A metodologia para alcançar tal objetivo consistiu em olhar e ouvir face-a-face, por meio da técnica de entrevistas, integrantes da diretoria e atletas do clube.

Como veremos posteriormente nas entrevistas, o apoio financeiro é apontado como a principal dificuldade enfrentada pelos clubes capixabas. No caso do Atlético Itapemirim, a Prefeitura do município é a maior patrocinadora do clube, mas o apoio ainda não é suficiente e tanto a diretoria como os atletas se questionam porque as empresas do estado não “abraçam a causa” e decidem investir no futebol local. Diferentemente de vários clubes brasileiros que contaram desde o início com o incentivo de fábricas e indústrias de seus estados, os clubes capixabas ainda lutam em busca de patrocínio. Além do pouco interesse dos capixabas com o futebol local, alguns dados da história do Espírito Santo demonstram que no estado os processos de industrialização e desenvolvimento econômico ocorreram tardiamente e isso ainda reflete no investimento e patrocínio ao futebol capixaba.

3.1 - O ATLÉTICO SEGUNDO O SEU SUPERVISOR ADMINISTRATIVO

Will é um jovem de apenas 32 anos, formado em Engenharia Mecânica pela Ufes que nasceu em Itapemirim e que tem um grande amor pelo futebol. Filho de Celita Gomes Lesqueves e Denizart Guimarães Lesqueves, Will conta que a sua paixão pelo esporte começou ainda criança, assistindo aos jogos do Botafogo pela televisão com o seu Pai e jogando futebol pelos arredores do estádio. O pai de Will é natural de Cachoeiro de Itapemirim e foi caminhoneiro por muitos anos de sua vida, chegou a conhecer o Olívio Soares por morarem próximos e hoje devido ao Alzheimer, doença que lhe acompanha há cinco anos, se encontra acamado. Will lamenta que seu pai nunca tenha visto um jogo do Galo da Vila como profissional.

Segundo Will, a sua ligação com o Atlético começou desde que “ele se entende por gente”. Ele destaca ainda que “Para quem gosta de futebol e é de Itapemirim, principalmente da Vila, sempre vai ter uma ligação, eu sempre brinquei de bola dentro e aos arredores do estádio, além de acompanhar o time nos jogos amadores da época.” (Will, 05/01/2018). Will relata que em 2014 decidiu ajudar o Clube. Ele tinha contato com o Presidente e outras pessoas envolvidas com o Atlético, por isso começou atuando como voluntário na criação de mídias sociais e depois como profissional, atuando como assessor de imprensa e supervisor do clube.

Comecei em 2014 na Série B do Capixaba. O clube não tinha meio de comunicação, me ofereci a criar o site, páginas e a divulgar em arte os jogos. No começo do ano, na série B, foi mais voluntário, pois já tinha experiência em programação e fiz de graça e fiz de graça. Logo na Copa ES comecei a trabalhar de carteira assinada como assessor de imprensa e hoje sou supervisor administrativo do clube. (WILL, 05/01/2018).

Como já é de conhecimento, o Atlético conseguiu avançar na Competição e chegou a final, se consagrando campeão e o primeiro time capixaba a vencer no mesmo ano o Capixabão e a Copa Espírito Santo. Após o término da Copa ES consegui agendar as minhas visitas com o Will. Como disse anteriormente, nossas conversas se iniciaram em setembro, mas Will é um pouco tímido e uma entrevista mais estruturada com ele, só consegui em janeiro. Ressalto esse fato, para não causar estranheza em relação às datas de seus relatos. Em relação ao sucesso do Atlético em 2017, Will considera que o mesmo teve início muito antes de 2017. O supervisor acredita que o Clube aprendeu muito com os erros do passado e que o Presidente Rubens e o Técnico Zé Humberto são as duas peças fundamentais para se entender o ano vitorioso do Atlético:

Para mim tem dois: o principal é o Presidente Rubens, pois ele vive pelo clube, faz tudo pelo clube, se doa mais do que qualquer um, em troca de nada, tira muito do próprio bolso. Isso apesar dele não ser daqui, ser de Campo dos Goytacazes. Faz tudo para ser o mais profissional e correto possível. Quem trabalha e conhece ele, confia. É um líder nato. Outro é o professor Zé Humberto, mudou a filosofia do clube, o melhor profissional que já passou por aqui, e o melhor do estado. Sabe ter o clube na mão, os caras jogam por ele, mesmo na dificuldade do repasse, ele conseguiu administrar o grupo e ser campeão duas vezes. (WILL, 05/01/2018).

Will ainda observa que o patrocínio da Prefeitura contribuiu muito, mas que de nada adiantaria o investimento financeiro se não houvesse uma boa gestão interna. “Alguém pode perguntar: ‘E o patrocínio da Prefeitura, não ajudou não?’”. Ajudar, ajudou sim... Mas se não tiver gestão, uma ética e dedicação, você pode ter um caminhão de dinheiro que não consegue.” (Will, 05/01/2018).

Com o seu tempo de experiência e uma visão crítica que sempre me demonstrou, questionei ao Will também, como ele analisava as dificuldades ou desafios enfrentados pelo futebol capixaba. Para Will o principal desafio seria a falta de interesse da população pelo futebol local, seguido é claro, da falta de ajuda do poder do público.

Muitos colocam a culpa na imprensa pelo insucesso do futebol capixaba, falam que é mal divulgado... Verdade... Mas a imprensa é negócios, precisa de dinheiro, propaganda, precisa vender... Não adianta encher o jornal capixaba, se o capixaba não vai ler, se 90% dos torcedores daqui querem ler sobre o futebol carioca... Então acho que o cidadão capixaba tem que ser mais barrista, quando tiver o interesse do público no futebol capixaba local, vai ocorrer uma cadeia produtiva, porque a imprensa vai destacar mais, as empresas vão querer aparecer nas camisas dos clubes, os clubes vão ter uma receita maior, vão se tornar mais competitivos e por aí vai.

Vai nesses clubes do Norte e Nordeste, jogos sempre com estádios lotados. Estados demograficamente desfavorecidos e mais pobres que o Espírito Santo, estão em um nível no cenário nacional muito maior... O torcedor de lá abraça o time.

Outro ponto também é o poder público, o Estado patrocina o campeonato local com 6 milhões para dividir entre os clubes. O máximo que aqui consegue é 200 mil do Banestes para dividir. Lá existe incentivos fiscais para ajudar. Aqui a prefeitura ajuda e deu certo. Acho que outras aqui do estado também podiam, como outras prefeituras de outros estados ajudam também, como Macaé, Itaboraí, Intubiara, Vila Nova e por aí vai... Falta também essa ajuda do poder público. (WILL, 05/01/2018).

Will por várias vezes me demonstrou esse amor pelo Clube. Entre os entrevistados, ele foi o único que se declarou torcedor do Atlético Itapemirim e ele realmente acredita que o futebol daqui merece maior atenção, não apenas da mídia ou do poder público, mas principalmente do torcedor capixaba. A noção de “pertencimento clubístico” nos ajuda a entender o torcedor capixaba torcendo pelos times cariocas, que é uma das maiores indignações do Will, e nos faz enxergar a diferença de um mero torcedor, para aquele que pertence ao Clube. Sem dúvida alguma, o supervisor Will faz parte do segundo grupo.

3.2 - “REALIZAR UM SONHO DA POPULAÇÃO LOCAL”: O PRESIDENTE RUBENS PINHEIRO E O PROJETO DE PROFISSIONALIZAÇÃO DO ATLÉTICO

“Realizar um sonho de uma população, é uma felicidade muito grande.” (RUBENS PINHEIRO, 27/10/2017).

Marquei o encontro com o Will no Estádio do Clube, e como dizem que “mineiro não perde o trem” eu como sempre, cheguei um pouco mais cedo do que esperado e encontrei com o Presidente Rubens e alguns secretários do Clube. Will chegou logo em seguida, mas como tinha alguns assuntos para resolver precisou sair novamente. O estádio estava em reforma e o Presidente Rubens parecia conversar com as pessoas a respeito. Assim que ele terminou, iniciamos a entrevista. Muito simpático e solícito, ele se demonstrou bem à vontade em responder e comentar as perguntas desta pesquisa.

Conversamos sobre a sua gestão e sobre o futebol capixaba. Rubinho foi o grande responsável pela profissionalização do Atlético Itapemirim. Ele assumiu a presidência do clube em 2010 e em 2011 o clube se tornou profissional, segundo ele no início foi apenas uma “experiência”, pois como sabiam que os gastos eram altos não sabiam se teriam condições de continuar.

Bom, eu profissionalizei o clube. É... Em 2011, fizemos tipo, uma experiência, em futebol profissional, sendo que aí nós descobrimos, a gente já tinha uma noção de que futebol profissional requer muito dinheiro. O gasto é alto, e, no entanto, não tivemos condições de continuarmos, então nós só disputamos a série B Capixaba em 2011, e paramos com o futebol. (RUBENS PINHEIRO, 27/10/2017).

O time retornou apenas em 2014 após receber uma proposta de apoio financeiro. Rubinho conta que estava de saída, pois era ano de eleição no clube, mas o Prefeito Luciano que havia acabado de assumir o cargo o fez mudar de ideia. Luciano o procurou e pediu que ele continuasse, que iria fazer a “chapa” dele, pois ele tinha interesse de investir financeiramente no Atlético para que o time voltasse ao futebol profissional. Rubinho exalta o retorno do time e o bom desempenho das equipes as competições:

Nós voltamos ao futebol profissional em 2014, onde subimos, tivemos o acesso á série A do capixaba. No mesmo ano, nós fomos vice-campeões da Copa ES, em 2014, e nos mantivemos em 2015, 2016, e em todas as edições da Copa Espírito Santo que nós disputamos nós fomos às semifinais, nós chegamos as semifinais, é que foi depois em 2014, 2015 e em 2016 né, 2014 nós fomos vice-campeões. Mantivemos na primeira divisão e agora culminou aí nesses dois títulos né, nos dois títulos mais importantes para o futebol capixaba, que é o Capixabão e a Copa Espírito Santo 2017. (RUBENS PINHEIRO, 27/10/2017).

A conquista dos dois títulos foi divulgada na imprensa capixaba, como já mencionei, e o técnico Zé Humberto recebeu grande destaque nessas publicações, sendo citado como um dos principais responsáveis pelas conquistas. Antes de falar do atual técnico, Rubinho faz questão de enfatizar que assim como no futebol brasileiro, no futebol capixaba o treinador também “vive de vitórias” e cita rapidamente a passagem do primeiro técnico, o Paulo Henrique, que teve um importante papel na vida do jogador Gaúcho, como veremos posteriormente.

Bom, como é de praxe, infelizmente ou felizmente, não sei, no futebol brasileiro ou mundial, o treinador vive de vitórias, como o clube também vive de vitórias e conquistas né, é... No passar dos anos nós tivemos aqui, o primeiro foi Paulo Henrique né, depois teve uma baixa de rendimento, né, a gente usa números para ver rendimento, para ver se continua ou se troca, e começamos aí a troca de treinadores, e aí ano passado, numa, numa conversa com o penúltimo treinador que saiu nós contratamos o Zé Humberto. (RUBENS PINHEIRO, 27/10/2017).

Rubinho destaca que a contratação foi realizada em agosto de 2016, com a competição em andamento e que o bom desempenho do técnico foi o que pesou na renovação de seu contrato. Afirma ele: “Fizemos a renovação pro ano todo de 2017. Então daí a felicidade ter o rendimento que ele tem hoje, que eu acho que é um dos melhores do Brasil, 71%, é uma marca expressiva, né. Um aproveitamento muito expressivo do futebol.” (RUBENS PINHEIRO, 27/10/2017). Até esta data (final de outubro) do trabalho de campo, a renovação ainda não era certa, pois o Clube estava esperando o “orçamento de 2018”, quando a Prefeitura Municipal de Itapemirim destinaria a verba ao clube para começar a contratar. As contratações começariam pela comissão técnica e depois pelos atletas.

Perguntei a Rubinho sobre os motivos que o levaram a escolher o Atlético Itapemirim, se tinha alguma ligação pessoal com o clube. A partir de tal questão, ele me falou um pouco mais sobre si e sobre a sua vida. Rubinho relatou que é de Campos dos Goytacazes, município do interior do estado do Rio de Janeiro e que mora no município de Itapemirim há 16 anos, e explica que “viveu toda a vida” no futebol. Foi jogador, treinador e gestor de futebol e que não tinha uma ligação especial com o Atlético em si, mas com o “preto branco”.

Eu tenho uma ligação muito forte com o preto e branco, né? Eu já joguei nas bases do Vasco, do Botafogo, já joguei no Americano, joguei nos três clubes capixabas, que foi o Comercial de Alegre, o Atlético de Jerônimo Monteiro, né e o Botafogo de Afonso Cláudio que também é preto e branco, né? Então é quase que a minha ligação com a cor preta e branca é muito grande. (RUBENS PINHEIRO, 27/10/2017).

Quando se mudou para Itapemirim, Rubinho conta que montou uma empresa no município e aí conheceu o Atlético e se questionou: “Por que não? Por que não tornar se o Atlético profissional?”.

Aqui eu vi uma possibilidade, sim de tornar um time profissional, ainda mais quando veio o apoio da Prefeitura né, ficou mais fácil, ficou viável, não fácil, porque nunca é fácil, mas ficou viável pra gente conseguir realizar os nossos sonhos né. Realizar um sonho de uma população é uma felicidade muito grande. (RUBENS PINHEIRO, 27/10/2017).

Para finalizar a nossa conversa pergunto a Rubinho, qual seria, em sua análise a maior dificuldade encontrada no futebol capixaba. Sem titubear, o Presidente fala que é o apoio financeiro, que é muito difícil encontrar patrocinadores dispostos a investir no futebol capixaba.

É o apoio financeiro, né. É muito difícil você encontrar aqui patrocinadores que invistam, hoje a gente nem fala de patrocinadores né, a gente fala de investidores, não sei o por que. Acho que existe uma recessão no país inteiro, a economia está em baixa, em queda, mas existe uma resistência muito grande de empresários, não sei por que aqui é muito maior do que em outros estados. Pelo menos no Rio, a gente, lá tem mais facilidade de investidores. Não era pra ser, pois nós estamos numa região sudeste, fazendo parte também, rodeado aí por Minas, São Paulo, Rio de Janeiro,

tem grandes clubes de futebol e acho que está na hora do Espírito Santo assim, dos empresários dar uma credibilidade maior pro futebol. (RUBENS PINHEIRO, 27/10/2017).

Rubinho ainda ressalta que está ciente que parte da desconfiança muitas vezes surge do que ele chama de “problemas de ordem financeira”, os investidores não sabem ao certo para quem e onde vai o dinheiro. Em sua análise é necessário então que haja um diálogo mais franco entre as partes, onde a transparência seja o foco. Enfatiza ainda que para 2018, procurará investidores para o Clube até mesmo fora do estado.

Nós sabemos que não só no futebol existe problemas né de ordens financeiras, de quem você vai entregar seu dinheiro, se vai ser bem empregado, mas acho que nada como uma boa conversa, um conhecimento, uma transparência na prestação de contas e você procurar sempre crescer, para você também dar um retorno para o seu parceiro, né, então acho que falta sentar mais, ter um diálogo franco, é, colocar projetos. (RUBENS PINHEIRO, 27/10/2017).

Podemos observar que os números aparecem várias vezes na fala do Presidente Rubens. Seja para falar da renovação do Técnico ou da necessidade do apoio financeiro. Por mais que eu tenha ouvido inúmeras vezes que ele investe dinheiro do próprio bolso para dar conta de manter o Clube, ele não falou nada a respeito sobre isso. Sabemos que existe uma relação entre ele e o clube que vai muito além dos limites profissionais. Existe uma ligação com o futebol, com o “preto e branco” que o desafiou a colocar um time amador do sul do Espírito Santo na primeira divisão do futebol capixaba.

3.3 - O VOLANTE GAÚCHO: UM ATLETA PROFISSIONAL PARA REFORÇAR O ATLÉTICO

Eu acho que quando você joga com amor, é claro que todo mundo tem problema né... Mas eu acho que quando você entra ali dentro e joga com amor, eu acho que as coisas tendem muito a dar certo... E foi o que aconteceu esse ano... O sucesso todo do Atlético foi isso, a galera abraçou a causa mesmo, a gente, todo mundo remou na

mesma direção e conseguimos o tão sonhado título capixaba, título da Copa Espírito Santo e hoje o Atlético é uma realidade no Espírito Santo. (GAÚCHO, 27/10/2017).

3.3.1 – Relatos de vida e percurso profissional de um atleta

Geminiano, nascido no dia 21 de junho de 1984, Gilvane Severo de Matos, mais conhecido como Gaúcho, foi o atleta que escolhi para contribuir com este trabalho. Grande ídolo do Galo de Itapemirim e sendo o jogador com mais tempo de atuação pelo clube, Gaúcho possui uma vasta experiência que vai muito além dos gramados. Quando Gaúcho chegou para a nossa entrevista, eu estava finalizando a conversa com o Presidente Rubens, que fez questão de cobri-lo de elogios. “É o mais antigo do Clube, é o que tem mais jogos, você pegou o cara certo!”. Muito sorridente e simpático e com o agradável sotaque do sul, nossa conversa transcorreu de forma leve e tranquila. Conversamos sobre a sua trajetória de jogador profissional, sobre seus sonhos e perspectivas sobre o futebol local.

Filho de Gilberto Afonso e Mara Rubia, Gaúcho nasceu na cidade de Rosário do Sul, no Rio Grande do Sul, mas se mudou para cidade de Pelotas quando tinha apenas 8 anos, um período que ficou marcado também pela separação de seus pais. Gaúcho demonstra ter uma relação muito próxima de sua mãe e irmã. Em sua fala podemos sentir muito amor e admiração pelas duas. Gaúcho relata que saiu de casa aos dezessete anos em busca do seu grande sonho, que era se tornar jogador de futebol e que o apoio e incentivo da sua mãe e irmã foram fundamentais para que ele continuasse a sua carreira:

Vejo ela uma vez, duas vezes por ano, infelizmente, porque isso é ossos do ofício, não tem jeito, você tem que abrir mão de algumas coisas, mas ela é uma pessoa maravilhosa, assim, com todas as dificuldades que a gente teve na nossa vida ela sempre foi uma pessoa que sempre me apoiou, tanto ela, como minha irmã. Eu tenho uma irmã também, que é mais velha, sempre estiveram do meu lado, sempre assim me deram força, apesar das vezes a gente querer desistir do nosso sonho, abrir mão de tudo e voltar pra perto de quem realmente a gente ama. Mas elas sempre estiveram do meu lado, sempre me motivaram para que eu continuasse até hoje. (GAÚCHO, 27/10/2017).

Gaúcho me conta que seu pai foi jogador de futebol de salão da sua cidade, e que possui vagas lembranças dele por causa da separação de seus pais que ocorreu como já disse quando ele tinha apenas oito anos.

Eu não tenho muita coisa pra falar dele, até porque eu era muito pequeno naquela época, mas assim, tenho vagas lembranças dele, ele sempre foi um cara que gostou de esportes, que sempre jogou, meu pai foi. Foi da seleção lá da minha cidade, de futebol de salão. Sempre jogou, sempre teve envolvido nessa situação de esporte. (GAÚCHO, 27/10/2017).

É interessante, que apesar de seu pai estar envolvido com esportes, ao relembrar seus primeiros contatos com o futebol, é a imagem da sua escola que lhe vem à mente. Gaúcho lembra que desde a quarta série, começou a se imaginar como um jogador de futebol.

Isso já vem de anos, acho que desde a época do colégio assim, do quarto período, da quarta série, que eu sempre gostei, assim, eu nunca me imaginei fazendo outra coisa a não ser jogar futebol. Entendeu? E eu sempre tive esse sonho assim, sempre tive essa coisa de querer jogar, de querer né mostrar meu trabalho um pouco para as pessoas assim que a gente né ama e tal... E tô ai até hoje, eu tô com 33 e pretendo pelo menos jogar mais uns dois ou três anos aí... (GAÚCHO, 27/10/2017).

Quando perguntei para o Gaúcho qual o seu time de coração ele me revelou que tinha dois, O Brasil de Pelotas e o Grêmio de Porto Alegre, e que por jogar a seis anos no Atlético de Itapemirim, O Galo da Vila também agora morava em seu coração.

Gaúcho conta que começou a jogar em um projeto chamado Progresso Futebol Clube e o primeiro time que atuou como profissional foi o Farroupilha, na cidade de Pelotas em 1999. Ainda no sul do país jogou pelo Internacional quando tinha 19 anos e depois seguiu para o Ulbra e depois para o Juventude. Depois se mudou para o Rio de Janeiro, onde morou por treze anos e atuou em alguns clubes cariocas. Em 2005 ingressou no América e foi vice-campeão com o Clube em 2006, disputando a final contra o Botafogo, um momento muito especial de sua carreira, como veremos adiante. Em 2008 jogou no Quissamã e em 2011 no Serra Macaense.

Enquanto jogava no América ele conheceu dois treinadores, o Paulo Henrique e seu filho. Depois que saiu do América, o Paulo Henrique que estava realizando um trabalho com o Quissamã o convidou para ingressar na equipe. Gaúcho ressalta que o Paulo Henrique realizou um grande trabalho com o Quissamã, retirando o clube da terceira divisão e o levando para primeira divisão. Essa trajetória vitoriosa com o Quissamã fez com que em 2010 o Presidente Rubens realizasse o convite para trabalharem no Atlético de Itapemirim. Paulo Henrique não só aceitou o convite como trouxe consigo alguns jogadores, entre eles o Gaúcho.

E aí surgiu essa oportunidade, o Presidente Rubens fez o convite né... É... Deles estarem vindo para cá fazer esse trabalho... E imediatamente eles aceitaram... E aí como eles já tinham uma base de time, de jogadores de confiança, eu acabei vindo... Isso foi no ano de 2010... O Atlético ainda não era profissional... Nós jogaríamos o campeonato Sulino... Nesse mesmo ano de 2010, a gente veio pra cá e conseguiu ser campeão (da Copa Sul do Espírito Santo). (GAÚCHO, 27/10/2017).

Gaúcho ressalta que após a conquista do campeonato sulino (ainda como time amador) todos retornaram para o Quissamã, mas que ele, optou por voltar ao Atlético em 2011, mesmo com o futuro incerto, pois havia prometido ao Presidente Rubens que se caso fossem campeões ele continuaria no Galo da Vila.

Aí voltamos todo mundo para Quissamã, só que eu tinha falado para o presidente Rubens, que se o Atlético fosse campeão, no ano de 2010, campeonato sulino, ele tinha o sonho de profissionalizar o Atlético em 2011, e eu falei pra ele: “Se nós formos campeões em 2010, eu te dou a minha palavra que em 2011 eu volto”. Mesmo tendo apalavrado, mesmo tendo um pré contrato assinado com o Quissamã eu dei minha palavra pra ele assim foi feito. (GAÚCHO, 27/10/2017).

Gaúcho retornou em 2011 ao Atlético, mas como já foi mencionado anteriormente devido aos recursos escassos as atividades foram suspensas por um período, e então depois do campeonato, Gaúcho acabou voltando para o Rio de Janeiro. Em 2014, o Presidente Rubens convidou novamente o Paulo Henrique para ser o treinador da equipe e ele mais uma vez trouxe os seus jogadores: “O Paulo Henrique trouxe os jogadores dele de confiança né, no

qual eu fui incluído e a gente veio e teve o sucesso né, de poder subir para a primeira divisão no ano de 2014.” (Gaúcho, 27/10/2017).

Perguntei ao Gaúcho também se havia algum jogador que lhe inspirou no início de sua carreira. Ele me explicou que, nunca foi fã de algum jogador específico e depois de muito refletir se lembrou de Romário “Mas eu não tenho assim um ídolo, assim eu acho que quem eu me lembro vagamente assim também era o Romário em 94, que era assim... O Baixinho era sinistro... ”. (Gaúcho, 27/10/2017). Gaúcho ressalta que a sua maior inspiração é ele mesmo e que por isso sempre procurou se cuidar, evitando as famosas baladas e coisas do tipo, pois sempre procurou se inspirar nele mesmo e acredita que é por isso que ainda hoje, com trinta e três anos é que está jogando futebol. “Mas assim, eu nunca me inspirei em ninguém não... Sempre procurei eu mesmo me inspirar em mim mesmo...” (Gaúcho, 27/10/2017).

Em seu processo de profissionalização, a interação do Atlético com as experiências desenvolvidas no Rio de Janeiro ficam evidentes. Apesar de ser do estado do Rio Grande do Sul, a interação de Gaúcho em clubes em um dos estados vizinhos ao Espírito Santo nos dados de sua entrevista é notória, pois Gaúcho, em suas últimas experiências com o futebol, se deram no estado do Rio de Janeiro. O próprio técnico Paulo Henrique tinha os clubes do referido estado (América e Quissamã) como suas últimas experiências bem sucedidas no futebol. E tanto o técnico, quanto seus atletas, foram convidados a replicarem seus saberes futebolísticos no Atlético de Itapemirim.

3.3.2 - Momentos de crises e vitórias

Gaúcho conta que o período de maior dificuldade que enfrentou em sua carreira foi em 2015. Ele não entra em detalhes do que realmente ocasionou a crise, mas relata que “nada dava certo” no Atlético e que chegou até mesmo a repensar a sua carreira.

Em 2015 a gente viveu um momento muito conturbado aqui dentro do Clube entendeu? É... Nada dava certo... As coisas não caminhavam... Não fluíam, entendeu? Eu acho que em 2015 foi o momento mais difícil que eu vivi aqui no Clube... Que você até repensa, né, na sua carreira... Em 2015 eu ‘tava’ com 31, já não era mais um, já não era mais menino né... E aí é... a gente vivia um momento

difícil aqui, vivia um momento delicado, entendeu? Acho que em 2015 foi algo que me marcou também em relação à parte negativa, que a gente não ‘tava’, não vivia um bom momento dentro do clube... (GAÚCHO, 27/10/2017).

É interessante observar, que em vários momentos da entrevista Gaúcho enfatiza a sua idade. Seja para falar do seu bom desempenho físico, dos planos do futuro e até mesmo de uma relação bem particular que ele vivencia com os colegas de time. A partir de suas experiências no futebol, Gaúcho relata que ele percebe que os colegas se espelham nele e que ele, por ser o mais velho e experiente, se sente na obrigação de dar o exemplo.

Ah.. Na realidade... (risos). Todo mundo assim... É uma relação de respeito, até porque eu sou o mais velho... Todo mundo me chama de “Presidente”, de não sei o que... Fica me zoando né? Mas eu procuro... Apesar de ser o mais velho, eu assim, eu procuro ser o... Como é que eu vou te falar? Como é que é a palavra certa? É ... Não é que seja um espelho... Mas eu tenho que dar... Eu tenho que dar exemplo... Eu tenho que ser o exemplo... Por eu ser o mais velho eu tenho que ser o exemplo... De tudo... Os caras tem que chegar assim... Mesmo se eu tiver jogando ou não tiver jogando... Varia... O atleta está bem, às vezes não está... Mas eu tenho que ser o exemplo... A pessoa que chegar aqui hoje dentro do Clube tem que olhar pra mim e falar assim: “O cara é o mais velho, mas ele é o exemplo... Ele é o primeiro a chegar no treino, ele é o último a sair... Ele se cuida... Ele... entendeu?” Meu perfil dentro do Clube é esse... (GAÚCHO, 27/10/2017).

Quis saber ainda do volante qual teria sido o momento mais marcante da sua carreira como jogador. Gaúcho me conta então que são três momentos que o marcaram muito. Em 2006, quando ele foi vice-campeão carioca com o América, em 2014 quando o Atlético de Itapemirim conseguiu subir para a primeira divisão do futebol capixaba e em 2017 com conquista do Capixabão e da Copa Espírito Santo.

Ah... Eu tava ainda até comentando com uns amigos meu ontem... Em relação sobre isso... eu acho que foi aqui dentro do clube... Não... Na realidade foram três momentos... Que eu fui vice-campeão carioca, claro que marca, é um negócio que marca a... No ano a gente até perdeu para o Botafogo... Mas eu acho que o acesso em 2014 foi... O acesso de 2014 foi... E esse ano a gente ter sido campeão capixaba foi coisa assim surreal... Sabe? Porque... Né... Não sei... O Atlético é clube novo no

estado, o Atlético se profissionalizou em 2014, em 2017 o Atlético foi campeão da primeira divisão do campeonato capixaba de forma invicta, e no mesmo ano agora, há 15 dias atrás a gente estava sendo campeão da Copa Espírito Santo, coisa que isso não acontece no estado há, se você for puxar, até porque eu não me recordo, mas faz tempo que isso não acontece... Né... (GAÚCHO, 27/10/2017).

Gaúcho ressalta também o seu papel nas conquistas inéditas do Clube, enfatizando que assim como o Atlético faz parte da sua história, ele faz parte da história do clube.

Então eu acho que assim... Foram coisas que me marcaram... E eu né, eu 'tô' aqui desde o início, eu tenho a minha história dentro Clube já. Eu subi o Time, a gente foi campeão capixaba, a gente foi campeão da Copa Espírito Santo, entendeu? Foi dois momentos dentro do Clube que me marcou muito, foi o nosso acesso e foi ter sido campeão capixaba esse ano. (GAÚCHO, 27/10/2017).

Observamos que Gaúcho ressalta que “faz parte da história do clube”, assim como o “clube faz parte da sua história”. Em seus relatos, essa conexão se torna clara em vários momentos. Quando o volante relata que chegou a pensar em desistir da carreira em 2015, acaba coincidindo com um período conturbado no clube. Apesar de ser o ano de estreia do Atlético na Série A do Campeonato Capixaba, o clube enfrentou problemas fora dos gramados, e os atletas sofreram com os salários atrasados. Foi noticiado inclusive que alguns jogadores procuraram o Ministério do Trabalho em busca de solução para esse problema, fato que o Presidente Rubens alegou desconhecer, por isso não entrarei nesses detalhes. As conquistas pessoais de Gaúcho também estão relacionadas com as vitórias do clube. Gaúcho se questiona há quanto tempo um clube não vence as duas competições, e a resposta para essa pergunta exalta ainda mais o feito do Galo da Vila: O Atlético Itapemirim foi o primeiro clube a vencer os dois campeonatos no mesmo ano. Uma conquista que entrou para a história do clube e para a história do futebol do Espírito Santo. A conquista chama ainda mais atenção, pois assim como observou Gaúcho, o clube se tornou profissional há pouco tempo e desde que estreou nessa nova fase vem conseguindo bons resultados.

3.3.3 - Sonhos e Perspectivas

Conversei ainda com o Gaúcho sobre os seus sonhos, seus projetos e perspectivas para o futuro. Gaúcho destaca que tem muitos sonhos, e que um deles foi realizado em 2017, que seria a conquista das competições capixabas que permitirão que o Galo da Vila dispute a Série D e também a Copa Verde.

Um dos sonhos foi né, eu já realizei esse ano que foi ser campeão né e colocar o Atlético no cenário nacional... Por que eu acho que... Assim... Nem o torcedor mais otimista achou que o Atlético ia ter essa ascensão assim em pouco tempo... Claro que né... Daqui há dez anos... Por exemplo... Todo mundo sonha... Mas eu acho que isso ainda... tem muita gente que não assimilou isso ainda do Atlético estar nessa ascensão em pouco tempo... (GAÚCHO, 27/10/2017).

Lembrando mais uma vez da sua idade, Gaúcho destaca que pretende continuar jogando e aos risos me explica “quero jogar ano que vem, porque pô... ano que vem que vai ser o ano bom. Eu roí o osso e agora na hora do filé mingnon eu vou ficar fora?” (Gaúcho, 27/10/2017) e que futuramente pretende realizar algum curso na área de gestão de futebol, para atuar nessa área, pois ele acredita que não se encaixa no perfil de treinador. Quando questionei o por que, ele me respondeu:

Eu não pretendo ser treinador, porque eu acho que eu não tenho perfil de ser treinador. Eu acho que eu tenho um perfil mais de ser um coordenador de organizar. (...) Não que eu assim... futuramente, de repente... Não possa ser... Mas hoje, hoje, eu não pretendo ser assim treinador... Queria pegar mais a parte de coordenação. (GAÚCHO, 27/10/2017).

Nesse momento, pergunto ao Gaúcho, se o interesse dele é continuar atuando nessa área de gestão no Atlético, já que a sua família é do Sul, e ele me responde que sim, pois acredita que a sua experiência como jogador poderá contribuir ainda mais com o clube.

Bom, a minha intenção é essa... De poder dar sequência aqui... Realizar o curso e ir até... Porque eu tenho assim né, a gente tem esse laço de amizade, eu e o Presidente, a gente ... Ele é o Presidente e eu sou o atleta... Mas fora, extracampo, a gente tem uma amizade de conversar, entendeu? E... Assim... Eu acho que... Provavelmente depois que eu parar, com certeza ele deve querer me manter no Clube para poder fazer alguma coisa, para poder estar ajudando da melhor maneira possível... e até estar passando um pouco dessa minha experiência, de tudo que eu vivi aqui dentro do Clube... Porque eu acho que o jogador quando chega, ele tem que procurar saber um pouco do Clube também... Entendeu? Ele tem que chegar, “Pô, como é que o Atlético chegou a esse patamar?” “Pô quem é que ‘tava’ lá?” “Por que que fizeram isso?” Entendeu? E eu acho que assim... Como eu te falei, aí eu me encaixo um pouco nesse perfil, de uma supervisão, de uma gerência, entendeu? (GAÚCHO, 27/10/2017).

3.3.4 - Futebol no Espírito Santo

Para finalizar a entrevista, pergunto ao volante quais são as suas percepções sobre o futebol capixaba. Gaúcho pontua que em sua análise as principais dificuldades enfrentadas pelo futebol local giram em torno da falta de visibilidade dada pela mídia “A mídia brasileira precisava também olhar mais para o Espírito Santo... Porque aqui tem grandes clubes, tem bons jogadores, entendeu? Só que né... a gente, hoje, o Espírito Santo precisava ter um time numa série C do Brasileiro, entendeu?” (Gaúcho, 27/10/2017) e do apoio financeiro:

99% é apoio financeiro... Porque hoje você não consegue... Não consegue fazer futebol sem dinheiro, e se você não tiver o dinheiro, infelizmente, né, você não consegue conquistar algumas coisas... Assim, até o próprio Atlético, aqui, a gente vê o Presidente Rubens aí, pô ele é um cara excepcional. (GAÚCHO, 27/10/2017).

É importante destacar que Gaúcho faz questão de enaltecer o apoio recebido pela Prefeitura:

É difícil a gente não consegue, não consegue fazer o futebol sem dinheiro... Né... Ninguém aqui dentro do estado, creio eu, ganha absurdos de dinheiro, ninguém ganha absurdos de dinheiro, nós aqui hoje ganhamos dinheiro para poder sobreviver, eu vou ser sincero, nós ganhamos dinheiro pra sobreviver, não pra ter luxos, pra

sobreviver, quem tem a sua família ajuda sua família, quem tem seu filho tenta dar o melhor pro seu filho, entendeu né? E eu acho que é isso a gente precisa mais que essas pessoas assim, os empresários que a gestão pública de cada cidade se pudesse dar uma contribuição para um time da sua cidade para que o futebol do Espírito Santo evolua né... Pra que possa amanhã ou daqui um ano depois a gente possa levar o estado do Espírito Santo a uma série C do Brasileiro, ou até uma série B. Mas só que infelizmente sem dinheiro não funciona. (GAÚCHO, 27/10/2017).

E em um relato emocionado, Gaúcho relata que o time foi campeão por amor nesse ano e destacando toda a equipe e mais uma vez o trabalho do técnico Zé Humberto:

Esse ano... Esse ano 100% de certeza nós fomos campeões pelo amor... 100% de certeza... Olha o que eu tô falando... Pelo amor... Pra quem sabe ler um pingão é uma letra... Tanto no Campeonato Capixaba quanto na Copa Espírito Santo... O pessoal que veio esse ano, assim isso porque o nosso treinador é fora série... O Zé Humberto, ele conseguiu montar um grupo de pessoa de caráter, assim não que as pessoas que estiveram aqui nos anos anteriores não tenham tido caráter... mas é... esse pessoal que veio agora abraçou a causa... “meu irmão, vamo?” “vamo!” “Ah, tem?” “Não tem... mas vamo assim mesmo” Entendeu? E aí tá aí... Sucesso... Eu acho que quando você joga com amor, é claro que todo mundo tem problema né... Mas eu acho que quando você entra ali dentro e joga com amor, eu acho que as coisas tendem muito a dar certo... E foi o que aconteceu esse ano... O sucesso todo do Atlético foi isso, a galera abraçou a causa mesmo, a gente, todo mundo remou na mesma direção e conseguimos o tão sonhado título capixaba, título da Copa Espírito Santo e hoje o Atlético é uma realidade no Espírito Santo. A gente ano que vem tem quatro competições... É... Estadual, Copa do Brasil, Série D e Copa Verde... (GAÚCHO, 27/10/2017).

Provavelmente a afirmação “jogar com amor” resume uma visão acerca do futebol que vai além da dimensão do profissionalismo e remuneração dos atletas. Porque, mesmo estando com os vencimentos atrasados, o entrevistado entende que “jogar com amor” e “abraçar a causa” significa que “se tem” eles jogam, e “se não tem” eles vão e jogam assim mesmo. Questiono então quais são as perspectivas para 2018, um ano como ele mesmo vem destacando, repleto de competições e novas oportunidades de ascensão. Gaúcho demonstra otimismo, e muita confiança no técnico Zé Humberto para alcançar os novos objetivos. (É importante lembrar, que quando conversamos a contratação do técnico ainda era incerta).

Olha assim... A gente pretende chegar o mais longe, a gente sabe que não é fácil, que não é fácil como nós pensamos grande, tem muito time que pensa grande também... Mas a gente é... Assim... O professor Zé Humberto é um cara excepcional, ele assim, acho que foi uma das melhores coisas que me aconteceu na vida foi ter conhecido esse cara... E ele é um cara assim, fora de série... E eu acho que ele vai vir, vai montar um grupo forte de novo... Vai... Vai... Nós vamos chegar longe... Eu não digo que nós vamos ser campeões, mas que nós vamos dar trabalho... Nós vamos! (GAÚCHO, 27/10/2017).

Como já foi analisado, o técnico Zé Humberto conseguiu renovar o seu contrato e até o fim da escrita dessa dissertação o clube vem vivenciando as suas primeiras experiências na Copa Verde e na Copa do Brasil. Se “darão trabalho” aos adversários, ainda é muito cedo para dizer, o que podemos afirmar é que o clube encantou em 2017 e que a trajetória do Atlético Itapemirim nos fazem refletir também sobre o futebol capixaba.

O Galo da Vila nasceu na década de 60, que segundo a análise de Toledo (2000) corresponderia ao segundo momento da profissionalização do futebol brasileiro. Um momento marcado pela regulamentação das diretrizes do esporte nacional com a criação do CND, o Conselho Nacional de Desportos. Mas diferentemente do que ocorreu com outros clubes brasileiros, o Atlético Itapemirim conseguiu se tornar profissional apenas em 2014 e dessa maneira ficou de fora do desenvolvimento e das mudanças ocorridas durante a década de 90, que para Toledo seria o terceiro período da profissionalização do futebol em nosso país, que substituiu a centralização burocratizada, típica do segundo período, e ampliou os processos de profissionalização e gerenciamento dos clubes que passaram a contar com o investimento de empresas privadas.

Se atualmente, como destacou Toledo (2000), os clubes contam com o incentivo dos sócio-torcedores, o Galo da Vila e os clubes capixabas ainda promovem campanhas para que seus torcedores compareçam aos estádios. Mesmo com o baixo valor dos ingressos, ainda é pequena a participação dos capixabas nas partidas de futebol, como mencionei na introdução deste trabalho. E isso se dá devido ao desinteresse do capixaba pelos clubes do estado. Assim como observamos nas entrevistas, a escolha do time de coração se deu através da rede familiar dos entrevistados, como a pesquisa de Damo (2005) demonstrou, a fidelidade clubística nasce com a família. Se a cultura do pertencimento ao clube é passado de pai/ mãe para filho, conseqüentemente a torcida do público capixaba poderá ser majoritariamente para

os clubes cariocas e, se isso ocorrer, o desinteresse pelos clubes do Espírito Santo poderá continuar sendo um problema para aqueles que buscam atrair tanto os torcedores para os estádios quanto novos investidores.

3.4 - A FORMAÇÃO DOS ATLETAS DE BASE

Acompanhei também em uma visita o treino dos atletas das categorias de base, sub 15 e sub 17, do Atlético de Itapemirim e conversei com dois atletas do sub 17. O projeto com as categorias de base é recente no Galo da Vila assim como a sua profissionalização, mas já vem apresentando resultados. Segundo Will, cerca de vinte atletas já foram “aproveitados” no time principal. O zagueiro Lázio é um bom exemplo dessa conexão, além de ter tido boas atuações com o elenco principal do Galo da Vila, hoje ele se encontra emprestado ao Joinville.

Quem me levou ao campo onde estava acontecendo o treino foi o Will, que me explicou que o campo não era do Clube e sim da Prefeitura, que disponibilizava o local para o Atlético realizar suas atividades esportivas.

Os treinos aconteciam de forma conjunta, os meninos podiam ser distinguidos apenas pelas cores das camisas. Havia dois técnicos também. Que por sinal não vieram falar comigo e seguiram o treino normalmente. Ficamos acompanhando por cerca de duas horas no local e nesse dia o que eu vi foram meninos jogando bola, sem nenhum treinamento específico, ou exercício. Talvez os técnicos estivessem “escondendo o jogo”, pois afinal, os meninos do sub 15 foram campeões de forma invicta e os meninos do sub 17 ficaram com o vice campeonato da sua categoria.... O que me leva a crer que existe sim um treinamento mais rígido, jogadas que são planejadas e coisas do tipo.

Conversei com os jogadores em dois intervalos, e busquei nas entrevistas trazer as suas primeiras lembranças com o futebol, suas experiências como jovens atletas e suas percepções sobre o futebol capixaba. Como se tratava de adolescentes e como estavam eufóricos por conta do treino procurei realizar as perguntas aos poucos, como uma conversa bem informal mesmo. Observei ainda que aconteceu certo alvoroço por parte de alguns meninos que brincaram “Olha só vai dar entrevista” e coisas do tipo. Conversei com o volante Jailton e com o atacante Joaquim, ambos naturais do município de Itapemirim.

Jailton

É uma paixão pra mim né... Se eu não chegar a ser jogador eu vou ficar muito triste... É um sonho meu ser jogador... Tipo assim... Eu não jogo para ganhar dinheiro... Eu jogo porque eu gosto mesmo... (10/11/2017).

Jailton nasceu no dia 11 de junho de 2000, filho de Jailda e Marquinhos, um político da região. Influenciado pelo pai e pelo irmão mais velho, Jailton conta que começou aos poucos a se interessar pelo futebol e faz questão de enfatizar que “Foi com oito anos na praia... Eu não nasci sabendo não... Eu fui aprendendo... Aos poucos... Foi muito bom...”. O volante relata que ao assistir o seu irmão mais velho jogando futebol na praia, começou também a se interessar pelo esporte e que ser jogador de futebol se tornou o seu sonho a partir daquele momento. Começou jogando na praia, assim como o seu irmão, e depois foi selecionado por Paulino.

É... Comecei jogando na praia... É Paulino... O projeto de esportes... Aí ele selecionava os melhores assim... E mandava alguns pra Vila... Aí eu comecei a gostar da Vila... Meu pai começou a me levar e eu fiquei até hoje... (JAILTON, 10/11/2017).

Perguntei depois para Will, se Paulino seria uma espécie de “olheiro”, e ele me explicou que Paulino é funcionário da Prefeitura, e que eles têm um projeto que trabalham com crianças do sub 11 a sub 13, segundo Will “Vai quem gosta de jogar, a partir daí que vai vendo quem se destaca e vai seguindo nas categorias seguintes”.

Jailton me conta que o seu maior sonho é ser um jogador de “um time grande”, ele diz empolgado “Ah... Meu maior sonho é jogar num time bom... Num time grande...”. Pergunto então ao volante o que seria esse “time grande”. Aí questiono o que seria esse “time grande”. Ele então me responde: “Ah... Tipo um Flamengo...” Fica pensativo e depois complementa “Ou até... Nó... Se eu chegar num profissional da Vila, já tá bom pra mim... Eu quero é ser jogador...” (Jailton, 10/11/2017).

Apesar de declarar que tem plena certeza que deseja se tornar jogador de futebol, com suas frases tão soltas quanto seus pensamentos, Jailton me revela que tem pensando muito sobre a sua vida.

A idade vai indo assim... Você fica pensando né... Fazer 16 anos assim... Aí 17... Aí sub 20... aí já vai estourando... Aí será que é isso mesmo... Faculdade... aí eu tentei... Aí eu ‘tô’ tentando até agora...” (JAILTON, 10/11/2017).

Quando ele diz “tentando” se refere a se tornar um jogador profissional, e como ele mencionou a faculdade, pergunto se ele se interessa por alguma área, se pretende prestar vestibular, ele então me afirma que sim, que pretende prestar vestibular para Educação Física.

Pergunto ainda qual o momento mais marcante que já vivenciou em sua carreira e ele me explica que foi em uma partida em que ele foi expulso e o time precisava da vitória para conseguir se classificar:

Foi quando... Foi quando a gente... Tipo umas finais para a gente classificar... que a gente precisava da vitória... aí ‘tava’ 1 a 1 ... Eu fui expulso... Aí no final... No último momento do jogo foi pênalti para gente... A gente fez o gol e classificou... (JAILTON, 10/11/2017).

É interessante que o volante destacou um momento que foi importante não apenas para ele, mas sim para o grupo. Jailton ainda relata que seu grande ídolo é o Zico. Diferenciando se da maioria dos garotos que têm como ídolos, Neymar, Cristiano Ronaldo ou Messi, Jailton tem como inspiração um dos maiores jogadores da história do nosso futebol. O volante explica que conheceu o Galinho através do seu pai, que lhe contou muitas histórias sobre o jogador e que depois começou a procurar por vídeos do jogador na internet. “Meu pai assistia muitos jogos dele... Aí eu comecei a ver na internet... E gostei muito dele...” (Jailton, 10/11/2017).

Sobre o futebol no Espírito Santo, Jailton tece poucas palavras “Eu acho que tá crescendo muito... Antes não era assim... Agora tá crescendo o profissional... Foi campeão duas vezes seguidas.” Pergunto se ele se refere ao Atlético de Itapemirim, e ele me responde que sim, enfatizando que dos times daqui, o Galo da Vila é o único que ele gosta.

Joaquim

Ah... Uma paixão... Todos os jovens assim tem um amor pelo futebol... É amor o que todo mundo sente pelo futebol. É indescritível para todos os jovens ... (JOAQUIM, 10/11/2017).

Joaquim nasceu no dia 15 de fevereiro de 2000, filho de Ademilson e Débora, ambos funcionários da Prefeitura de Itapemirim. O atacante conta que sempre se interessou por futebol. Filho de pais vascaínos, em suas palavras “infelizmente, sofredores”, ele relata que ele e o irmão escolheram torcer para o Corinthians, pois começaram acompanhar o time “desde novinhos”. Joaquim conta que os primeiros contatos com a bola aconteceram quando ele tinha 10 anos:

Se eu não me engano, eu acho que tinha o que... 10 anos... Mas que eu comecei a jogar futebol foi no Armando Zanata... Nem existia Atlético ainda de base... Aí eu joguei no Armando Zanata, e depois fui pra Seleção Itapemirim, aí depois formou o Atlético...” (JOAQUIM, 10/11/2017).

O atacante destaca que decidiu ser jogador de futebol, desde que começou a praticar o esporte “Olha... Eu decidi assim que eu comecei a jogar futebol, que eu comecei a gostar, aí eu decidi que eu queria ser jogador...” (Joaquim, 10/11/2017). Joaquim ainda me conta que o primeiro jogo que assistiu pessoalmente foi do Atlético Itapemirim, quando ele tinha 13 anos, ressaltando que “Era Atlético Itapemirim contra Ipiranga, era Barra versus Vila ainda...” e que depois assistiu partidas do Flamengo e Botafogo.

Quando pergunto se ele tem algum jogador que lhe inspira, seus olhos brilham e ele diz sorridente sem titubear “Neymar”, e me explica que “Porque ele joga muito, é ousado, vai pra cima, faz gol!” (JOAQUIM, 10/11/2017).

O atacante também ressalta que está vivendo o momento mais importante da sua jovem carreira com a classificação do time para as quartas de finais

A gente tá classificando para as quartas de finais... E nunca nenhum sub 17 do Atlético conseguiu isso... E espero que a gente chegue na final e seja campeão né... Aí vai ser melhor ainda... (JOAQUIM,10/11/2017).

Assim como Jailton, Joaquim conta que já pensou muitas vezes se está no caminho certo, e que o momento mais difícil que enfrentou foi quando ainda jogando pelo Ipiranga perdeu o pênalti na final do campeonato.

Quando eu perdi o pênalti, meu psicológico me abalou... Quando eu perdi o pênalti eu não jogava pelo Atlético não... Eu jogava pelo Ipiranga, aí lá na Final no Cléber Andrade, meu psicológico me abalou... Eu falei que não ia querer mais ser jogador... Mas depois eu botei a cabeça no lugar... (JOAQUIM, 10/11/2017).

Perguntei o que havia feito ele reconsiderar e ele me respondeu “Todo mundo erra... Nós somos seres humanos ...” Questionei ainda se alguém o ajudou nesse momento de crise a chegar a essa conclusão e ele me respondeu que não, que “Foi eu mesmo...” Fez questão de deixar claro que sozinho decidiu que voltaria atrás e jogaria novamente.

Diferente de Jailton, Joaquim destaca que seu grande sonho não é ser jogador de futebol e sim engenheiro civil: “Na verdade, na verdade de tudo, meu sonho é ser engenheiro civil, porque eu sempre achei interessante... Uma profissão interessante... E também, eu gosto muito de matemática...” (Joaquim, 10/11/2017) e me revela que prestará vestibular mesmo estando jogando futebol.

Percebo que ele tem uma tatuagem com um desenho de uma mão segurando um terço e pergunto se tem algum significado especial. Ele diz que não, que nem ao menos é religioso que fez apenas porque sentia vontade “Eu fiz por impulso... Queria fazer uma tatuagem e fiz essa.” Para finalizar a entrevista pergunto também a Joaquim sobre as suas percepções sobre o futebol capixaba. O atacante observa que o futebol no Espírito Santo não tem muita visibilidade e acredita que alguns times vem se destacando e podem mudar isso.

Bem, não só como eu vejo, mas acho que todo mundo vê... Que o futebol no Espírito Santo não era muito visado... Agora graças há alguns times do Espírito Santo, como o Espírito Santo, Desportiva, o próprio Atlético de Itapemirim que o esporte no Espírito Santo está sendo mais visado o futebol. (JOAQUIM, 10/11/2017).

De todos os entrevistados, Joaquim é o mais otimista em relação ao futebol local. E ao falar sobre as dificuldades no futebol capixaba, Joaquim destaca dificuldades táticas e não de

estrutura como todos os outros envolvidos. Para o jovem atleta o futebol aqui seria “mais pegado” e os jogadores se esforçavam mais durante toda a partida “Eu acho que o futebol aqui é mais pegado do que fora do estado, em outros estados. Porque aqui os caras correm os 90 minutos certinho e nos outros jogos você pode ver que os caras só correm os 20 primeiros minutos dos tempos.” (Joaquim, 10/11/2017).

Atualmente o elenco do Galo da Vila conta com dois jogadores que vieram da base, e como relatou Will, cerca de vinte jogadores já fizeram esse mesmo percurso. Se pensarmos que o trabalho com a base se iniciou em 2014, esses números podem ser considerados positivos. Para Damo (2005) a formação/produção de jogadores brasileiros é dividida em três tipos. O primeiro tipo seria a formação endógena, que procura suprir as próprias demandas do clube. Uma estratégia econômica que barateia os custos com a composição do grupo principal de jogadores. O autor observa, que para tal produção é necessário que exista uma quantidade significativa de bons jogadores, para que se torne mais lucrativo investir em novos talentos do que em profissionais já consagrados. Essa formação pode ainda ser uma estratégia política, que de certa forma, visa atender as demandas dos torcedores e associados que desejam contar com atletas vinculados ao clube desde jovens.

O segundo tipo de formação é a exógena que forma atletas visando o mercado externo de “pé-de-obra”. Segundo Damo, seria uma lógica de formação em expansão no Brasil, nos países sul americanos e africanos. O autor ainda ressalta que, embora essa circulação de jogadores ocorra desde os anos 30, esse tipo de formação se consolidou no fim dos anos 80 e início dos anos 90.

Já o tipo de formação híbrida, segundo Damo, conciliaria a premissa vocacional e a mercadológica conforme a conveniência, nas palavras do autor: “os jogadores são produzidos para atender as demandas dos torcedores, mas se o mercado oportunizar são vendidos prontamente.” (DAMO, 2005, p.205). No atual momento, esse é o tipo de produção praticado pelo Galo da Vila.

Conforme relatou Will, o trabalho com a formação de atletas de base teve início em 2014 e, no final do ano 2017 e início de 2018, o elenco do Galo da Vila contava com dois jogadores que vieram da base, e cerca de vinte jogadores fizeram esse mesmo percurso. Deste modo, no momento da pesquisa, constatei que o Galo da Vila tem praticado um tipo de investimento na profissionalização de atletas de futebol que combina a formação de categorias de base, com a contratação de atletas de baixo custo oriundos de clubes de outros estados brasileiros. A “categoria de base” é constituída por jogadores chamados “pratas da casa” que se destacam

pelo seu talento futebolístico e que atraem o público pagante. Depois de preparados, esses chamados “jovens talentos” são vendidos para clubes maiores, na maioria das vezes de outros estados brasileiros, gerando, assim, lucro para o caixa do clube, o que permite o pagamento de uma parte, embora irrisória, dos salários dos atletas contratados e daqueles que permanecem no clube.

Na análise desse tipo de investimento, é possível estabelecer um diálogo com o que Damo (2005) chamou “tipo de formação híbrida”, que conciliaria a premissa vocacional e a mercadológica conforme a conveniência. Conforme escreve o autor, “os jogadores são produzidos para atender as demandas dos torcedores, mas se o mercado oportunizar são vendidos prontamente.” (DAMO, 2005, p. 205).

O projeto de profissionalização do Atlético Itapemirim surgiu com o Presidente Rubens Pinheiro que assumiu o cargo em 2010. Após tornar o clube profissional em 2011, realizando o que o presidente chamou de “experiência”, por falta de apoio financeiro as atividades esportivas foram suspensas e retomadas apenas três anos depois, em 2014. O retorno do Galo da Vila ao futebol profissional foi marcado pelo retorno de muitos profissionais que aturam no clube em 2011. Gaúcho, como vimos, relatou ter retornado ao clube devido a promessa que fez ao presidente Rubens Pinheiro. Podemos observar que o início da fase profissional do Galo da Vila é marcado pelas relações pessoais, já que o presidente conhecia o técnico que por sua vez levou para o Galo da Vila os atletas de sua confiança. Parcerias que deram certo, pois em 2015 o Atlético Itapemirim realizou sua estreia na Série A do Capixabão. Em 2016, com a contratação do técnico Zé Humberto o time que havia tido uma participação apagada no Campeonato Capixaba, conseguiu se reerguer e chegar até as semifinais da Copa Espírito Santo com vitórias convincentes. Em 2017 a conquista dos dois campeonatos causou certa repercussão na imprensa e o aumento do patrocínio da Prefeitura.

Se analisarmos seguindo a perspectiva de Toledo (2000) observamos que o Galo da Vila apesar de ter se tornado profissional em 2011, ficou de fora do processo de profissionalização ocorrido na década de 90, um momento do profissionalismo que foi marcado por ampliar os processos de profissionalização entre os jogadores e no gerenciamento dos clubes que puderam contar com o maior patrocínio das empresas privadas. Nesse período, segundo o autor, também surgiu uma nova modalidade de torcer, o sócio-torcedor, que transformou o simples torcedor em um consumidor esportivo. Como vimos, a Prefeitura é ainda a maior patrocinadora do Clube e o Galo da Vila, assim como outros clubes capixabas ainda luta para

trazer o torcedor capixaba aos estádios, essa nova modalidade de torcida no atual momento ainda é um sonho distante para o Atlético Itapemirim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar um clube capixaba é de certa forma um desafio, pois não é apenas nos estádios que o futebol capixaba é esquecido, o futebol local também é pouco pesquisado no meio acadêmico. Após escolher realizar pesquisa de campo junto ao Clube Atlético Itapemirim, o principal objetivo deste trabalho se tornou analisar a trajetória do Galo da Vila e seu processo de profissionalização no futebol.

Inicialmente apresentei o debate teórico sobre a construção do estilo brasileiro de futebol e a noção de “pertencimento clubístico” que lançou luz sobre a relação do torcedor capixaba com os clubes de outros estados. Em seguida apresentei o debate teórico sobre os processos de profissionalização que envolveram o futebol brasileiro. Apesar de o ano de 1933 representar o marco inicial para o fim do amadorismo, um período que foi marcado, sobretudo por distinções de classe e cor nos clubes brasileiros, é possível ainda identificar outros dois momentos do profissionalismo do futebol brasileiro. O segundo momento do profissionalismo se iniciou por volta da década de 40 e foi marcado pelas regulamentações centralizadoras do Estado Novo, que unificaram as diretrizes dos esportes com a criação do Conselho Nacional de Desportos (CND) e o terceiro momento se iniciou na década de 90 sendo marcado pelo aumento da ingerência de iniciativa privada em diferentes esferas e pelo aumento da receita do futebol. A análise de tais trabalhos permitiu compreender de que maneira o futebol ao passar dos anos foi sendo impulsionado em direção ao profissionalismo e levantou questões sobre a profissionalização do Atlético Itapemirim, pois apesar do clube ter sido fundado em 1965, o Galo da Vila só conseguiu se tornar profissional recentemente, em 2011.

O próximo passo foi refletir sobre a formação social e econômica do Espírito Santo com o objetivo de demonstrar que o processo de profissionalização recente presente no futebol capixaba não pode ser analisado como algo isolado, pois a industrialização no estado ocorreu tardiamente, na década de 60, um momento em que o futebol já se consolidava como esporte nacional após as duas conquistas mundiais. Desse modo, enquanto muitos clubes brasileiros se despontavam no cenário nacional e contavam com o patrocínio das grandes indústrias, o Espírito Santo ainda dava seus primeiros passos rumo a industrialização, diversificando a economia antes centrada na cultura cafeeira.

Para compreender um pouco mais sobre a formação social na história do município, apresentei a entrevista realizada com um professor e historiador local que destacou pontos da

sua pesquisa sobre a formação de Itapemirim, um município do sul capixaba que atualmente é uma cidade turística do estado.

Após traçar o percurso teórico e refletir sobre a formação social e econômica do estado e do município onde o clube foi fundado, descrevi a trajetória do Galo da Vila em sua fase profissional. O Atlético Itapemirim se tornou profissional em 2011, após a eleição do Presidente Rubens Pinheiro em 2010. Mas por falta de apoio financeiro o projeto do presidente e atletas do clube precisou esperar mais um pouco. Após se tornar profissional, o Galo da Vila teve suas atividades esportivas paralisadas, retornando apenas em 2014, após obter o patrocínio da Prefeitura de Itapemirim. Em seu retorno, conseguiu um resultado expressivo na Série B do Campeonato Capixaba e na Copa Espírito Santo, se consagrando vice-campeão nas duas competições. O resultado positivo no Capixabão lhe rendeu o acesso a série A em 2015.

No Capixabão de 2015, já na Série A, o Galo da Vila ficou em quinto lugar e tropeçou na Copa Espírito Santo encerrando a sua participação nas semifinais da competição. Em 2016 após amargar o sexto lugar na competição, houve a contratação de um novo técnico, que é visto pela imprensa e pelos profissionais do clube como o responsável pela melhora do time no mesmo ano, pois conseguiu vitórias expressivas e levou o time para mais uma semifinal na Copa Espírito Santo. Em 2017, a vitória sorriu para o Atlético Itapemirim e o clube venceu de forma invicta o Capixabão e bicou ainda o título da Copa Espírito Santo. Resultados expressivos para um clube que havia se tornado profissional há tão pouco tempo.

Mas mesmo com o bom desempenho, o Galo da Vila ainda enfrentou dificuldades para manter o patrocínio da Prefeitura e conseguir novos investidores e a contratação de atletas e até a renovação do técnico se tornou um suspense por alguns meses. Essa situação demonstra, assim como os entrevistados apontaram em seus relatos que a principal dificuldade enfrentada pelos clubes capixabas ainda é o apoio financeiro. Um problema que esbarra diretamente no pouco interesse dos capixabas pelo futebol local. Assim como demonstrou Arlei Sander Damo (2005) esse desinteresse pode ser explicado pela ausência de clubes capixabas em competições nacionais. Como vimos, o último clube que participou da Série A do Campeonato Brasileiro foi a Desportiva, em 1993. Sem um clube de expressão nacional, o capixaba que se mantivesse fiel apenas ao clube do estado não teria acesso a elite futebolística, como reflete Damo, e dessa maneira ficaria de fora de toda a emoção e vivência que os jogos de futebol propiciam a cada semana aos torcedores.

No último capítulo, o trabalho descreve e analisa os relatos do Presidente Rubens Pinheiro, do Supervisor Will, do Volante Gaúcho e de Jailton e Joaquim (dois jovens atletas que na época atuavam na categoria de base do clube). Os atletas e os membros da diretoria falaram sobre a sua vida, sua relação com o clube e sobre as suas percepções sobre o futebol capixaba. As entrevistas demonstraram primeiramente que a escolha pelo clube do coração e paixão pelo futebol foi um processo que se iniciou ainda na infância dos entrevistados e que as primeiras lembranças com o futebol estão ligadas a família e aos contatos que tiveram na escola ou no bairro onde cresceram. Cabe ressaltar que os entrevistados usaram várias vezes a palavra “amor” para enfatizar que o seu envolvimento com o futebol ia além dos compromissos de trabalho. O supervisor Will, por exemplo, relata que começou a trabalhar no clube atuando como voluntário, já o jogador Gaúcho ressaltou que mesmo com os salários atrasados, ele e os demais atletas seguiram em frente em busca de realizar o sonho de se tornarem campeões. Gaúcho e Will ainda fizeram questão de destacar que o Presidente Rubens já investiu dinheiro do próprio para manter o clube.

Dessa maneira, a pesquisa analisou a trajetória do Atlético Itapemirim, que apesar da recente profissionalização e falta de recursos conseguiu uma rápida ascensão a elite do futebol capixaba. Com um técnico que possui uma vasta experiência profissional e que conseguiu levar o time a conquista do primeiro campeonato com apenas um ano de trabalho, os profissionais que atuam no Galo da Vila seguem acreditando que podem chegar ainda mais longe, como relataram nas entrevistas. A pesquisa demonstrou que clubes como o Atlético Itapemirim, que despontam no cenário capixaba, rompem a antiga hegemonia do Rio Branco e Desportiva e ajudam na dinamização do futebol capixaba, pois causam um certo barulho, mesmo que pequeno, na imprensa e faz com que os outros clubes revejam as suas estratégias. O bom desempenho do Galo da Vila e de outros clubes “desconhecidos” dá visibilidade e impulsiona o futebol no Espírito Santo.

A pesquisa demonstrou também que se individualmente alguns atletas capixabas conseguem destaque no cenário do futebol nacional, coletivamente a situação é muito diferente. Os clubes capixabas há muitos anos estão se revezando apenas em participações na Série D do Campeonato Brasileiro. Este trabalho demonstrou que o apoio e investimento financeiro visto pela diretoria e atletas do clube como a principal dificuldade enfrentada pelos clubes capixabas é um dos principais desafios para o desenvolvimento do futebol no Espírito Santo. Um desafio, pois como demonstrou este trabalho e a pesquisa realizada pelo Instituto Futura,

o futebol capixaba ainda está em segundo plano no coração dos torcedores capixabas, o que torna o futebol local um negócio pouco atrativo para os investidores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTH, Fredrik. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- BERTAUX, Daniel. *Narrativas de Vida*. São Paulo/ Natal. PAULUS/EDUFRN, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. São Paulo, Papyrus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *A Ilusão Biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; Amado, Janaina. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p.183-191.
- CALIMAN, Orlando. *Formação Econômica do Espírito Santo: De Fragmentos do Período Colonial à Busca de um Projeto de Desenvolvimento*. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*. vol.1 n2.maio/agosto 2012. p.37-62.
- DAMATTA, Roberto. *Esporte na Sociedade: Um ensaio sobre o Futebol Brasileiro*. In: DAMATTA, Roberto e outros – *Universo do futebol: Esporte e sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke.1982.
- DAMO, Arlei Sander. *Do Dom à Profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores de futebol no Brasil e na França*. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2005.
- FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- FIORIO, Jardel Modenesi. *DRIBLANDO EM TERRAS CAPIXABAS: etnografia em uma escolinha de futebol de uma cidade do interior do Espírito Santo*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. 2014.
- FREYRE, Gilberto. *Foot- Ball Mulato*. *Diário de Pernambuco*, Recife. 17 de junho de 1938.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Pulo, Nova Alexandria, 2002.

GUEDES, Lahud Simoni. O Brasil no campo de Futebol: Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998.

GUIMARÃES, Aissa Afonso; OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. Jongos e Caxambus: culturas afro-brasileiras no Espírito Santo. UFES-Proex: Vitória e ES, 2017.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins de (Coord). Relatório técnico de identificação da comunidade remanescente de quilombos de Monte Alegre. Projeto territórios quilombolas no Espírito Santo. Convênio Ufes-Incra. Vitória-ES, 2006.

PEREIRA, LEONARDO Afonso de Miranda. Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. 1998.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, RJ, vol. 2, n. 3, 1989.

_____. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, RJ, vol. 5, n. 10, 1992.

ROSENFELD, Arnato. Negro, Macumba e Futebol- São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993. – (Debates, v.258).

SILVA, Renato de Carvalho Santos. De Homens e Galos: Um Estudo Antropológico sobre um “Jogo Absorvente” na região central do Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria. 2011.

SOARES, Antônio Jorge. LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Futebol: A Construção Histórica do Estilo Nacional. Revista Brasileira de Ciência e Esporte. Campinas. Vol.5. n. 1. p. 129- 143. 2003.

VOGEL, Arno. O Momento Feliz. – Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto e outros – Universo do futebol: Esporte e sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke.1982.

TOLEDO, Luiz Henrique. No País do futebol. Rio de Janeiro: Zahar. 2000.

FONTES CONSULTADAS:

Atlético Itapemirim é o campeão do Capixabão 2017. **RSIM**. Espírito Santo. 7 mai. 2017. Disponível em: < <http://www.rsim.com.br/atletico-itapemirim-e-o-campeao-do-capixabao-2017/> >. Acesso em: 11 nov. 2017.

CAMPOS, Renato. Atlético-ES renova com Zé Humberto e 10 atletas do grupo campeão da Copa ES. **Globo Esporte**. Espírito Santo. 30 nov. 2017.

Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/es/futebol/times/atletico-es/noticia/atletico-es-renova-com-ze-humberto-e-10-atletas-do-grupo-campeao-da-copa-es.ghtml>>. Acesso em 30 nov. 2017.

Copa Espírito Santo: Zé Humberto faz milagre e classifica Atlético-ES. **Agência Futebol Interior**. Espírito Santo. 27 set. 2016.

Disponível: <<https://www.futebolinterior.com.br/futebol/3/noticias/2016-09/Copa-Espirito-Santo:-Ze-Humberto-faz-milagre-e-classifica-Atletico-ES>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

Executivo Municipal recebe jogadores após conquista do título estadual. **Itapemirim**.

Disponível em: <<http://www.itapemirim.es.gov.br/pub.aspx?id=6741>>. Acesso em: 11 nov.2017.

FRIGOLS, Matheus. DNA Rubro-Negro: 67 times que se basearam no Flamengo na fundação. 13 nov. 2015.

Disponível em : < <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2015/11/dna-rubro-negro-67-times-que-se-basearam-no-flamengo-na-fundacao.html> >. Acesso em: 08 mai. 2018.

MAGNO, Sidney. Com título e 70% de aproveitamento , Zé Humberto completa um ano Atlético ES. **Globo Esporte**. Espírito Santo. 16 ago. 2017.

Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/es/futebol/times/atletico-es/noticia/com-titulo-e-70-de-aproveitamento-ze-humberto-completa-um-ano-no-atletico-es.ghtml>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

Para driblar espíões , Zé Humberto trabalha em um novo Atlético-ES. **Globo Esporte**. Espírito Santo. 10 jan. 2018.

Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/es/futebol/times/atletico-es/noticia/para-driblar-espioes-rivais-ze-humberto-trabalha-em-um-novo-atletico-es.ghtml>>. Acesso em 15 jan.2018.

Nos pênaltis, Atlético-ES vence o Espírito Santo e conquista a Copa ES 2017. **Globo Esporte.** Espírito Santo. 14 out.2017. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/es/futebol/copa-espírito-santo/noticia/nos-penaltis-atletico-es-vence-o-espírito-santo-e-conquista-a-copa-es-2017.ghtml>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

Permanência de Zé Humberto no Atlético Itapemirim ainda está indefinida. **Gazeta Online.** Espírito Santo. 21 nov. 2017. Disponível em: <https://www.gazetaonline.com.br/esportes/futebol_capixaba/c_a_itapemirim/2017/11/permanencia-de-ze-humberto-no-atletico-itapemirim-ainda-esta-indefinida-1014108210.html>. Acesso em: 29 nov. 2017.

PINHEIRO, Richard e CHALÓ, Wagner. Presidente do Galo da Vila revela momentos difíceis vividos após problemas com repasse de patrocínio da Prefeitura de Itapemirim. **Globo Esporte.** Espírito Santo. 08 mai. 2017. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/es/futebol/times/atletico-es/noticia/algumas-pessoas-falaram-que-o-atletico-ia-acabar-diz-rubens-pinhoiro.ghtml>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

Prefeitura de Itapemirim mais que dobra o apoio ao Atlético-ES para a temporada 2018. **Globo Esporte.** Espírito Santo. 19 dez. 2017. Disponível: <<https://globoesporte.globo.com/es/futebol/times/atletico-es/noticia/prefeitura-de-itapemirim-mais-que-dobra-o-apoio-ao-atletico-es-para-a-temporada-2018.ghtml>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

Raio X da Final da Copa ES 2017: Atlético ES e Espírito Santo em números. **Globo Esporte.** Espírito Santo. 13 out.2017. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/es/futebol/copa-espírito-santo/noticia/raio-x-da-final-da-copa-es-2017-atletico-es-e-espírito-santo-em-numeros.ghtml>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

Zé Humberto comemora temporada mágica e mais um título no Atlético Itapemirim. **Agência Futebol do Interior.** Espírito Santo. 16 out. 2017. Disponível em: <<https://www.futebolinterior.com.br/futebol/3/noticias/2017-10/ze-humberto-comemora-temporada-magica-e-mais-um-titulo-no-atletico>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

ANEXOS

A CASA DO GALO DA VILA



Foto 1: Estádio José Olímpio Soares – Frente.



Foto 2: Estádio em reforma.

O MANTO



Fotos 3 e 4: Frente e Costa da camisa atual do Atlético Itapemirim.

O PROFESSOR LUCIANO

Foto 5: Arquivo Pessoal.

O PRESIDENTE RUBINHO



Foto 6: Arquivo Pessoal



Foto 7: Arquivo Pessoal. Lembrança dos tempos de jogador: Rubinho em 1982 jogando pelo Botafogo.

O SUPERVISOR WILL



Foto 8: Arquivo Pessoal.

OS ATLETAS DE BASE:

Fotos 9 e 10: Treino das categorias de base: Sub 15 e Sub 17.



Fotos 11 e 12: O Volante Jailton e o Atacante Joaquim.

JOAQUIM E SEUS MOMENTOS ESPECIAIS



Fotos 13 e 14: Arquivo Pessoal. Semifinal da Copa Popular em Marechal Floriano e Joaquim orgulhoso segurando seu “primeiro troféu de artilheiro” da Copa Popular no Kléber Andrade.

O VOLANTE GAÚCHO



Foto 15: Arquivo Pessoal. Gaúcho no treino.

AS LEMBRANÇAS (CEDIDAS PELA MÃE DE GAÚCHO) DO INÍCIO DA CARREIRA



Foto 16: Arquivo Pessoal. Lembrança de uma excursão que realizou com o Juventude para a Alemanha. Gaúcho não lembra o nome da Competição, se lembra apenas que chegaram à final e perderam para o Aston Villa da Inglaterra.



Fotos 17 e 18: Arquivo Pessoal. Estreia na Categoria Juvenil no Internacional e a sua estreia pelo profissional B do Internacional de Porto Alegre.



Fotos 18 e 19: Arquivo Pessoal. Lembrança da Copa Santiago de Futebol Juvenil, segundo Gaúcho foi a realização de um grande sonho ter vestido a camisa do Internacional e sua participação em um amistoso contra o Grêmio de Porto Alegre jogando pelo Juventude.

A SAUDADE DO AMIGO



Foto 20: Arquivo Pessoal. Copa Santiago de Futebol Juvenil. Ao lado de Gaúcho, Felipe Machado, um dos jogadores que morreram no triste acidente do avião da Chapecoence. Gaúcho recorda do momento com saudade do amigo.

A HOMENAGEM



Fotos 21 e 22: Arquivo Pessoal. Paulo Henrique e Gaúcho com a camisa homenageando seu amigo e ex-técnico Paulo Henrique Júnior. O volante fez questão de me enviar essa foto e relatou emocionado que “Essa foto é muito especial para mim, porque devo muito a esse cara, que infelizmente acabou falecendo”. (Gaúcho, 02/01/2018)



Foto 23: Arquivo Pessoal. Vice-campeão com América- RJ. “Um dos melhores times que joguei até hoje, fomos vice-campeões em 2006”. (Gaúcho, 21/02/2018)



Foto 24: Arquivo Pessoal. Lembrança da sua primeira passagem pelo Atlético Itapemirim em 2011.

A REALIZAÇÃO DO SONHO



Foto 25: Arquivo pessoal. Gaúcho segurando o Troféu da Copa Espírito Santo.